



ADAM JOHNSON

# VIDA ROUBADA

UMA SAGA DE AMOR, ESPERANÇA E REDENÇÃO  
NO PAÍS MAIS FECHADO DO MUNDO

*Tradução de Jorge Colaço*





*PARA STEPHANIE —  
Meu sol,  
minha lua,  
minha estrela e  
meu satélite*



*CIDADÃOS*, juntai-vos em volta dos vossos altifalantes, pois temos atualizações importantes! Nas cozinhas, nos escritórios, nas fábricas — onde quer que estejam situados os vossos altifalantes, aumentai o som!

No noticiário, o nosso Querido Líder Kim Jong II foi visto a oferecer ensinamentos no local aos engenheiros que estão a escavar o canal do Rio Taedong.

Ao mesmo tempo que o Querido Líder falava aos operadores das dragas, foram avistadas muitas pombas a agruparem-se espontaneamente por cima dele, pairando de modo a fazer ao nosso Reverendíssimo General a sombra tão necessária num dia quente. Digno de nota é o pedido do Ministério da Segurança Pública de Pyongyang, que pede para que as armadilhas e as laçadas sejam colocadas fora do alcance dos nossos camaradas mais jovens enquanto estiver em vigor a época de emboscada aos pombos. E não vos esqueçais, cidadãos: a proibição de contemplar as estrelas está ainda em vigor.

Mais adiante nesta emissão, revelaremos a receita vencedora do concurso de culinária deste mês. Recebemos centenas de receitas, mas apenas uma pode ser declarada a melhor maneira de preparar Sopa de Casca de Abóbora! Mas em primeiro lugar vêm as graves notícias do Mar de Leste, onde os agressores Americanos acarinharam a ideia de atos de guerra total após terem detido e saqueado um barco de pesca norte-coreano. Uma vez mais, os Ianques violaram águas coreanas para roubarem o conteúdo precioso de um navio soberano, enquanto nos acusam de tudo e mais alguma coisa, de banditismo a rapto, passando por crueldade para com os tubarões. Em primeiro lugar, são os Americanos e os seus fantoches os piratas dos mares. Em segundo lugar, não remou recentemente uma americana à volta do mundo inteiro a fim de desertar para a nossa grande nação, um paraíso dos trabalhadores onde os cidadãos têm tudo o que

precisam? Só isso bastaria como prova de que estas acusações persistentes de rapto são ridículas.

Mas *crueldade para com os tubarões*? Esta acusação tem de ser respondida. Conhecido como o amigo do pescador, o tubarão tem uma velha relação de camaradagem com o povo coreano. No ano de 1592, não ofereceram os tubarões peixe das suas próprias bocas para ajudarem a sustentar os marinheiros do Almirante Yi durante o cerco ao Porto de Okpo? Não desenvolveram os tubarões capacidades de prevenir o cancro para ajudarem os seus amigos humanos a viverem mais e mais saudavelmente? Não come o nosso Comandante Ga, vencedor do Cinturão Dourado, uma apaziguadora taça de sopa de barbatana de tubarão antes de cada combate de *taekwondo* que ganha? E, cidadãos, não vistes com os vossos próprios olhos um filme chamado *Uma Verdadeira Filha do País*, aqui mesmo no Teatro Moranbong em Pyongyang? Então certamente vos lembrareis da cena em que o barco da nossa atriz nacional Sun Moon se voltou na Baía de Inchon quando tentava impedir um ataque furtivo americano. Foi um momento aterrador para todos nós quando os tubarões começaram a rodeá-la, indefesa entre as ondas. Mas não reconheceram os tubarões a modéstia coreana de Sun Moon? Não sentiram eles o cheiro do sangue quente do seu patriotismo e a ergueram nas barbatanas e a transportaram sã e salva até à praia, onde pôde juntar-se à batalha furiosa para repelir os invasores imperialistas?

Só por estes factos, cidadãos, deveis saber que os rumores que circulam em Pyongyang — de que o Comandante Ga e Sun Moon estão algo menos do que extremamente apaixonados — são mentiras sem fundamento! Sem fundamento como a abordagem do nosso inocente barco de pesca por potências estrangeiras, sem fundamento como as estranhas alegações de rapto levantadas contra nós pelos Japoneses. Pensam os Japoneses que nos esquecemos que foram *eles* que um dia escravizaram os nossos maridos e fizeram das nossas esposas as mulheres do seu conforto? Não tem fundamento pensar que qualquer mulher ama mais o seu marido do que Sun Moon. Não observaram os cidadãos como Sun Moon outorgou o Cinturão Dourado ao seu novo marido, de face ruborizada de recato e de amor? Não estáveis reunidos na Praça Kim Il Sung para o testemunhar em primeira mão?

Em que ides acreditar, cidadãos? Em rumores e mentiras, ou nos vossos próprios olhos?

Mas voltemos à programação do resto do dia, que inclui uma retransmissão do glorioso discurso de Kim Il Sung de 15 de agosto, Juche 71<sup>1</sup>, e um

---

<sup>1</sup> O termo Juche designa o conjunto de princípios, enunciados a partir de 1955, que constitui a versão nacional norte-coreana do marxismo-leninismo e que definiu o posiciona-

anúncio público do Ministro do Aprovisionamento, Camarada Buc, sobre o tópico de como prolongar a vida das lâmpadas fluorescentes compactas. Mas, primeiro, cidadãos, um obséquo: é um prazer anunciar-vos que Pyongyang tem uma nova cantora de ópera. O Querido Líder apelidou-a de Adorável Visitante. Ei-la aqui para cantar, satisfazendo o vosso prazer patriótico, as árias de *Mar de Sangue*. Regressai aos vossos tornos mecânicos e aos vossos teares de *vinalon*<sup>2</sup>, cidadãos, e duplicai as vossas quotas de produção enquanto ouvem esta Adorável Visitante cantar a história da maior nação do mundo, a República Democrática Popular da Coreia!

---

mento e atitude do governo após a instauração do culto da personalidade por Kim Il Sung, incluindo a primazia da força militar e a autossuficiência económica, ainda hoje apanágios do regime. Em 1997 começou a ser usado o calendário da Era Juche a partir de 1912, ano de nascimento de Kim Il Sung e ano 1 da nova era. Assim, Juche 71 corresponde a 1982. [N. do T.]

<sup>2</sup> Fibra sintética (também conhecida por *vinylon*) obtida a partir de álcool polivinílico, antracite, pedra de cal e outras matérias-primas. Começou a ser produzida na Coreia do Norte em 1954, tornando-se a fibra nacional do país, com grande diversidade de utilizações, apesar de ser muito rígido e desconfortável. [N. do T.]





PRIMEIRA PARTE  
A BIOGRAFIA DE JUN DO



A *MÃE* de Jun Do era cantora. Era tudo o que o pai de Jun Do, o Guardiã dos Órfãos, diria sobre ela. O Guardiã dos Órfãos guardava uma fotografia de uma mulher no seu pequeno quarto em Longos Amanhãs. Era bem encantadora — olhos grandes e um olhar enviesado, os lábios franzindo-se numa palavra não dita. Uma vez que as mulheres belas da província eram despachadas para Pyongyang, fora certamente isso que acontecera à sua mãe. A verdadeira prova disso era o próprio Guardiã dos Órfãos. À noite bebia, e do dormitório os órfãos ouviam-no chorar e lamentar-se, regateando em surdina com a mulher da fotografia. Apenas a Jun Do era permitido confortá-lo, para, por fim, lhe tirar a garrafa das mãos.

Como o rapaz mais velho de Longos Amanhãs, Jun Do tinha responsabilidades — repartindo a comida, atribuindo beliches, dando outro nome aos rapazes novos a partir da lista dos 114 Grandes Mártires Revolucionários. Mesmo assim, o Guardiã dos Órfãos levava a sério a ideia de não mostrar favoritismo em relação ao filho, o único rapaz de Longos Amanhãs que não era órfão. Quando a coelheira estava suja, era Jun Do que passava a noite fechado dentro dela. Quando os rapazes urinavam os beliches, era Jun Do que raspava o mijo gelado do chão. Jun Do não se gabava mais aos outros rapazes de que era o filho do Guardiã dos Órfãos do que qualquer outro miúdo ali largado pelos pais, a caminho de um campo 9-27<sup>3</sup>. Se alguém quisesse perceber, era bastante óbvio — Jun Do estava lá desde antes de todos eles, e a razão de nunca ter sido adotado era porque o pai jamais deixaria que alguém levasse o seu único filho. E fazia sentido que, depois de a sua mãe ter sido roubada, e levada para Pyongyang, o pai se tivesse

---

<sup>3</sup> Campos de trabalhos forçados onde eram recolhidos todos os considerados vagabundos por se encontrarem longe da terra natal, designados pela data da ordem de detenção dessas pessoas, emitida por Kim Jong Il. [N. do T.]

candidatado à única posição que lhe permitiria ao mesmo tempo ganhar a vida e velar pelo filho.

A prova mais segura de que a mulher da fotografia era a mãe de Jun Do era a forma impiedosa como o Guardião dos Órfãos o destacava para ser castigado. Isso apenas poderia significar que o Guardião dos Órfãos via no rosto de Jun Do a mulher da fotografia, um lembrete diário da mágoa eterna que sentia por tê-la perdido. Só um pai com esse género de sofrimento poderia tirar os sapatos a um miúdo no inverno. Só um verdadeiro pai, de carne e osso, poderia queimar um filho com a extremidade fumegante de uma pá de carvão.

Ocasionalmente, uma fábrica adotava um grupo de crianças, e, na primavera, homens com sotaques chineses vinham fazer as suas escolhas. Tirando isso, quem pudesse alimentar os rapazes e providenciar uma garrafa para o Guardião dos Órfãos poderia ficar com eles durante o dia. No verão, enchiam sacos de areia e, no inverno, utilizavam barras de metal para partir superfícies geladas, nas docas. Nos andares das máquinas, por algumas taças de *chap chai*<sup>4</sup> frio, juntavam à pazada escórias de metal oleoso que saltavam dos tornos industriais. O estaleiro ferroviário, porém, alimentava-os melhor, com *yukejang*<sup>5</sup> picante. Uma vez, quando descarregavam vagões, varreram um pó que parecia sal. Só quando começaram a suar é que ficaram vermelhos, nas mãos, cara e dentes. O comboio estivera carregado de químicos para a fábrica de tinta. Durante semanas, ficaram vermelhos.

E, então, no ano Juche 85, vieram as cheias. Três semanas de chuva, e mesmo assim os altifalantes nada diziam sobre os terraços que se desmoronavam, as barragens de terra que cediam, as aldeias que se precipitavam sobre outras. O Exército estava atarefado a salvar a fábrica Sungli 58 das águas ascendentes, pelo que os rapazes de Longos Amanhãs receberam cordas e compridos ganchos para tentarem caçar pessoas do Rio Chongjin antes que fossem arrastadas para o porto. A água era um torvelinho de madeira, tanques de petróleo e canos de latrinas. Um pneu de trator dava reviravoltas na água, bem como um frigorífico soviético. Ouviram o profundo estrondo dos vagões aos tombos no fundo do rio. O tejadilho de um veículo de transporte de tropas passou a girar com uma família aos gritos agarrada a ele. Então, uma jovem emergiu da água, sorridente mas em silêncio, e o órfão chamado Bo Song apanhou-a com o gancho por um braço — de imediato foi projetado para a corrente. Bo Song era um miúdo frágil quando fora para o orfanato e, quando descobriram que era surdo, Jun Do deu-lhe o nome de Un Bo Song, em honra do 37.º Mártir da Revolução, que ficou

---

<sup>4</sup> Massa do género *noodles*. [N. do T.]

<sup>5</sup> Caldo de carne e couves. [N. do T.]

famoso por ter posto lama nos ouvidos de modo a não poder ouvir as balas enquanto carregava sobre os Japoneses.

Ainda assim, os rapazes gritaram «Bo Song, Bo Song» enquanto corriam pelas margens, competindo com a porção de rio onde Bo Song deveria ter estado. Correram para lá das chaminés caídas da Siderurgia da Unificação e ao longo das bermas lamacentas dos lagos de lixívia de Ryongsong, mas Bo Song nunca mais foi avistado. Os rapazes pararam no porto, as suas águas escuras encordoadas de cadáveres, milhares deles nos espasmos das ondas, parecendo a massa pegajosa de farinha de milho-miúdo que começa a retorcer-se e a saltar quando a frigideira aquece.

Embora não o soubessem, aquilo era o início da epidemia da fome — primeiro a eletricidade desapareceu, depois o serviço de comboios. Quando os apitos estridentes ficaram silenciosos, Jun Do soube que a coisa era má. Um dia, a frota pesqueira saiu e não voltou. Com o inverno apareceram os dedos negros<sup>6</sup> e os velhos adormeceram. Isto foi apenas nos primeiros meses, muito antes dos comedores de cascas. Os altifalantes chamaram à fome uma Árdua Marcha, mas aquela voz era soprada desde Pyongyang. Jun Do nunca ouviu ninguém em Chongjin chamar-lhe isso. O que estava a acontecer-lhes não precisava de ter um nome — era tudo, todas as unhas roídas e engolidas, todos os piscares de olhos, todas as idas à latrina onde tentavam cagar bolas de serradura amassada. Quando toda a esperança desapareceu, o Guardião dos Órfãos queimou os beliches e os rapazes dormiram em redor de um fogareiro a lenha que incandescia na última noite deles. De manhã, fez parar um *Tsir* soviético, o camião militar a que chamavam «corvo» por causa do seu tejadilho de lona negra na traseira. Restavam apenas uma dúzia de rapazes, que cabiam à justa na parte de trás do corvo. O destino de todos os órfãos acabava por ser o Exército. Mas isso foi como Jun Do, aos catorze anos, se tornou soldado de túnel<sup>7</sup>, treinado na arte de combater na mais completa escuridão.

E foi assim que o Agente So deu com ele, oito anos depois. O velho, na realidade, foi abaixo do chão para ver Jun Do, que ficara de um dia para o outro, com a sua equipa, no interior de um túnel que corria dez quilómetros sob a Zona Desmilitarizada da Coreia<sup>8</sup>, quase até aos arredores de Seul. Quando saíam de um túnel, caminhavam sempre de costas, para que os olhos se ajustassem, e ele quase esbarrou com o Agente So, cujos ombros

---

<sup>6</sup> Cogumelos da espécie *Xylaria polymorpha* que crescem junto de troncos apodrecidos. [N. do T.]

<sup>7</sup> Referência aos túneis que existem sob a fronteira entre o Sul e o Norte. [N. do T.]

<sup>8</sup> Faixa de terra com 250km de comprimento e cerca de 4km de largura que, pelo Armistício assinado pela Coreia do Norte, a China e as forças da ONU, em 1953, divide o Norte e o Sul da Península Coreana, traçando uma diagonal sobre o paralelo 38. [N. do T.]

e grande caixa torácica falavam por si de alguém que amadurecera nos velhos tempos, antes das campanhas de Chollima<sup>9</sup>.

— És o Pak Jun Do? — perguntou ele.

Quando Jun Do se virou, um círculo de luz brilhou por trás do cabelo branco do homem, cortado à escovinha. A pele da face era mais escura do que a do escalpe ou a do maxilar, fazendo com que parecesse que acabara de cortar a barba e o cabelo espesso e rebelde.

— Sou eu — disse Jun Do.

— É um nome de Mártir — disse o Agente So. — É uma coisa de órfão? Jun Do assentiu com a cabeça.

— É — disse ele. — Mas não sou órfão.

Os olhos do Agente So pousaram sobre o crachá vermelho do *taekwondo* sobre o peito de Jun Do.

— Muito bem — disse o Agente So, e atirou-lhe um saco.

Dentro dele havia umas calças de ganga, uma camisola amarela com um pónei de polo e uns sapatos chamados *Nike*, que Jun Do reconheceu de tempos idos, quando o orfanato era utilizado para acolher carregamentos de coreanos que tinham sido atraídos de volta do Japão com promessas de empregos no Partido e de apartamentos em Pyongyang. Os órfãos ostentavam estandartes de boas-vindas e cantavam canções do Partido para que os coreanos japoneses descessem o passadiço do *ferry*, apesar do estado horrível de Chongji e dos corvos que estavam à espera de os transportarem a todos para os campos de trabalho *kwan li so*<sup>10</sup>. Era como se tivesse sido ontem, vendo aqueles rapazes perfeitos de ténis novos, regressarem finalmente a casa.

Jun Do ergueu a camisola amarela na mão.

— Que devo fazer com isto? — perguntou ele.

— É o teu novo uniforme — disse o Agente So. — Não enjoas no mar, pois não?

\*

---

<sup>9</sup> Cavalo alado da mitologia chinesa, cujo nome foi utilizado, a partir de 1956, para designar uma campanha destinada a promover o rápido desenvolvimento económico, cujo pilar era o incentivo ideológico a mais produção e o objetivo, tornar o país autossuficiente. O cavalo alado tornou-se um símbolo e está representado numa estátua de 46 metros de altura em Pyongyang. [N. do T.]

<sup>10</sup> Um dos tipos de campos de trabalho existentes na Coreia do Norte, cujos prisioneiros não são objeto de qualquer processo judicial e são muitas vezes acompanhados por membros da família das três gerações imediatas. O tempo de encarceramento é incerto, podendo durar toda a vida. Uma das ocupações possíveis deste tipo de presos é o trabalho nas minas. [N. do T.]

Não enjoava. Apanharam um comboio para o porto oriental de Chollhwang, onde o Agente So confiscara um barco de pesca, cuja tripulação estava com tanto medo dos seus visitantes militares que usou emblemas com Kim Il Sung durante todo o caminho através do mar até à costa do Japão. Sobre as águas, Jun Do viu pequenos peixes alados e um nevoeiro durante toda a manhã, tão denso que roubava as palavras das bocas. Não havia altifalantes a retumbarem durante o dia todo, e todos os pescadores tinham os retratos das respetivas mulheres tatuados no peito. O mar era espontâneo de uma forma que nunca antes vira — mantinha-lhe o corpo incerto quanto ao que se encostar no momento seguinte, e, no entanto, isso poderia não fazer diferença. O vento na mastreação parecia em comunicação com as ondas que carregavam o casco e, estendido sobre a casa do leme, sob as estrelas da noite, parecia a Jun Do que aquele era um lugar onde um homem poderia fechar os olhos e expirar.

O Agente So levava também um homem de nome Gil, como tradutor. Gil lia romances japoneses no convés e escutava por auscultadores ligados a um pequeno leitor de cassetes. Jun Do tentou falar a Gil apenas uma vez, abordando-o para lhe perguntar o que estava a ouvir. Antes que Jun Do pudesse abrir a boca, Gil parou o leitor e disse a palavra «Ópera».

Iam buscar alguém — alguém numa praia — e levar esse alguém de volta com eles. Isso era tudo o que o Agente So diria sobre a viagem.

No segundo dia, ao cair da noite, conseguiram ver as luzes distantes de uma cidade, mas o Capitão não levou o barco para mais perto.

— Isto é o Japão — disse ele. — Não tenho cartas destas águas.

— Eu digo-lhe até onde nos vamos aproximar — disse o Agente So ao Capitão e, enquanto um marinheiro sondava o fundo, dirigiram-se para terra.

Jun Do vestiu-se, apertando o cinto para que as rijas calças de ganga não lhe caíssem.

— Estas roupas são do último tipo que raptou? — perguntou Jun Do.

— Não rapto ninguém há anos — disse o Agente So.

Jun Do sentiu os músculos da face contraírem-se e uma sensação de horror atravessou-o.

— Acalma-te — disse o Agente So. — Já fiz isto um cento de vezes.

— A sério?

— Bem, vinte e sete vezes.

O Agente So levava um pequeno bote e, quando estavam próximos da costa, ordenou aos pescadores que o descessem. Para oeste, o Sol estava a pôr-se sobre a Coreia do Norte, e, com a mudança de direção do vento, estava agora mais fresco.

O bote era minúsculo, pensou Jun Do, quase só cabia nele uma pessoa,

quanto mais três e uma vítima de rapto a debater-se. Munido de um par de binóculos e um termo, o Agente So desceu para o bote. Gil foi a seguir. Quando Jun Do ocupou o seu lugar, junto de Gil, a água negra saltou pela borda e de imediato os seus sapatos ficaram ensopados. Hesitou sobre revelar que não sabia nadar.

Gil tentava fazer com que Jun Do repetisse frases em japonês. Boa-noite — *Konban wa*. Desculpe, estou perdido — *Choto sumimasen, michi ni mayomashita*. Ajuda-me a encontrar o meu gato? — *Watashi no neko ga maigo ni narimashita?*

O Agente So apontou na direção da praia, pressionando em demasia o motor fora de bordo, um fatigado Vpresna soviético. Virando para norte e navegando paralelamente à costa, o bote inclinava-se para terra quando uma ampla onda se encaracolava e erguia, depois voltava a balançar na direção do mar aberto à medida que a ondulação voltava a sossegar.

Gil pegou nos binóculos, mas em vez de os assentar sobre a praia, estudou os altos edifícios, a forma como os neones da baixa ganhavam vida.

— É o que eu vos digo — disse Gil. — Aqui não houve nenhuma Árdua Marcha.

Jun Do e o Agente So trocaram um olhar.

O Agente So disse a Gil:

— Insiste outra vez em como se diz «como estás».

— *Ogenki desu ka* — disse Gil.

— *Ogenki desu ka* — repetiu Jun Do. — *Ogenki desu ka*.

— Diz isso como se fosse «Como estás, meu caro concidadão?», *Ogenki desu ka* — disse o Agente So. — Não como se fosse: como estás, estou prestes a extrair-te desta praia de merda.

— É isso que lhe chama, extrair? — perguntou Jun Do.

— Há muito tempo, era assim que lhe chamávamos. — Fez um sorriso amarelo. — Diz apenas aquilo bem dito.

— Porque não enviar lá Gil? É ele quem fala japonês — disse Jun Do.

O Agente So voltou a olhar para as águas.

— Sabes porque estás aqui.

— Porque está ele aqui? — perguntou Gil.

O Agente So disse:

— Porque combate no escuro.

Gil virou-se para Jun Do.

— Quer dizer que é isso que fazes, é a tua carreira? — perguntou-lhe.

— Lidero uma equipa de incursão — disse Jun Do. — A maior parte das vezes corremos no escuro, mas sim, sim, também se combate.

— Pensava eu que o meu trabalho era fodido — disse Gil.

— Qual era o teu trabalho? — perguntou Jun Do.



— Antes de ir para a escola de línguas? — perguntou Gil. — Minas terrestres.

— Quê, tinhas de as neutralizar?

— Quem me dera.

Aproximaram-se cerca de duzentos metros da praia, depois vaguearam ao longo das praias do Município de Kagoshima. Quanto mais a luz era ténue, mais intrincadamente Jun Do a conseguia ver refletida na arquitetura de cada onda que os empurrava.

Gil ergueu a mão.

— Ali — disse ele. — Há alguém na praia. Uma mulher.

O Agente So reduziu a potência e pegou nos binóculos. Segurou-os com firmeza e regulou-os, levantando e baixando os farfalhudos sobrolhos brancos enquanto focava.

— Não — disse ele, devolvendo os binóculos a Gil. — Olha com atenção, são duas mulheres. Estão a caminhar juntas.

— Pensei que estava à procura de um tipo — disse Jun Do.

— Não importa — disse o velho. — Desde que a pessoa esteja sozinha.

— Quê, temos apenas de agarrar uma pessoa qualquer?

O Agente So não respondeu. Por um momento, não se ouviu mais nada a não ser o som do Vpresna. Depois o Agente So disse:

— No meu tempo, tínhamos uma divisão inteira, um orçamento. Estou a falar de um barco veloz, de uma arma tranquilizante. Vigíavamos, infiltrávamos, escolhíamos a dedo. Não extraíamos o tipo de homem de família, e nunca retirávamos crianças. Reformei-me com uma folha de serviço impecável. Olhem para mim, agora. Devo ser o único que resta. Aposto que sou o único que conseguiram encontrar que ainda se lembra de como isto se faz.

Gil fixou algo na praia. Limpou as lentes dos binóculos, mas na realidade estava demasiado escuro para ver alguma coisa. Passou-os a Jun Do.

— O que consegues distinguir? — perguntou ele.

Quando Jun Do ergueu os binóculos, mal conseguiu discernir uma figura masculina que se movia ao longo da praia, junto à água — na verdade, era apenas uma mancha mais clara sobre a mancha mais escura. Depois, um qualquer movimento chamou a atenção de Jun Do. Um animal corria pela praia em direção ao homem — devia ser um cão, mas grande, do tamanho de um lobo. O homem fez qualquer coisa e o cão afastou-se.

Jun Do virou-se para o Agente So.

— Há um homem. Tem um cão com ele.

O Agente So endireitou-se e pôs uma mão sobre o motor fora de bordo.

— Está sozinho?

Jun Do assentiu.

— O cão é um akita?

Jun Do não conhecia as raças. Uma vez por semana, os órfãos limpavam uma quinta com cães. Os cães eram animais nojentos que se atiravam às pessoas em qualquer oportunidade — podia ver-se onde tinham atacado os postes do canil, roendo a madeira com os caninos. Isso era tudo o que Jun Do precisava de saber sobre cães.

— Desde que o bicho abane a cauda. É a única coisa com que tens de te preocupar — disse o Agente So.

— Os Japoneses treinam os cães para fazer pequenos truques — disse Gil. — Diz ao cão: cão bonito, senta. *Yoshi yoshi. Osuwari kawaii desu ne.*

— Queres calar-te com o japonês? — disse Jun Do.

Jun Do queria perguntar se havia um plano, mas o Agente So virou pura e simplesmente em direção à praia. Em Panmujom, Jun Do era o líder do seu pelotão de túnel, pelo que tinha uma ração de licor e crédito semanal para uma das mulheres. Dentro de três dias, tinha os quartos de final do torneio de *taekwondo* do Exército Popular da Coreia.

O pelotão de Jun Do varria todos os túneis sob a Zona Desmilitarizada da Coreia uma vez por mês, e trabalhavam sem luzes, o que significava correr ao longo de quilómetros na total escuridão, utilizando apenas luzes vermelhas quando chegavam ao fim de um túnel, e precisavam de inspecionar o selo das vedações e as armadilhas. Trabalhavam como se pudessem encontrar os Sul-Coreanos a qualquer momento, e, exceto na estação das chuvas, quando os túneis estavam demasiado enlameados para serem usados, treinavam diariamente na completa escuridão, mano a mano. Dizia-se que os soldados da Coreia do Sul tinham óculos infravermelhos de visão noturna americanos. A única arma que os rapazes de Jun Do tinham era a escuridão.

Quando as ondas engrossaram e se sentiu a entrar em pânico, Jun Do virou-se para Gil.

— Então, que trabalho é esse que é pior do que desarmar minas terrestres?

— Fazer o mapa delas — disse Gil.

— Quê, com um detetor?

— Os detetores de metal não funcionam — disse Gil. — Os Americanos agora usam minas de plástico. Fazíamos mapas de onde poderiam provavelmente estar, usando a psicologia e o terreno. Quando um trilho nos força o passo ou as raízes de uma árvore nos dirige os pés, é aí que assumimos a existência de uma mina e marcamos-la. Passávamos a noite toda num campo de minas, arriscando as vidas a cada passo, e para quê? Quando a manhã viesse, as minas ainda lá estavam, o inimigo ainda lá estava.

Jun Do sabia quem tinha os piores trabalhos — reconhecimento de túneis, submarinos de doze tripulantes, minas, bioquímicos — e, subitamente, viu Gil de modo diferente.

— Então, és órfão — disse ele.

Gil pareceu chocado.

— Não, de modo nenhum. Tu és?

— Não — disse Jun Do. — Eu não.

A unidade do próprio Jun Do era constituída por órfãos, embora no caso de Jun Do fosse um erro. O endereço do cartão do EPC era o de Longos Amanhãs, e foi isso que o condenou. Foi uma falha que ninguém na Coreia do Norte pareceu capaz de reparar, e, agora, era este o seu destino. Passara a sua vida entre órfãos, compreendia a condição especial deles, pelo que não os odiava como a maior parte das pessoas. Apenas não era um deles.

— E agora és tradutor? — perguntou-lhe Jun Do.

— Se trabalhares nos campos de minas tempo suficiente — disse Gil — eles recompensam-te. Enviam-te para algum lugar confortável como uma escola de línguas.

O Agente So soltou uma pequena risada ácida.

A espuma branca dos molhes varria agora o interior do bote.

— A chatice é que — disse Gil — quando vou pela rua, penso: era aqui que eu poria uma mina terrestre. Ou dou por mim a não pôr o pé em certos sítios, como a soleira das portas ou a frente de um urinol. Já nem consigo ir a um parque.

— Um parque? — perguntou Jun Do. Nunca vira um parque.

— Chega — disse o Agente So. — Está na altura de dar a essa escola de línguas um novo professor de Japonês. — Abrandou a velocidade e a ondulação tornou-se mais sonora, e o bote oscilou entre as ondas.

Viam a silhueta de um homem na praia a olhar para eles, mas agora não podiam fazer nada, apenas a vinte metros de terra. Quando Jun Do sentiu o barco começar a virar-se, saltou para fora para o equilibrar, e, embora ficasse apenas com água pela cintura, as ondas submergiram-no com toda a força. A maré fê-lo rolar no fundo arenoso antes de voltar à superfície a tossir.

O homem na praia não disse nada. Estava quase tudo escuro quando Jun Do saiu da água.

Jun Do respirou fundo, depois limpou a água do cabelo.

— *Konban wa* — disse ele ao estranho. — *Odenki kesu da.*

— *Odenki desu ka* — gritou Gil do barco.

— *Desu ka* — repetiu Jun Do.

O cão apareceu a correr com uma bola amarela.

Por um momento o homem não se mexeu. Depois deu um passo atrás.

— Apanhem-no — gritou o Agente So.

O homem fugiu e Jun Do perseguiu-o de calças encharcadas, de sapatos rígidos pela areia dentro deles. O cão era grande e branco, pulando de excitação. O japonês correu a direito pela praia, quase invisível se não fosse o cão mover-se à sua volta. Jun Do correu, dando tudo por tudo. Concentrou-se apenas no baque das passadas que soavam adiante como batidas do coração amortecidas pela areia. Então fechou os olhos. Nos túneis, Jun Do desenvolvera uma forma de sentir as pessoas que não conseguia ver. Se estivessem lá, conseguia senti-lo, e se pudesse chegar suficientemente perto, conseguia focar-se nelas. O pai, o Guardiã dos Órfãos, sempre lhe transmitira a sensação de que a sua mãe estava morta, mas isso não era verdade, ela estava viva e bem viva, estava apenas fora de alcance. E ao mesmo tempo que nunca ouvira notícias sobre o que acontecera ao Guardiã dos Órfãos, Jun Do sentia que o pai não pertencia já a este mundo. O elemento-chave para combater na escuridão não era diferente: tinha-se de apreender o oponente, senti-lo, e jamais usar a imaginação. A escuridão no interior da nossa cabeça é algo que a imaginação enche de histórias que nada têm a ver com a escuridão verdadeira que nos rodeia.

À sua frente ouviu o baque corpóreo de alguém a cair no escuro, um som que Jun Do ouvira mil vezes. Aproximou-se do local onde o homem se punha de pé. Coberto de areia, o seu rosto era fantasmagórico. Os dois bufavam e sopravam, o bafo de ambos manchando de branco a escuridão. A verdade era que Jun Do nunca se saía assim tão bem nos torneios. Quando se combate no escuro, um golpe apenas diz ao nosso oponente onde estamos. No escuro, tem de se socar como se perfurássemos alguém. Máxima extensão é o mais importante — socos de carregador de feno e pontapés circulares que varram toda uma porção de espaço com a intenção de partir uma pessoa pelo meio. Num torneio, porém, os opositores veem movimentos como esses a um quilómetro de distância. Apenas se desviam. Mas um homem numa praia, à noite, equilibrado sobre pés feitos numa bola? Jun Do executou um pontapé traseiro à meia-volta dirigido à cabeça, e o estranho tombou.

O cão ficou pleno de energia — talvez excitação, ou frustração. Escavou na areia junto ao homem inconsciente, depois largou a bola. Jun Do queria atirá-la, mas não se atreveu a chegar perto daqueles dentes. A cauda, notou de súbito Jun Do, não estava a abanar. Jun Do viu uma cintilação no escuro, os óculos do homem, descobriu ele. Pô-los e o brilho difuso acima das dunas transformou-se em nítidos pontos de luz nas janelas das pessoas.

Em vez de grandes prédios residenciais, os Japoneses viviam em construções mais pequenas e individualizadas.

Jun Do pôs os óculos no bolso, depois pegou nos tornozelos do homem e começou a puxá-lo. O cão rosnava e dava pequenos latidos agressivos. Quando Jun Do olhou por cima do ombro, o cão rosnava junto ao rosto do homem, usando as patas para lhe arranhar a face e a testa. Jun Do baixou a cabeça e puxou. O primeiro dia num túnel não tem problema, mas quando se acorda, no segundo dia, da escuridão de um sonho para a escuridão de verdade, é que tem de se abrir os olhos. Se mantivermos os olhos fechados, a nossa mente mostrar-nos-á todas as espécies de filmes loucos, como um cão a atacar-nos por trás. Mas com os olhos abertos, tudo o que se tinha de enfrentar era a insignificância do que realmente se estava a fazer.

Quando por fim Jun Do encontrou o bote no escuro, deixou cair o peso morto sobre a sua estrutura de alumínio. O homem abriu os olhos por uma vez e revirou-os, mas sem consciência.

— Que lhe fizeste à cara? — perguntou Gil.

— Onde estavam vocês? — perguntou Jun Do. — Este tipo é pesado.

— Sou apenas o tradutor — disse Gil.

O Agente So deu uma palmada nas costas de Jun Do.

— Nada mau para um órfão — disse ele.

Jun Do virou-se para ele.

— Não sou porra nenhuma de órfão — disse ele. — E quem diabo é você, a dizer que fez isto um cento de vezes? Viemos para aqui, sem qualquer plano, para me fazer correr atrás de um tipo qualquer? Nem sequer saiu do barco.

— Tinha de ver de que eras feito — disse o Agente So. — Da próxima vez, usaremos os teus miolos.

— Não haverá próxima vez — disse Jun Do.

Gil e Jun Do viraram o bote em direção às ondas. Levaram com elas enquanto o Agente So punha o motor a trabalhar com um sacão. Quando os quatro já estavam lá dentro e a dirigirem-se para o mar aberto, o Agente So disse:

— Olha, isto vai-se tornando mais fácil. O melhor é não pensar nisso. Eu fiz merda quando disse que tinha raptado vinte e sete pessoas. Nunca fiz contagens. À medida que venham, esquece-os, um a um. Apanha-os com as mãos e depois deixa-os sair da tua cabeça. Faz o oposto de fazer contagens.

Conseguiam ouvir o cão na praia, mesmo por cima do ruído do motor. Não importava quanto se afastassem, os seus uivos eram levados sobre as águas, e Jun Do soube que iria ouvir aquele cão para sempre.

Ficaram numa base Songun<sup>11</sup>, não longe do Porto de Kinjye. Era rodeado por búnqueres de terra para mísseis terra-ar e, quando o Sol se pôs, conseguiam ver os carris brancos dos lança-mísseis a brilhar à luz da Lua. Devido ao facto de, agora, terem estado no Japão, tinham de dormir separados dos soldados regulares do EPC. Estavam instalados os três na enfermaria, um pequeno quarto com seis catres. O único sinal de que se tratava de uma enfermaria era um gabinete isolado cheio de instrumentos para tirar sangue e um velho frigorífico chinês com uma cruz vermelha na porta.

Tinham trancado o japonês num dos buracos de confinamento da parada, e Gil estava lá naquele momento, praticando o seu japonês através do orifício da porta. Jun Do e o Agente So encostaram-se à moldura da janela da enfermaria, repartindo um cigarro enquanto observavam Gil lá fora, sentado na terra, polindo frases idiomáticas com o homem que ajudara a raptar. O Agente So abanou a cabeça, como se dissesse que agora vira tudo o que havia para ver. Havia um doente na enfermaria, um pequeno soldado com cerca de dezasseis anos, de ossos entretecidos devido à fome. Jazia numa maca, batendo os dentes. O fumo do cigarro provocava-lhe ataques de tosse. Afastaram o catre o mais possível, no pequeno quarto, mas ainda assim isso não fez com que se calasse.

Não havia nenhum médico. A enfermaria era apenas um lugar onde os soldados doentes eram instalados até se tornar claro que não recuperariam. Se o jovem soldado não tivesse melhorado pela manhã, os polícias militares ligavam-lhe um tubo e tiravam-lhe quatro unidades de sangue. Jun Do já assistira a isso e, tanto quanto podia dizer, era a melhor maneira de uma pessoa se ir. Demorava apenas uns minutos — primeiro, ficavam sonolentos, depois com os olhos um pouco sonhadores, e se existisse um último pequeno pânico no final, não importava pois já não conseguiam falar e, por fim, antes de se apagarem, pareciam agradavelmente confusos, como um grilo a quem tivessem arrancado as antenas.

O gerador do campo calou-se — lentamente as luzes enfraqueceram, o frigorífico ficou silencioso.

O Agente So e Jun Do ocuparam os seus catres.

Havia um japonês. Levou o cão a dar um passeio. E depois não estava em lado nenhum. Para as pessoas que o conheciam, estaria para sempre

---

<sup>11</sup> Expressão que designa, desde 1960, a política norte-coreana de primazia dos militares nos assuntos do Estado, quer no campo político e social, quer económico, seja no plano interno ou externo. [N. do T.]

em nenhures. Era assim que Jun Do pensava dos rapazes escolhidos pelos homens com sotaques chineses. Estavam ali e depois estavam em nenhures, levados como Bo Song para lugares desconhecidos. Era isso que pensava da maior parte das pessoas — surgindo na nossa vida como crianças abandonadas na soleira da porta para depois serem varridas como se levadas por uma cheia. Mas Bo Song não fora para nenhures — quer se tenha afundado até ao território das enguias-lobo ou, inchado, tenha sido arrastado pela maré para norte, até Vladivostok, ele fora para algures. O japonês também não estava em nenhures — estava na câmara de confinamento, mesmo ali fora, no campo de treino. E a mãe de Jun Do — passava-lhe isso agora pela cabeça — estava algures, naquele preciso momento, num determinado apartamento da capital, olhando-se talvez ao espelho, a escovar o cabelo antes de ir para a cama.

Pela primeira vez em muitos anos, Jun Do fechou os olhos e permitiu-se recordar o rosto dela. Era perigoso sonhar assim com pessoas. Se o fazemos, em breve estarão connosco no túnel. Isso acontecera muitas vezes quando se recordava de rapazes de Longos Amanhãs. Um passo em falso e subitamente um rapaz seguia-nos, no escuro. Dizia-nos coisas, inquirindo porque não fôramos nós quem sucumbira ao frio, porque não fôramos nós quem caíra no tanque da tinta, e ficávamos com a sensação de que, a qualquer momento, um pontapé frontal nos cruzaria o rosto.

Mas ali estava ela, a sua mãe. Ali estendido, escutando os tremores do soldado, a voz dela chegou até ele. «Arirang», cantou ela, a voz dorida, no limite do sussurro, vinda de um algures desconhecido. Até mesmo aqueles órfãos merdosos sabiam onde estavam os pais deles.

Mais tarde, Gil entrou aos tropeções. Abriu o frigorífico, o que era proibido, e pôs qualquer coisa lá dentro. Depois, deixou-se cair sobre o seu catre. Gil dormia com os braços e as pernas estendidos para além da beira, e Jun Do adivinhava que, em criança, devia ter tido uma cama só para si. Um instante depois, adormeceu.

Jun Do e o Agente So levantaram-se, no escuro, e foram ao frigorífico. Quando o Agente So puxou a pega da porta, exalou dele um leve bafo fresco. Ao fundo, atrás de pilhas de sacos quadrados de sangue, o Agente So pescou uma garrafa meio vazia de *soju*<sup>12</sup>. Fecharam a porta rapidamente, porque aquele sangue destinava-se a Pyongyang, e, se se estragasse, seria um inferno pagá-lo.

Levaram a garrafa até à janela. Ao longe, cães ladravam nos seus canis.

---

<sup>12</sup> Bebida alcoólica parecida com a vodka, inicialmente feita a partir de arroz, mas hoje produzida com batata, batata-doce, tapioca, cevada ou trigo. [N. do T.]

No horizonte, por cima dos búnqueres de mísseis, havia um resplendor no céu, o luar refletido pelo oceano. Atrás deles, Gil começou a bufar-se enquanto dormia.

O Agente So bebeu.

— Acho que o nosso velho Gil não está habituado à dieta de bolos de milho e sopa de sorgo.

— Quem diabo é ele? — perguntou Jun Do.

— Esquece-o — disse o Agente So. — Não sei porque Pyongyang começou com isto, tantos anos depois, mas espero que dentro de uma semana nos vejamos livres dele. Mais uma missão, e, se tudo correr bem, não voltaremos a ver este tipo outra vez.

Jun Do bebeu um gole — o estômago arrepanhou-se-lhe com a fruta e o álcool.

— Qual é a missão? — perguntou ele.

— Primeiro, mais um treino de corrida — disse o Agente So. — Depois, vamos à procura de alguém especial. A Ópera de Tóquio passa o verão em Niigata. Há uma soprano. O nome dela é Rumina.

O gole seguinte de *soju* desceu suavemente.

— Ópera? — perguntou Jun Do.

O Agente So encolheu os ombros.

— Provavelmente algum tipo importante de Pyongyang ouviu um contrabandista falar dela e tem de a ter à força.

— Gil sobreviveu à experiência das minas terrestres — disse Jun Do. — Por isso, enviaram-no para a escola de línguas. É verdade, isso funciona assim, dão recompensas?

— Estamos atados a Gil, sim? Mas não lhe dê ouvidos. Dá-me ouvidos a mim.

Jun Do estava silencioso.

— Ora, tens o coração apostado nalguma coisa? — perguntou o Agente So. — Até sabes o que quererias como recompensa?

Dun Jo abanou a cabeça.

— Então, não te preocupes com isso.

O Agente So foi até ao canto e inclinou-se sobre o balde da latrina. Firmou-se contra a parede e contraiu-se durante bastante tempo. Não aconteceu nada.

— Eu consegui fazer um ou dois milagres no meu tempo — disse ele. — Fui recompensado. Olha para mim, agora. — Abanou a cabeça. — A recompensa que queres é esta: não fiques como eu.

Jun Do olhava fixamente para a câmara de confinamento pela janela.

— O que lhe vai acontecer?

— Ao homem do cão? — perguntou o Agente So. — Provavelmente,



está um par de agentes Pubyok no comboio de Pyongyang neste momento para o levarem.

— Sim, sim, mas o que lhe vai *acontecer*?

O Agente So esforçou-se uma última vez para urinar um pouco.

— Não faças perguntas estúpidas — disse ele entre dentes.

Jun Do pensou na sua mãe num comboio para Pyongyang.

— Pode-se pedir uma pessoa, como recompensa?

— O quê, uma mulher? — O Agente So sacudiu o *umkyoung* com frustração. — Sim, sim, pode-se pedir isso.

Regressou e bebeu o resto da garrafa, guardando apenas uma nica no fundo. Deitou-a, uma gota de cada vez, sobre os lábios do soldado moribundo. O Agente So despediu-se dele, dando-lhe uma pequena palmada no peito, depois enfiou a garrafa vazia no interior do ângulo formado pelo braço encharcado em suor do rapaz.

\*

Confiscaram um novo barco de pesca, realizando mais uma travessia. Sobre a Bacia Tsushima, ouviram os potentes cliques, como murros no peito, dos cachalotes a caçarem lá em baixo, e, nas proximidades da ilha de Dogo, ergueram-se subitamente do mar espirais de granito, brancas até ao cimo da caca dos pássaros e cor de laranja em baixo devido às grandes aglomerações de estrelas-do-mar. Jun Do levantou os olhos na direção do promontório norte da ilha, negro vulcânico, delineado por abetos-anões. Aquele era um mundo forjado de moto próprio, sem mensagem nem propósito, uma paisagem que não daria testemunho para uma sucessão de grandes líderes. Havia um famoso complexo turístico naquela ilha e o Agente So pensava que poderia apanhar um turista sozinho na praia. Mas, quando atingiram o sotavento da ilha, havia um barco vazio na água, um *Avon* preto insuflável, de seis lugares, com um motor *Honda* de cinquenta cavalos. Levaram o bote até lá para investigarem. O *Avon* estava abandonado, não havia viva alma sobre as águas. Subiram a bordo e o Agente So pôs o motor *Honda* a trabalhar. Parou-o. Tirou a lata de gasolina da pequena embarcação, e juntos inclinaram-na sobre a água — encheu-se depressa, afundando primeiro a ré com o peso do *Vpresna*.

— Agora somos uma equipa como deve ser — disse o Agente So enquanto admiravam o novo barco.

Foi então que o mergulhador apareceu à superfície.

Levantando a máscara, o mergulhador exibiu um ar de incerta interrogação ao descobrir três homens no seu barco. Mas estendeu-lhes um saco

de abalone<sup>13</sup> e aceitou a mão de Gil para o ajudar a subir a bordo. O mergulhador era maior do que eles, musculado, e envergava um fato de borracha.

O Agente So disse a Gil:

— Diz-lhe que o nosso bote estava danificado e se afundou.

Gil falou com o mergulhador, que se riu, gesticulando desenfreadamente.

— Eu sei que o vosso barco se afundou — traduziu Gil. — Quase me caiu em cima da cabeça.

Então, o mergulhador reparou num barco de pesca ao longe. Levantou a cabeça na sua direção.

Gil deu-lhe uma palmada nas costas e disse-lhe qualquer coisa. O mergulhador olhou-o bem nos olhos e, depois, entrou em pânico. Os pescadores de abalone, como se viu, trazem com eles um tipo especial de faca nos tornozelos, e Jun Do demorou muito tempo a subjugá-lo. Por fim, agarrou-o pelas costas e começou a apertar, o fato de borracha borrifando água à medida que o seu golpe de tesoura adensava o abraço estrangulador.

Quando a faca voou, Gil teve de saltar borda fora.

— Que porra lhe disseste? — perguntou Jun Do.

— A verdade — disse Gil, abrindo caminho pela água.

O Agente So fizera um corte bastante grande no antebraço. Fechou os olhos com a dor. «Mais treino» foi tudo o que conseguiu dizer.

\*

Meteram o mergulhador no porão do barco de pesca e prosseguiram para terra. Nessa noite, ao largo da cidade de Fukura, puseram o *Avon* na água. Junto ao comprido pontão de pesca de Fukura, instalara-se um parque de diversões de verão, com lanternas penduradas e gente idosa a cantar karaoke num palco público.

Aqui, Jun Do, Gil e o Agente So rodearam o quebra-mar da praia, à espera que os tubos de néon da montanha-russa se apagassem e que a música amacacada do órgão da feira se silenciasse. Por fim, uma figura solitária ergueu-se na extremidade do pontão. Quando viram a ponta vermelha de um cigarro, perceberam que era um homem. O Agente So pôs o motor a trabalhar. Avançaram lentamente, o pontão avolumando-se à medida que se aproximavam da parte de trás. No local onde os pilares mergulhavam na ondulação agitada, era o caos, com algumas ondas saltando a direito e outras fletindo, perpendiculares à praia.

— Usa o teu japonês — disse o Agente So a Gil. — Diz que perdeste

---

<sup>13</sup> Molusco gastrópode muito popular na Ásia. [N. do T.]

o cachorro ou alguma coisa do género. Aproxima-te. Depois, por cima da grade. É uma grande queda. Quando ele vier ao cimo, irá lutar para entrar no barco.

Gil saiu quando alcançaram a praia.

— Percebi tudo — disse ele. — Este é meu.

— Oh, não — disse o Agente So. — Vão os dois.

— A sério — disse Gil. — Acho que consigo tratar dele.

— Sai — disse o Agente So a Jun Do. — E põe esses malditos óculos.

Atravessaram os dois a linha de maré e chegaram a uma pequena praça. Havia bancos e uma pequena zona de comércio, uma loja de chá de persianas corridas. Parecia não haver nenhuma estátua, e não conseguiram perceber o que a praceta glorificava. As árvores estavam carregadas de ameixas, tão maduras que a pele rachava e o sumo corria pelas mãos deles. Parecia impossível, uma coisa em que não se acreditava. Um homem sebento estava a dormir num dos bancos, e eles ficaram a olhar em admiração, uma pessoa a dormir em qualquer lugar que escolhesse. Gil olhava para todas as casas em redor. Pareciam tradicionais, com vigas de madeira escura e telhados de cerâmica, mas via-se que eram novas em folha.

— Quero abrir todas estas portas — disse ele. — Sentar-me nas cadeiras deles, ouvir a música deles.

Jun Do olhou-o fixamente.

— Tu percebes — disse Gil. — Só para ver.

Os túneis terminavam sempre com uma escada que levava até à abertura de uma toca de coelho. Os homens de Jun Do rivalizavam para escaparem e vaguearem durante um bocado pela Coreia do Sul. Regressavam com histórias sobre máquinas que entregavam dinheiro e pessoas que apanhavam o cocó dos cães e o punham em sacos. Jun Do nunca olhava. Sabia que as televisões eram enormes e havia arroz com fatura. Mesmo assim, não queria nada com aquilo — temia que, se o visse com os seus próprios olhos, toda a sua vida não significasse nada. Roubar nabos a um velho que cegara com a fome? Não teria servido para nada. Enviar outro rapaz, em vez de ir ele próprio, limpar os tanques da fábrica de tinta? Para nada.

Jun Do deitou fora a ameixa meio trincada.

— Já tive melhor — disse ele.

No pontão, caminharam pelo estrado de madeira, manchado por anos de pesca com isco. Adiante, na extremidade, viram um rosto, iluminado pelo brilho azulado de um telemóvel.

— Empurra-o por cima da grade — disse Jun Do.

Gil respirou fundo.

— Por cima da grade — repetiu ele.

Havia garrafas vazias e pontas de cigarro sobre o pontão. Jun Do ca-

minhava calmamente em frente e sentia Gil, a seu lado, tentando acompanhá-lo. De baixo chegava o borbulhar gutural de um motor fora de bordo em espera. Adiante, a figura parou de falar ao telefone.

— *Dare?* — dirigiu-se-lhes uma voz. — *Dare nano?*

— Não respondas — murmurou Jun Do.

— É uma voz de mulher — disse Gil.

— Não respondas — disse Jun Do.

O capuz de um casaco foi puxado para trás, revelando o rosto de uma mulher jovem.

— Não sou feito para isto — disse Gil.

— Mantém-te fiel ao plano.

Os passos deles pareciam impossivelmente ruidosos. Jun Do lembrou-se de que, um dia, tinham ido homens buscar a sua mãe daquela maneira, que ele era agora um desses homens.

Então, caíram sobre ela. Era pequena, sob o casaco. Abriu a boca, como se fosse gritar, e Jun Do viu que tinha um objeto fino de metal ao longo dos dentes. Prenderam-lhe os braços e forçaram-na a encostar-se à grade.

— *Zenzen oyogenai'n desu* — disse ela, e embora Jun Do não soubesse falar japonês, percebeu que era uma confissão brutal e suplicante, tal como «sou virgem».

Atiraram-na por cima da grade. Caiu em silêncio, não se ouvindo uma palavra, nem mesmo a tentativa de arrebatat um sorvo de ar. Jun Do viu algo lampear-lhe nos olhos, porém; não era medo, nem inconsciência dele. Viu que ela pensava nos pais e como eles jamais saberiam o que lhe sucedera.

De baixo, chegou um ruído de chapinhar e o matraquear de um motor. Jun Do não conseguia libertar-se daquele lampejo nos olhos dela.

O telefone dela estava no pontão. Apanhou-o e pô-lo junto do ouvido. Gil tentou dizer qualquer coisa, mas Jun Do silenciou-o.

— Mayumi? — perguntou uma voz de mulher. — Mayumi?

Jun Do carregou em alguns botões para parar. Quando se inclinou sobre a grade, o barco erguia-se e baixava por entre as vagas.

— Onde está ela? — perguntou Jun Do.

O Agente So olhava para as águas.

— Foi ao fundo — disse ele.

— Que quer dizer com foi ao fundo?

Ele ergueu as mãos.

— Bateu e depois desapareceu.

Jun Do virou-se para Gil.

— O que disse ela?

Gil disse:

— Ela disse: *não sei nadar*.

— «Não sei nadar?» — perguntou Jun Do. — Ela disse que não sabia nadar e tu não me fizeste parar?

— Atirá-la por sobre a grade, era esse o plano. Disseste para me manter fiel a ele.

Jun Do olhou de novo para as águas negras, que eram profundas naquele local, na extremidade do pontão. Ela estava lá em baixo, aquele seu grande casaco era como uma vela na corrente, o corpo rebolando nas areias do fundo.

O telefone tocou. Emitiu um brilho azulado e vibrou na mão de Jun Do. Ele e Gil fixaram o olhar nele. Gil pegou-lhe e escutou, de olhos arregalados. Jun Do percebeu, mesmo de onde estava, que era uma voz de mulher, uma voz de mãe.

— Deita-o fora — disse-lhe Jun Do. — Atira-o, sem mais.

Os olhos de Gil deambulavam enquanto escutava. A mão tremia-lhe. Assentiu com a cabeça por diversas vezes. Quando disse «*Hai*», Jun Do agarrou-o. Espetou o dedo nos botões do aparelho. No seu pequeno ecrã, apareceu a fotografia de um bebé. Atirou-o ao mar.

Jun Do foi até à grade.

— Como consegui não fazer a contagem? — gritou ele ao Agente So, lá em baixo. — Como consegui não fazer a contagem?

\*

Aquilo foi o fim do treino. Era tempo de ir buscar a dama da ópera. O Agente So deveria atravessar o Mar do Japão num navio pesqueiro, ao passo que Jun Do e Gil apanhavam o *ferry* noturno de Chongjin para Niigata. À meia-noite, com a cantora na mão, encontrar-se-iam com o Agente So na praia. A simplicidade, disse o Agente So, era a chave do plano.

Jun Do e Gil deviam tomar o comboio da tarde para norte, até Chongjin. Na estação, havia famílias a dormir sob as plataformas de carga, à espera da escuridão para conseguirem fazer a viagem para Sinuiju, que ficava apenas a algumas braçadas da China pelo Rio Tumen.

Foram a pé para o Porto de Chongjin, passando pela Fundação da Reunificação, com as enormes gruas enferrujadas colocadas em posição, as linhas de cobre que conduziam à fornalha há muito surripiadas e levadas para a sucata. Blocos de apartamentos vazios, montras das lojas tapadas com papel pardo. Não havia roupa lavada a secar, não havia cheiro a refogado no ar. Todas as árvores tinham sido cortadas durante a epidemia de fome, e, agora, anos depois, os rebentos eram todos do mesmo tamanho, os troncos da grossura de um tornozelo, os ramos nus surgindo nos locais

mais estranhos — nos bidões de água da chuva que havia na extremidade dos algerozes, nos ralos e sarjetas, uma árvore irrompendo de uma latrina exterior, onde um esqueleto humano cagara a sua indigesta semente.

Longos Amanhãs, quando lá chegaram, não parecia maior do que a enfermaria.

Jun Do não deveria tê-lo apontado, pois Gil insistiu em entrarem. Estava apenas cheia de sombras. Tudo fora arrancado para servir de combustível — até as molduras das portas tinham sido queimadas. O rol dos 114 Grandes Mártires Revolucionários, pintado na parede, era a única coisa que restava.

Gil não acreditava que Jun Do nomeara todos os órfãos.

— A sério que memorizaste todos os Mártires? — perguntou ele. — Então quem é o número onze?

— É Ha Shin — disse Jun Do. — Quando foi capturado, cortou a própria língua para que os Japoneses não pudessem obter informações através dele. Havia aqui um rapaz que não falava, dei-lhe o nome dele.

Gil correu a lista com o dedo.

— Aqui estás tu — disse ele. — Mártir número setenta e seis, Pak Jun Do. Qual é a história deste?

Jun Do tocou o negrume no chão, onde o fogareiro um dia estivera.

— Apesar de ter matado muitos soldados japoneses — disse ele — os revolucionários da unidade de Pak Jun Do não acreditaram nele porque descendia de uma linhagem impura. Para provar a sua lealdade, enforcou-se.

Gil olhou-o fixamente.

— Deste-lhe o teu próprio nome? Porquê?

— Ele passou o teste de lealdade definitivo.

O quarto do Guardião dos Órfãos não era, afinal, maior do que o estrado do enxergão. E, do retrato da mulher atormentadora, Jun Do apenas conseguiu encontrar o buraco do prego.

— Era aqui que tu dormias? — perguntou Gil. — No quarto do Guardião dos Órfãos?

Jun Do mostrou-lhe o buraco do prego.

— Era aqui que estava pendurado o retrato da minha mãe.

Gil inspecionou-o.

— Houve aqui um prego, sim — disse ele. — Diz-me, se viveste com o teu pai, como é que tens um nome de órfão?

— Não me podia dar o nome dele — disse ele — ou toda a gente veria o modo vergonhoso como tinha sido forçado a criar o filho dele. E não suportava dar-me o nome de outro homem, mesmo o de um Mártir. Tive de ser eu a fazê-lo.

A expressão de Gil era vazia.

— E a tua mãe? — perguntou ele. — Qual era o nome dela?

Ouviram a buzina do *ferry* Mangyongbon-92, ao longe.

— Como se pôr um nome aos meus problemas resolvesse alguma coisa — disse Jun Do.

\*

Nessa noite, Jun Do permaneceu na escuridão da popa do navio, olhando para a turbulência provocada pelo seu rasto. *Rumina*, não parava de pensar. Não ouviu a sua voz, nem se permitiu visualizá-la. Apenas se perguntou como passaria ela aquele último dia, se soubesse o que estava para vir.

Era meio da manhã quando entraram no Porto de Bandai-jima — as casas da alfândega ostentavam bandeiras internacionais. Grandes cargueiros, pintados de um azul humanitário, estavam a ser carregados de arroz, nos seus ancoradouros. Jun Do e Gil tinham documentos forjados e, envergando polos, calças de ganga e ténis, desceram o passadiço em direção à baixa de Niigata. Era domingo.

A caminho do auditório, Jun Do viu um jato comercial atravessar o céu, deixando um enorme penacho atrás de si. Boquiaberto, pescoço torcido — espantoso. Tão espantoso que decidiu fingir normalidade em relação a tudo, como as luzes coloridas que controlavam o tráfego ou a forma como os autocarros ajoelhavam como bois para deixar entrar as pessoas idosas. Claro que os parquímetros podiam falar e as portas dos escritórios abriam-se quando eles passavam. Claro que não havia um bidão com água, nem concha, na casa de banho.

O espetáculo da tarde era uma miscelânea de trabalhos que a trupe de ópera iria pôr em cena na temporada seguinte, pelo que todos os cantores ofereciam, à vez, breves árias. Gil parecia conhecer as canções, trauteando-as durante a sua execução. *Rumina* — pequena, de ombros largos — subiu ao palco com um vestido cor de grafite. Os seus olhos eram escuros sob a franja cortante. Jun Do percebia que ela já conhecera a tristeza, apesar de não saber que as suas maiores provações estavam por vir, que nessa noite, quando caísse a escuridão, a sua vida se tornaria uma ópera, que Jun Do era a figura sombria do final do primeiro ato que leva a heroína para uma terra de lamentações.

Cantou em italiano, depois em alemão e, depois, em japonês. Quando, por fim, cantou em coreano, tornou-se evidente por que razão Pyongyang a escolhera. A canção era bela, a sua voz era agora leve, cantando sobre dois amantes num lago, e a canção não era sobre o Querido Líder, nem sobre

derrotar os imperialistas, nem sobre o orgulho de uma fábrica norte-coreana. Era sobre uma rapariga e um rapaz num barco. A rapariga exibia um *choson-ot*<sup>14</sup> branco, o rapaz uma expressão cheia de alma.

Rumina cantou em coreano e o seu vestido era cor de grafite, e poderia ter cantado também sobre uma aranha que tece um fio branco para capturar os seus ouvintes. Jun Do e Gil deambularam pelas ruas de Niigata presos por aquele fio, fingindo que não estavam prestes a raptá-la da aldeia dos artistas perto dali. Um verso ficara a retinir na mente de Jun Do acerca de como, no meio da água, os amantes decidiram não remar mais.

Caminharam pela cidade em transe, à espera de escurecer. Os anúncios, em especial, produziam um certo efeito em Jun Do. Não havia anúncios na Coreia do Norte, mas ali havia-os nos autocarros e em cartazes, passando em ecrãs de vídeo. De imediato, implorando — casais agarrando-se um ao outro, uma criança tristonha —, perguntou a Gil o que dizia cada um deles, mas as respostas referiam-se a seguros de automóveis e tarifas de telefone. Através de uma janela, observaram mulheres coreanas a cortarem unhas dos pés a mulheres japonesas. Por divertimento, experimentaram uma máquina de venda automática e receberam um saco de laranjas que nenhum deles provaria.

Gil parou diante de uma loja que vendia equipamento de exploração submarina. Na montra, havia um grande saco feito para guardar material de mergulho. Era de *nylon* preto, e o vendedor mostrou-lhes como lá caberia tudo o que era necessário para uma aventura submarina para dois. Compraram-no. Perguntaram a um homem que puxava um carrinho se o podia emprestar e ele disse-lhes que poderiam obter um no supermercado. Lá dentro, era quase impossível dizer o que a maior parte das caixas e pacotes continha. Não viram em lado nenhum as coisas importantes, como molhos de rabanetes e baldes de nozes. Gil adquiriu um rolo de fita adesiva resistente e, na secção de brinquedos, um pequeno estojo de aguarelas. Gil, pelo menos, tinha alguém para quem comprar uma lembrança.

Caiu a escuridão, as fachadas das lojas acenderam-se subitamente com neones vermelhos e azuis e os salgueiros foram sinistramente iluminados a partir de baixo. Os faróis dos carros encandeavam-no. Jun Do sentiu-se exposto, destacado. Onde estava o toque de recolher? Porque não respeitavam os Japoneses o escuro, como as pessoas normais?

Pararam no exterior de um bar, havendo ainda tempo para matar. No interior, havia gente a rir e a falar.

Gil sacou dos *yens* que tinham levado.

---

<sup>14</sup> Vestido tradicional da Coreia. [N. do T.]



— Não tem sentido voltar com eles — disse ele.

Lá dentro, pediram uísques. Estavam também duas mulheres no bar, e Gil pagou-lhes as bebidas. Sorriam e regressaram à conversa.

— Viste os dentes delas? — perguntou Gil. — Tão brancos e perfeitos, como os dentes das crianças. — Quando Jun Do discordou, Gil disse: — Acalma-te, sim? Descontraí.

— É fácil para ti — disse Jun Do. — Não tens de subjugar ninguém esta noite. E, depois, carregar com ela através da cidade. E se não encontrarmos o Agente So na praia...

— Como se isso fosse o pior — disse Gil. — Não vês ninguém aqui a planear fugir para a Coreia do Norte. Não os vês a irem extrair gente das nossas praias.

— Esse tipo de conversa não ajuda.

— Anda lá, bebe — disse Gil. — Eu meto a cantora no saco esta noite. Não és o único tipo capaz de dominar uma mulher, sabes? Quão difícil pode isso ser?

— Eu trato da cantora — disse Jun Do. — Tu apenas te manténs junto a nós.

— Eu consigo enfiar uma cantora num saco, certo? — disse Gil. — Consigo empurrar um carrinho de compras. Tu bebe, provavelmente não vais ver o Japão nunca mais.

Gil tentou falar com as japonesas, mas elas sorriram e ignoraram-no. Depois pagou uma bebida à empregada do bar. Ela aproximou-se e falou com ele enquanto vertia a bebida. Tinha ombros estreitos, mas a sua camisola era apertada e o cabelo absolutamente negro. Beberam juntos e ele disse qualquer coisa para a fazer rir-se. Quando ela foi satisfazer um pedido, Gil virou-se para Jun Do.

— Se dormires com uma destas raparigas — disse Gil — sabes que isso aconteceu porque ela quis, não é como aquelas raparigas de conforto para militares a tentarem obter nove carimbos por dia no livro de quotas ou uma miúda da fábrica a arranjar marido por causa de um lugar no bloco habitacional. Lá, as raparigas bonitas nem sequer levantam os olhos para nós. Nem mesmo se pode tomar uma chávena de chá sem que o pai arranje logo o casamento.

*Raparigas bonitas?*, pensou Jun Do.

— O mundo acha que sou órfão, é essa a minha maldição — disse-lhe Jun Do. — Mas como é que um rapaz de Pyongyang como tu acaba a fazer trabalhos tão merdosos?

Gil pediu mais bebidas, apesar de Jun Do mal ter tocado na dele.

— Ires para aquele orfanato baralhou-te realmente a cabeça — disse Gil. — Só porque já não me assoo com a mão, isso não significa que não

seja um rapaz do campo, de Myoshun. Devias mudar-te também. No Japão, podes ser quem quiseres.

Ouviram chegar uma moto, e do lado de fora da janela viram um homem estacioná-la, alinhada com outras motos. Quando retirou a chave da ignição, escondeu-a debaixo do rebordo do depósito de gasolina. Gil e Jun Do olharam um para o outro.

Gil sorveu o seu uísque, rodando-o dentro da boca e depois inclinando a cabeça para gargarejar delicadamente.

— Não bebes como um rapaz do campo.

— Não bebes como um órfão.

— Não sou órfão.

— Bem, isso é bom — disse Gil. — Porque a única coisa que os órfãos da minha unidade de minas terrestres sabiam fazer era gamar — cigarros, meias, *soju*. Não detestas quando alguém te gama o teu *soju*? Na minha unidade, devoravam tudo à volta deles, como um cão digere as suas crias, e, como agradecimento, deixavam as suas pequenas poias de merda.

Jun Do fez o sorriso que as pessoas fazem quando estão descontraídas, um momento antes de serem atingidas.

Gil continuou.

— Mas tu és um tipo decente. És leal como o tipo na história do mártir. Não precisas de dizer a ti mesmo que o teu pai era isto e que a tua mãe era aquilo. Podes ser quem tu quiseres. Reinventa-te por uma noite. Esquece esse bêbedo e o buraco do prego na parede.

Jun Do pôs-se de pé. Deu um passo atrás para ficar à distância certa para projetar um pontapé aéreo. Fechou os olhos, sentiu o espaço, visualizou a rotação da anca, a perna a erguer-se, o chicote do dorso do pé à medida que executava a torção. Jun Do lidara com aquilo durante toda a sua vida, as formas pelas quais era impossível para gente de famílias normais conceber um homem de tal modo ferido que não conseguia reconhecer o seu próprio filho, não havendo nada pior do que uma mãe que abandona os seus filhos, embora isso acontecesse a toda a hora, que «gamar» era uma palavra que as pessoas usavam para os que tinham tão pouco para dar que nem era mensurável. Quando Jun Do abriu os olhos, Gil compreendeu o que estava prestes a acontecer.

Atrapalhou-se com a bebida.

— Eh lá — disse ele. — Erro meu, está bem? Venho de uma família grande, não sei nada acerca de órfãos. Devíamos ir andando, temos coisas para fazer.

— Muito bem, então — disse Jun Do. — Vamos lá ver como tratas essas tais mulheres bonitas de Pyongyang.

Por trás do auditório ficava a aldeia dos artistas — uma série de casas de campos em redor de uma nascente termal. Via-se a corrente de água, ainda fumegante de tão quente, a correr desde o balneário. De uma brancura mineral, tombava por rochedos nus e esbranquiçados em direção ao mar.

Esconderam o carrinho, depois Jun Do impulsionou Gil por cima da cerca. Quando Gil deu a volta para lhe abrir o portão metálico, parou por um instante e os dois olharam-se por entre as grades antes de ele levantar o trinco e o deixar entrar.

Pequeníssimos feixes de luz iluminavam o caminho de lajes até à cabana de Rumina. Por cima deles, o verde-escuro e o branco das magnólias obliterava as estrelas. No ar havia um odor a coníferas e cedro, a algo do oceano. Jun Do cortou duas tiras de fita adesiva e pendurou-as nas mangas de Gil.

— Dessa forma — sussurrou Jun Do — estarão prontas a usar.

O olhar de Gil era de excitação e descrença.

— Então, vamos só irromper por ali adentro? — perguntou ele.

— Eu trato de abrir a porta — disse Jun Do. — Depois, tu pões-lhe essas fitas na boca.

Jun Do arrancou uma laje grande do caminho e levou-a até à porta. Apoiou-a no puxador e quando arremessou a anca num golpe contra ela, a porta abriu-se. Gil correu na direção de uma mulher, sentada na cama, apenas iluminada por uma televisão. Jun Do olhou da porta enquanto Gil lhe punha a fita na boca, mas, depois, sobre os lençóis, na brandura da cama, a maré pareceu mudar. Escapou-se-lhe uma madeixa de cabelo. Então ela agarrou-o pela gola, que usou para o fazer perder o equilíbrio. Por fim, ele alcançou-lhe o pescoço, e caíram ao chão, onde ele usou o seu peso sobre ela, fazendo com que os pés dela se encolhessem com a dor. Jun Do olhou longamente para aqueles dedos: as unhas tinham sido pintadas de vermelho vivo.

A princípio, Jun Do pensara, *Agarra-a aqui, aperta-a ali*, mas depois foi invadido por uma sensação de enjoo. Enquanto os dois reboavam, Jun Do viu que ela se urinara, e a rudeza daquilo, a brutalidade do que estava a acontecer, era de uma clareza nova para ele. Gil estava a submetê-la, prendendo-lhe os pulsos e os tornozelos com fita, e ela estava agora de joelhos, com ele a estender o saco e a abrir o fecho. Quando alargou a abertura de molde a que ela coubesse, os seus olhos — grandes e húmidos — soçobraram e ela oscilou com uma tontura. Jun Do tirou os óculos, e a névoa melhorou as coisas.

Lá fora, respirou profundamente. Ouvia Gil a debater-se para a do-

brar de maneira a caber no saco. As estrelas sobre o oceano, agora difusas, faziam-no lembrar-se de como se sentira livre naquela primeira noite em que cruzaram o Mar do Japão, como se sentira em casa a bordo de um navio de pesca. De novo lá dentro, viu que Gil puxara o fecho do saco de modo a que apenas se visse o rosto de Rumina, narinas dilatadas para respirar. Gil erguia-se sobre ela, exausto mas sorridente. Apertou o tecido das calças contra o baixo-ventre para que ela notasse o contorno da sua ereção. Quando ela arregalou os olhos, fechou o resto do saco.

Rapidamente, revistaram as coisas dela. Gil embolsou *yens* e um colar de pedras vermelhas e brancas. Jun Do não sabia em que agarrar. Numa mesa, havia frascos de medicamentos, cosméticos, uma pilha de fotografias de família. Quando os seus olhos pousaram sobre o vestido cor de grafite, tirou-o do cabide.

— Que raio estás tu a fazer? — perguntou Gil.

— Não sei — disse-lhe Jun Do.

O carrinho, sobrecarregado, estalava ruidosamente a cada solavanco do passeio. Não falaram. Gil estava arranhado e tinha a camisa rasgada. Parecia que usava maquilhagem e esta se esborratara. Um fluido amarelo vivo subira-lhe pela crosta no local onde lhe faltava cabelo. Quando o betão se inclinava, nas beiras, as rodas tinham tendência para girarem de forma estranha e fazerem resvalar o carrinho, despejando a carga no pavimento.

Fardos de cartão forravam as ruas. Com mangueiras, os ajudantes de cozinha lavavam tapetes das cozinhas para as sarjetas. Um autocarro vazio e reluzente passou como um jato. Junto do parque, um homem passeava um grande cão branco que parou e os fitou. O saco contorcia-se por momentos, depois ficava imóvel. Numa esquina, Gil disse a Jun Do para virar à esquerda, e, no fundo de uma colina íngreme, do outro lado de um parque de estacionamento, lá estava a praia.

— Vou vigiar a retaguarda — disse Gil.

O carrinho parecia querer libertar-se — Jun Do duplicou a força na pega.

— Está bem — respondeu ele.

De trás, Gil disse:

— Eu pisei o risco há pouco com aquela conversa dos órfãos. Não sei o que é os pais terem morrido ou desistido. Vejo agora que errei.

— Não faz mal — disse Jun Do. — Não sou órfão.

De trás, Gil disse:

— Conta-me então sobre a última vez que viste o teu pai.

O carrinho continuava a tentar soltar-se. De cada vez que isso acontecia, Jun Do tinha de se inclinar para trás e travar com os pés.

— Bem, não houve nenhuma festa de despedida ou coisa que se parecesse.

O carrinho deu um sacão para diante e arrastou Jun Do uns metros antes de ele retomar o controle.

— Estive lá mais tempo do que qualquer outro; não iria ser adotado nunca, o meu pai não deixaria que alguém levasse o seu único filho. De qualquer modo, ele foi ver-me naquela noite, tínhamos queimado os beliches, pelo que eu estava no chão. Gil, ajuda-me aqui.

Subitamente, o carrinho acelerou numa correria. Jun Do tropeçou quando ele se libertou do aperto das suas mãos e rolou sozinho encosta abaixo. O carrinho variou de velocidade ao atravessar o parque de estacionamento, e, ao atingir a borda do passeio mais distante, saltou pelos ares, arremessando o saco preto para a areia escura.

Voltou-se, mas não avistou Gil em lado nenhum.

Jun Do correu para o areal, passando pelo saco e pela forma estranha como tombara. Chegado à linha de água, perscrutou as ondas à procura do Agente So, mas não havia ali nada. Verificou os bolsos — não tinha mapa, nem relógio, nem lanterna. De mãos nos joelhos, não conseguia recuperar o fôlego. Passando por ele, flutuando pela praia, ia o vestido cor de grafite, enchendo e esvaziando ao vento, aos tombos pela areia até ser engolido pela noite.

Encontrou o saco, virou-o. Abriu um pouco o fecho, e saiu um bafo de calor lá de dentro. Arrancou-lhe a fita do rosto, que estava esfolado por queimaduras do *nylon*. Ela falou-lhe em japonês.

— Não percebo — disse ele.

Em coreano, ela disse:

— Graças a Deus, salvou-me.

Ele estudou-lhe o rosto. Como estava esfolado e ofegante.

— Um psicopata qualquer prendeu-me aqui — disse ela. — Graças a Deus, você veio atrás, pensei que estava morta, e então você apareceu e libertou-me.

Jun Do olhou novamente à procura de qualquer sinal de Gil, mas sabia que não iria haver nenhum.

— Obrigada por me tirar dali — disse ela. — Realmente obrigada por me ter libertado.

Jun Do experimentou as tiras de fita com os dedos, mas elas tinham perdido muito da sua viscosidade. Havia um tufo de cabelo preso numa fita. Soltou-o ao vento.

— Meu Deus — disse ela. — Você é um deles.

O vento fez entrar areia no saco, nos olhos dela.

— Acredite — disse ele. — Sei pelo que está a passar.

— Não tem de ser um tipo mau — disse ela. — Existe bondade em si, consigo ver isso. Solte-me e cantarei para si. Nem vai acreditar como posso cantar.

— A sua canção tem-me perturbado — disse ele. — Aquela sobre o rapaz que escolhe parar de remar no meio do lago.

— Isso foi apenas uma ária — disse ela. — De uma ópera inteira, cheia de subenredos, adversidades e traições.

Jun Do inclinava-se agora mais próximo dela.

— O rapaz parou porque resgatou a rapariga e chegou à outra margem tem de a entregar aos seus superiores? Ou ele roubou-a e, por conseguinte, sabe que o espera uma punição?

— É uma história de amor — disse ela.

— Compreendo isso — disse ele. — Mas qual é a resposta? Seria possível ele saber que está marcado para ir para um campo de trabalho?

Ela perscrutou-lhe o rosto, como se *ele* soubesse a resposta.

— Como é que acaba? — perguntou ele. — Que lhes acontece?

— Deixe-me sair e contar-lhe-ei — disse ela. — Abra o saco e cantarei o final para si.

Jun Do agarrou o fecho e correu-o. Falou para o *nylon* negro, no sítio onde estivera o rosto dela.

— Mantenha os olhos abertos — disse ele. — Eu sei que não há nada para ver, mas seja o que for que aconteça, não os feche. A escuridão e o confinamento não são os seus inimigos.

Arrastou o saco para a linha de água. O oceano, espumoso e frio, cobria-lhe os sapatos enquanto perscrutava as ondas à procura do Agente So. Quando uma onda se espraiou até mais longe e lambeu o saco, ela gritou lá dentro, e ele nunca ouvira tamanho guincho. Na praia, ao longe, uma luz cintilou na sua direção. O Agente So ouvira-a. Levou o insuflável preto para perto e Jun Do arrastou o saco até à ondulação. Usando as alças, os dois fizeram-na rolar para dentro do barco.

— Onde está Gil? — perguntou ele.

— Gil desapareceu — disse Jun Do. — Estava mesmo a meu lado, e depois deixou de estar. — Estavam metidos na água até aos joelhos, a equilibrar o barco. As luzes da cidade refletiam-se nos olhos do Agente So.

— Sabes o que aconteceu aos outros agentes com esta missão? — perguntou ele. — Éramos quatro. Agora sou só eu. Os outros estão na Prisão 9; já ouviste falar nesse sítio, homem dos túneis? A prisão é toda debaixo da terra. É uma mina e, quando lá se entra, nunca mais se vê o Sol.

— Meter-me medo não vai mudar nada. Não sei onde ele está.

O Agente So prosseguiu:

— Há uma porta de ferro na entrada da mina, e uma vez que se passe

por ela, acabou-se; lá dentro não existem guardas, nem médicos, nem cafetaria, nem casas de banho. Cava-se no escuro e quando se arranja algum minério, arrasta-se até à superfície para negociar através das grades alguma comida, velas e picaretas. Nem mesmo os corpos saem de lá.

— Pode estar em qualquer parte — disse Jun Do. — Ele fala japonês.

A voz de Rumina soou de dentro do saco.

— Posso ajudar-vos — disse ela. — Conheço Niigata como a palma das minhas mãos. Deixem-me sair e juro que o encontrarei.

Ignoraram-na.

— Quem é este tipo? — perguntou Jun Do.

— O menino mimado de um ministro qualquer — disse o Agente So. — É o que me dizem. O papá mandou-o para aqui para ganhar calo. Sabes como é, o filho do herói é sempre o menos bravo.

Jun Do voltou-se e avaliou as luzes de Niigata.

O Agente So pôs a mão no ombro de Jun Do.

— Tu és valente — disse ele. — Quando chega o momento de dar, dás. — Retirou a alça de *nylon* do saco e deu um nó corredio numa das extremidades. — Gil tem um nó de força à volta da merda dos nossos pescoços. Agora é a vez dele.

\*

Jun Do caminhou pela zona de armazéns com uma calma estranha. A Lua, tal como estava, refletia-se por igual em cada poça, e quando fez sinal a um autocarro para parar, o condutor olhou para ele uma única vez e não lhe pediu bilhete. O autocarro estava vazio, exceção feita a dois velhos coreanos no banco de trás. Ainda traziam os seus chapéus de papel branco de empregados de um restaurante de comida rápida. Mas eles abanaram as cabeças. Jun Do precisava da moto para ter alguma hipótese de encontrar Gil naquela cidade. Mas, se Gil tivesse alguns miolos, tanto ele como a moto teriam desaparecido há muito. Quando Jun Do virou a esquina no bar de uísque, a moto preta cintilou junto ao lancil. Passou uma perna sobre o assento, tocou nos punhos do guiador. Mas quando apalpou debaixo do rebordo do depósito, não havia lá nenhuma chave. Virou-se para as janelas da frente do bar e, do outro lado do vidro, lá estava Gil, a rir com a empregada do bar.

Jun Do sentou-se ao lado de Gil, que estava concentrado a pintar uma aguarela. Tinha a caixa aberta e mergulhava o pincel num pequeno cálice de água tingida de púrpura e verde. Era uma paisagem, com manchas de bambus e trilhos abertos através de um campo de pedras. Gil levantou os olhos para Jun Do, depois molhou o pincel, fazendo-o girar sobre o amarelo para salientar as hastes do bambu.

— És tão estúpido — disse-lhe Jun Do.

— O estúpido és tu — disse Gil. — Tens a cantora, quem voltaria atrás por minha causa?

— Eu — disse-lhe Jun Do. — Dá-me lá a chave.

A chave da moto estava sobre o balcão e Gil fê-la deslizar até ele.

Rodopiou os dedos no ar para pedir uma nova rodada. A empregada do bar aproximou-se. Usava o colar de Rumina. Gil falou com ela, depois sacou de metade dos *yens* e deu-a a Jun Do.

— Disse-lhe que a próxima rodada é por tua conta — disse Gil.

A empregada serviu três copos de uísque, depois disse qualquer coisa que fez rir Gil.

Jun Do perguntou:

— Que disse ela?

— Disse que pareces muito forte, mas é pena seres um mariquinhas.

Jun Do olhou para Gil. Este encolheu os ombros.

— Talvez eu lhe tenha contado que nos envolvemos numa briga por causa de uma miúda. Disse-lhe que estava a ganhar até me puxares o cabelo.

— Ainda estás a tempo de sair disto — disse Jun Do. — Nós não dizemos nada, juro. Regressamos e será como se nunca tivesses fugido.

— Parece-te que estou a fugir? — perguntou Gil. — Além disso, não posso deixar a minha namorada.

Gil estendeu a aguarela à rapariga e ela pendurou-a na parede para secar, junto de uma outra, que a representava de ar radiante, com o colar vermelho e branco. Semicerrando os olhos a alguma distância, Jun Do compreendeu subitamente que Gil pintara, não uma paisagem, mas um mapa pastoril e exuberante de um campo de minas terrestres.

— Então estiveste nos campos de minas — disse ele.

— A minha mãe enviou-me para Mansudae a fim de estudar pintura — disse Gil. — Mas o pai decidiu que os campos de minas fariam de mim um homem, e puxou alguns cordelinhos. — Teve de se rir com a ideia de puxar cordelinhos para se ser colocado numa rotina suicida. — Achei um modo de fazer os mapas, mais do que fazer o mapeamento.

Enquanto falava, trabalhou rapidamente numa outra aguarela, uma mulher, de boca muito aberta, iluminada a partir de baixo de modo a que as órbitas ficassem escuras. Desde logo assumiu uma aparência com Rumina, embora não se soubesse dizer se estava a cantar com grande intensidade ou a gritar pela sua vida.

— Diz-lhe que vais beber uma última bebida — disse Jun Do e passou à rapariga todo o dinheiro.

— Lamento, a sério, tudo isto — disse Gil. — A sério que lamento.



Mas não vou a lado nenhum. Considera a cantora de ópera uma dádiva, e apresenta os meus remorsos.

— Foi o teu pai que quis a cantora, é por isso que estamos aqui?

Gil ignorou-o. Começou a pintar um retrato de si próprio e Jun Do, juntos, cada um deles com o polegar para cima. Exibiam sorrisos forçados e espalhafatosos, e Jun Do não quis que ele terminasse.

— Vamos embora — disse Jun Do. — Não queres chegar atrasado à noite do karaoke no Yanggakdo ou seja o que for que fazem as elites para se divertirem.

Gil não se mexeu. Salientava os músculos de Jun Do, tornando-os excessivamente grandes, como os de um gorila.

— É verdade — disse Gil. — Provei bife de vaca e de avestruz. Vi o *Titanic* e estive na internet uma dezena de vezes. E, sim, sim, há karaoke. Todas as semanas há uma mesa vazia onde uma família se costumava sentar, mas que depois desapareceu, ninguém se refere a ela, e as canções que costumava cantar desapareceram da máquina.

— Prometo — disse Jun Do. — Volta e ninguém ficará a saber nunca.

— A questão não é se vou ou não contigo — disse Gil. — É por que razão tu não vens comigo.

Se Jun Do quisesse desertar, poderia tê-lo feito numa dúzia de oportunidades. No final de um túnel, era tão fácil como subir uma escada e acionar uma porta de mola.

— Neste país completamente estúpido — disse Jun Do — a única coisa que fez sentido para mim foram as mulheres coreanas ajoelhadas a tratarem os pés das japonesas.

— Poderia levar-te à Embaixada da Coreia do Sul, amanhã. É apenas uma pequena viagem de comboio. Daqui a seis semanas estarias em Seul. Ser-lhes-ias muito útil, um verdadeiro troféu.

— A tua mãe, o teu pai — disse Jun Do. — Serão enviados para os campos.

— Quer sejas bom ou mau cantor de karaoke, o teu número acaba por sair. É apenas uma questão de tempo.

— E o Agente So, vai um copo de um uísque qualquer fazer-te esquecer dele a cavar na escuridão da Prisão 9?

— Ele é a razão para partir — disse Gil. — Para que não te transformes nele.

— Bem, ele manda cumprimentos — disse Jun Do e enfiou a laçada de *nylon* sobre a cabeça de Gil, puxando a ponta solta de modo a que a correia se lhe aconchegasse em volta do pescoço. Gil engoliu o uísque de um trago.

— Sou apenas uma pessoa — disse ele. — Sou apenas um zé-ninguém que quer partir.

A empregada do bar viu a trela. Cobrindo a boca, disse:

— *Homo janai*.

— Suponho que não preciso de traduzir isto — disse Gil.

Jun Do deu um puxão à trela e ficaram ambos de pé.

Gil fechou a caixa de aguarelas, depois fez uma vénia à empregada do bar.

— *Chousenjin ni turesarareru yo* — disse-lhe ele. Com o telefone, ela tirou uma fotografia aos dois, depois serviu uma bebida a si própria. Ergueu o copo em honra de Gil antes de beber.

— Cabrões dos Japoneses — disse Gil. — É preciso amá-los. Disse que estava a ser raptado e levado para a Coreia do Norte e olha para ela.

— Olha bem, muito bem — disse Jun Do e tirou a chave da motocicleta do balcão.

\*

Depois de passarem o paredão da praia, navegaram através de vagas aguçadas pelo vento — o insuflável erguia-se, depois caía a direito nos pontos de abaixamento. Todos seguravam o cabo salva-vidas para se equilibrarem. Rumina estava sentada à popa, com um novo adesivo nas mãos. O Agente So colocara-lhe o casaco em volta — tirando isso, o seu corpo estava desprotegido e azul do frio.

Jun Do e Gil estavam sentados em lados opostos do bote, mas Gil não olhava para ele. Quando atingiram o mar alto, o Agente So abrandou o motor o suficiente para que conseguisse ouvir Jun Do.

— Dei a minha palavra a Gil — disse ele ao Agente So. — Disse que nos esqueceríamos de como tentou fugir.

Rumina estava sentada de costas para o vento, o cabelo tumultuoso sobre o rosto.

— Ponham-no dentro do saco — disse ela.

O Agente So deu uma grande gargalhada ao ouvir aquilo.

— A senhora da ópera tem razão — disse ele. — Apanhaste um desertor, meu rapaz. Ele tinha a porra de uma arma apontada às nossas cabeças. Mas não conseguiu ser mais esperto do que nós. Vou começar a pensar na tua recompensa — disse ele. — Começar a saborear isso.

A ideia de uma recompensa, de encontrar a mãe e salvá-la do seu destino em Pyongyang agora enjoava-o. Nos túneis, por vezes esbarravam numa cortina de gás. Não conseguiam detetá-la — uma dor de cabeça estalava e viam a escuridão pulsar, vermelha. Com o olhar de Rumina fixado sobre si, sentia-se assim, agora. Subitamente perguntou-se se ela não se referia a ele, que era Jun Do quem deveria ir no saco. Mas não fora ele quem a sub-

jugara e a amarrara. Não fora o seu pai quem ordenara o seu rapto. E que escolha tinha ele, em relação a tudo? Não podia evitar ser de uma cidade em que não havia eletricidade, nem aquecimento, nem combustível, onde as fábricas estavam petrificadas com ferrugem, onde os homens capazes estavam ou em campos de trabalhos ou mergulhados em letargia devido à fome. Não era culpa sua que todos os rapazes ao seu cuidado estivessem entorpecidos pelo abandono e sem esperança de serem recrutados como guardas prisionais ou mobilizados para pelotões suicidas.

A trela estava ainda à volta do pescoço de Gil. Por puro gozo, o Agente So inclinou-se sobre ele e puxou-a com força, apenas para a sentir apertar-se.

— Empurrar-te-ia borda fora — disse ele. — Mas iria perder o que te vão fazer.

Gil retraiu-se com a dor.

— Jun Do agora sabe como fazer as coisas — disse ele. — Substituir-te-á, e a ti enviam-te para um campo para que nunca fales sobre este assunto.

— Tu não sabes nada — disse o Agente So. — És mole e fraco. Fui eu que inventei a porra deste jogo. Eu raptei o *chef* de sushi pessoal de Kim Jong Il. Eu extraí o médico do Querido Líder de um hospital de Osaka, em pleno dia, com estas mãos.

— Não sabe como funciona Pyongyang — disse Gil. — Assim que os outros ministros a virem, vão todos querer ter as suas próprias cantoras de ópera.

Uma nuvem branca e fria de salpicos atingiu-os. Fez com que Rumina inspirasse profundamente, como se cada pequena coisa tentasse tirar-lhe a vida. Virou-se para Jun Do, olhando-o fixamente. Estava quase a dizer alguma coisa, ele percebia-o — uma palavra formava-se-lhe nos lábios.

Abriu os óculos, pô-los — agora conseguia ver as nódoas negras na sua garganta, o modo como as mãos estavam gordas e roxas abaixo da fita adesiva em volta dos pulsos. Viu uma aliança, uma cicatriz que ficara do parto. Ela não desviava o olhar. Os seus olhos conseguiam perceber que decisões ele tomara. Consequiam adivinhar que era Jun Do quem escolhia quais os órfãos que comiam em primeiro lugar e quais eram deixados com as porções mais aguadas. Reconheciam que fora ele quem destinara os beliches junto do fogareiro e os que ficavam no pátio, onde espreitavam os dedos negros dos fungos. Escolhera os rapazes que tinham cegado junto ao forno de arco. Escolhera os rapazes que iam para a fábrica de produtos químicos quando esta fazia o céu ficar amarelo. Mandara Ha Shin, o rapaz que não falava, que não dizia que não, limpar os tanques da fábrica de tinta. Fora Jun Do quem pusera o gancho nas mãos de Bo Song.

— Que outra hipótese tinha eu? — perguntou-lhe Jun Do. Precisava

realmente de saber, tal como tinha de saber o que acontecia ao rapaz e à rapariga no final da ária.

Ela ergueu o pé e mostrou a Jun Do as unhas dos pés, o vermelho vivo do verniz vibrando na escuridão de platina. Ela articulou uma palavra, depois deu-lhe com o pé na cara.

O sangue, o sangue era escuro. Escorreu-lhe pela camisola, usada pela última vez pelo homem que tinham extraído da praia. A unha do dedo grande fizera-lhe um corte nas gengivas, mas estava tudo bem, sentia-se melhor, agora sabia qual era a palavra, a palavra que estivera nos lábios dela. Não precisava de saber falar japonês para perceber a palavra «morre». Era também o final da ópera, estava certo disso. Era o que acontecia ao rapaz e à rapariga do barco. Não era, realmente, uma história triste. Era uma história de amor — o rapaz e a rapariga pelo menos conheciam o destino um do outro, e nunca estariam sós.

*HAVIA* muitos raptos ainda por vir — anos cheios deles, de facto. Houve a mulher idosa com que depararam numa lagoa de maré na Ilha de Nishino. Tinha as calças enroladas para cima e espreitava por uma câmara montada sobre três pernas de madeira. O cabelo era cinzento e desalinhado e foi levada sem protestar, a troco do retrato de Jun Do. Houve um climatologista japonês, que descobriram num icebergue no Estreito de Tsugaru. Extraíram-lhe o equipamento científico e o caiaque vermelho também. Houve um produtor de arroz, um engenheiro de molhes e uma mulher que disse ter ido à praia para se afogar.

Depois, os raptos cessaram, tão subitamente como tinham começado. Jun Do foi enviado para a escola de línguas a fim de passar um ano a aprender inglês. Perguntou ao agente de controlo em Kyongsong se o novo posto era uma recompensa por ter impedido o filho de um ministro de desertar. O agente tirou-lhe o velho uniforme militar, o cartão de racionamento de licor e o livro de cupões para prostitutas. Quando viu que o livro estava quase cheio, sorriu. *Claro*, disse ele.

Majon-ni, nas Montanhas Onjin, era mais frio do que Chongjin alguma vez foi. Jun Do estava grato pelos auscultadores azuis que usava durante todo o dia, pois abafavam o ruído dos intermináveis exercícios dos tanques do Nono Mecanizado, que ali estava estacionado. Os funcionários da escola não manifestavam nenhum interesse em ensinar Jun Do a falar inglês. Ele tinha simplesmente de o transcrever, aprendendo vocabulário e gramática pelos auscultadores, e papaguear tudo outra vez, batendo na sua máquina de escrever, tecla a tecla. *Gostaria de comprar um cachorro*, dizia a voz de mulher pelos auscultadores, e era isso que Jun Do batia. Pelo menos, perto do final, a escola arranjou um professor humano, um homem bastante triste, inclinado à depressão, que Pyongyang adquirira em África. O homem não falava coreano e passava as aulas a colocar enormes e irrespondíveis

perguntas, o que lhes melhorou enormemente o domínio das interrogativas.

Ao longo de quatro estações, Jun Do conseguiu evitar cobras venenosas, sessões de autocrítica, e o tétano, que vitimava soldados, quase todas as semanas. Começava tudo de forma bastante inocente — um arranhão de arame farpado, um corte na borda de uma lata de ração — mas logo começavam as febres, os tremores, e finalmente um minguamento da musculatura que deixava o corpo demasiado retorcido e rígido para o caixão. A recompensa de Jun Do por aquelas façanhas foi um posto de escuta no Mar do Leste, a bordo do pesqueiro *Junma*. O seu alojamento era em baixo, no porão de popa do *Junma*, um compartimento de aço, suficientemente grande para conter uma mesa, uma cadeira, uma máquina de escrever e um monte de recetores surripiados de aviões americanos abatidos durante a guerra.

O porão era iluminado apenas pelo fulgor verde do equipamento de escuta, refletido na água dos peixes que se infiltrava por baixo das divisórias e dava um lustro constante ao chão. Mesmo após três meses a bordo do navio, Jun Do não conseguia impedir-se de visualizar o que estava do outro lado daquelas paredes de metal: câmaras com peixes firmemente empilhados, arquejando o último fôlego na escuridão refrigerada.

Estavam agora em águas internacionais há vários dias, com a bandeira da Coreia do Norte arriada para evitar sarilhos. Primeiro, perseguiram cavalas de águas profundas e, depois, cardumes de nervosos atuns que emergiam à superfície nos breves trechos banhados pelo sol. Agora andavam atrás de tubarões. Durante toda a noite, o *Junma* estendeu palangres para os apanhar na orla da fossa, e, ao nascer do dia, Jun Do ouviu o ranger do guincho, acima dele, e as sapatadas dos tubarões que, ao serem retirados da água, batiam no casco.

Do pôr ao nascer do Sol, Jun Do monitorizava as transmissões habituais: sobretudo mestres de barcos de pesca, o *ferry* de Uichi para Vladivostok, até mesmo o contacto noturno de duas mulheres americanas que navegavam à volta do mundo — uma remava durante toda a noite, a outra todo o dia, destruindo assim a teoria da tripulação de que elas tinham tomado a direção do Mar do Leste com o objetivo de fazerem sexo uma com a outra.

Ocultas entre mastros e vergas, havia uma potente estrutura de antenas combinadas e, por cima do leme, uma antena direcional que podia girar 360 graus. Os Estados Unidos, o Japão e a Coreia do Sul, todos eles encriptavam as transmissões militares, que soavam apenas como guinchos e balidos. Mas saber a quantidade de guinchos, e onde, e quando, parecia ser realmente importante para Pyongyang. Desde que ele documentasse isso, poderia escutar o que lhe apetecesse.

Era claro que a tripulação não gostava de o ter a bordo. Tinha nome de

órfão e batia toda a noite na máquina de escrever, lá em baixo, no escuro. Era como se ter uma pessoa a bordo, cujo trabalho era apreender e registar ameaças, também pusesse a tripulação, jovens do Porto de Kinjye, a farejar o perigo no ar. E, depois, havia o Capitão. Ele tinha razões para ser cauteloso, e de cada vez que Jun Do o fazia mudar o rumo para seguir um sinal inabitual, tudo o que ele podia fazer era conter a fúria por ter a pouca sorte de ter um agente de escuta colocado no seu barco de pesca. Só quando Jun Do começou a relatar à tripulação as novidades sobre as duas americanas que remavam à volta do mundo é que começaram a ser mais calorosos com ele.

Depois de Jun Do preencher a requisição diária para realizar sondagens militares, deambulava pelo espectro. Os leprosos difundiam emissões, tal como os cegos e as famílias dos reclusos encarcerados em Manila, que transmitiam noticiários nas prisões — durante todo o dia, as famílias faziam fila para falar sobre boletins escolares, os dentes do bebé e novas perspectivas de trabalho. Havia o Dr. Rendezvous, um britânico que difundia os seus «sonhos» eróticos todos os dias, juntamente com as coordenadas do próximo local onde o seu veleiro estaria ancorado. Havia uma Estação de Okinawa que transmitia retratos de famílias que os militares americanos se recusavam a reclamar. Uma vez por dia, os Chineses transmitiam confissões de prisioneiros, e pouco importava se as confissões eram forçadas, falsas, e numa linguagem que ele não entendia — Jun Do mal conseguia seguir o que diziam. E depois vinha aquela rapariga que remava no escuro. Todas as noites fazia uma pausa para transmitir as suas coordenadas, o desempenho do seu corpo e as condições atmosféricas. Muitas vezes reparava em coisas — os contornos de aves a migrar durante a noite, um tubarão-baleia armando cerco aos *krill*<sup>15</sup> mesmo adiante da proa. Tinha, disse ela, uma capacidade cada vez maior para sonhar enquanto remava.

E que se passava com os oradores ingleses que se permitiam falar pelos transmissores como se o céu fosse um diário? Se os Coreanos falassem daquela forma, talvez fizessem mais sentido para Jun Do. Talvez compreendesse a razão pela qual algumas pessoas aceitavam o seu destino e outras não. Poderia saber porque as pessoas por vezes vasculhavam todos os orfanatos à procura de uma criança em particular quando qualquer criança serviria, quando havia crianças perfeitamente boas em toda a parte. Saberia porque todos os pescadores do *Junma* tinham as efígies das suas mulheres tatuadas no peito, ao passo que ele era um homem que usava auscultadores no escuro de um porão do peixe de um barco que estava no mar vinte e sete dias por mês.

---

<sup>15</sup> Pequenos crustáceos parecidos com o camarão que formam, com vários outros organismos, o zooplâncton. [N. do T.]

Não que ele invejasse aqueles que remavam à luz do dia. A luz, o céu, a água, eram tudo coisas *através* das quais se olhava, durante o dia. À noite, estas eram coisas *para as quais* se olhava. Olhava-se *para* as estrelas, olhava-se *para* as ondas enroladas e a surpreendente cintilação das suas cristas. Ninguém jamais fixou o olhar na ponta de um cigarro durante as horas do dia, e com o Sol no céu, quem jamais montou uma vigia? À noite, no *Junma*, havia acuidade, quietude, suspensão. Havia uma expressão nos olhos dos membros da tripulação que era ao mesmo tempo distante e introspectiva. Havia, presumivelmente, algum outro linguista inglês algures, num barco de pesca similar, que inutilmente escutava emissões do nascer ao pôr do sol. Era certamente um outro humilde transcritor como ele próprio. Ouvira dizer que a escola de línguas onde se ensinava a *falar* inglês era em Pyongyang e estava cheia de *yangbans*, os filhos da elite, que estavam na tropa como pré-requisito para o Partido e, depois, para uma vida como diplomatas. Jun Do apenas imaginava os seus nomes patrióticos e as suas extravagantes roupas chinesas enquanto passavam os dias na capital a praticar diálogos sobre pedir café ou comprar medicamentos num país estrangeiro.

Em cima, um outro tubarão tombou pesadamente no convés, e Jun Do decidiu terminar ali a sua noite. Quando estava a desligar os instrumentos, ouviu a emissão fantasma: uma vez por semana, ou coisa que o valha, apanhava uma potente mas breve transmissão em inglês, durando apenas alguns minutos e depois desaparecia. Naquela noite, os locutores tinham sotaques americano e russo, e, como de costume, era a transmissão de uma conversa a meio. Os dois falavam acerca de uma trajetória, de uma manobra de atracagem e de combustível. Na semana anterior, estivera um locutor japonês com eles. Jun Do acionou a manivela que, lentamente, virou a antena direcional, mas, para onde quer que apontasse, a força do sinal era a mesma, o que era impossível. Como poderia um sinal vir de todos os lados?

Sem mais nem menos, a emissão pareceu terminar, mas Jun Do agarrou no seu recetor UHF e numa parabólica portátil, e dirigiu-se para o convés lá em cima. O navio era uma velha embarcação soviética de casco de aço, feito para águas frias, e a sua proa alta e pontiaguda fazia-o mergulhar fundo nas ondas e saltar os pontos baixos. Segurou-se ao parapeito e apontou o prato para a névoa matinal, varrendo o horizonte. Apanhou uma conversa entre pilotos de navios cargueiros e, na direção do Japão, apanhou todos os avisos de navegação entrecruzados com uma emissão cristã em VHF. Havia sangue no convés e as botas militares de Jun Do deixaram um rasto de bêbedo ao longo do trajeto até à popa, onde as únicas transmissões eram os grasnidos e os latidos da encriptação naval americana. Reali-



zou um rápido varrimento do céu, entrando na conversa de um piloto da Taiwan Air que lamentou a aproximação do espaço aéreo da RDPC. Mas não houve nada, o sinal foi-se.

— Alguma coisa de que eu deva ter conhecimento? — perguntou o Capitão.

— Mantenha o rumo — disse-lhe Jun Do.

O Capitão fez um aceno na direção da antena direcional por cima do leme, que estava colocada de modo a parecer um altifalante.

— Aquela ali é um pouco mais subtil — disse ele. Havia um acordo segundo o qual Jun Do não faria nenhum disparate, como levar equipamento de espionagem para o convés. O mestre do navio era mais velho. Fora um homem pesado, mas cumprira algum tempo a bordo de um navio penal russo e isso adelgaçara-o de tal maneira que agora a pele pendia-lhe, flácida. Percebia-se que fora um dia um comandante enérgico, dando ordens clarividentes, mesmo se fossem pescar em águas disputadas pela Rússia. E percebia-se que fora um prisioneiro enérgico, trabalhando cuidadosamente e sem queixas sob intenso escrutínio. E, agora, parecia ser ambas as coisas.

O Capitão acendeu um cigarro, ofereceu outro a Jun Do, depois voltou à contagem dos tubarões, utilizando um contador manual para dar baixa de cada um que o Maquinista içava para bordo. Os tubarões tinham estado suspensos das linhas em pleno mar, pelo que se encontravam entorpecidos pela falta de oxigénio ao fenderem a água, embatendo no casco antes de serem içados. No convés, moviam-se lentamente, farejando em volta como cachorros cegos, as bocas abrindo-se e fechando-se como se houvesse alguma coisa que estivessem a tentar dizer. O trabalho do Segundo Marinheiro, porque era jovem e novo no navio, era recuperar os anzóis, enquanto o Contramestre, em sete golpes rápidos, cortava as barbatanas, da dorsal à anal, e depois rolava o tubarão de novo para a água, onde, incapaz de manobrar, não podia ir para lado nenhum senão para baixo, desaparecendo no negrume, deixando apenas uma fina nuvem de sangue atrás dele.

Jun Do inclinou-se na amurada e observou um a descer, seguindo-o com a parabólica. A água, ao atravessar as guelras do tubarão, reavivar-lhe-ia o cérebro e a percepção. Estavam agora por cima da fossa, a quase quatro quilómetros de profundidade, talvez a meia hora de se precipitarem em queda livre, e, em fundo, através dos auscultadores, o silvo do abismo soava mais como o crepitar arrepiante e assustador da morte provocada pela pressão. Não havia nada para ouvir lá em baixo — todos os submarinos comunicavam com erupções de frequências ultrabaixas. Mesmo assim, apontou a sua parabólica na direção das ondas e, lentamente, cobriu a dis-

tância entre a proa e a ré. A emissão fantasma tinha de vir de algum lado. Como podia parecer que vinha de todas as direções se não viesse de baixo? Sentia nele os olhos da tripulação.

— Encontrou alguma coisa lá em baixo? — perguntou o Maquinista.

— Na verdade — disse Jun Do — perdi qualquer coisa.

À primeira luz da manhã, Jun Do dormiu, enquanto a tripulação — Piloto, Maquinista, Contramestre, Segundo Marinheiro e Capitão, por igual — passou o dia a encaixotar as barbatanas dos tubarões em camadas de sal e gelo. Os Chineses pagavam em moeda forte, e eram muito exigentes em relação às barbatanas.

Jun Do acordou antes do jantar, que para ele era o pequeno-almoço. Tinha relatórios para datilografar antes de a escuridão cair. Houvera um incêndio no *Junma* que levara a cozinha, as casas de banho e metade dos beliches, deixando apenas os pratos de latão, um espelho negro e uma retrete rachada pelo calor. Mas o fogão continuava a funcionar, e era verão, pelo que todos se sentaram nas escotilhas para comer, de onde foi possível aos homens verem um pôr do sol raro. Sobre o horizonte havia um comboio de navios da esquadra americana, tão grandes que pareciam não se poder mover, quanto mais flutuar. Pareciam uma cadeia de ilhas, tão imóveis e antigas que deveriam ter povo, língua e deuses próprios.

Na linha do palangre, apanharam uma garoupa, cujas bochechas comeram cruas no próprio momento, e uma tartaruga, caça invulgar para apanhar com anzol. A tartaruga levaria um dia a estufar, mas o peixe foi assado inteiro e arrancaram-lhe a espinha com os dedos. Também uma lula ficara presa na linha, mas o Capitão não permitia que a levassem para bordo. Instruíra-os muitas vezes sobre as lulas. Considerava o polvo o animal mais inteligente do oceano, a lula o mais selvagem.

Tiraram as camisolas e fumaram, mesmo quando o Sol se pôs. O *Junma* seguia sem piloto, trotando sobre ondas, boias soltas a rolar sobre o convés, e até os cabos e vergas tinham um resplendor laranja naquela luz cor de forno. A vida de um pescador era boa — não havia intermináveis quotas da fábrica para preencher, e num navio não havia altifalantes a proclamar relatórios governamentais durante o dia todo. Havia comida. E apesar de estarem desconfiados por terem um agente de escuta a bordo, isso significava que o *Junma* recebera todos os cupões de combustível de que precisava, e se Jun Do dirigia o navio para uma rota que baixasse o volume de pescado, toda a gente receberia cartões de racionamento extra.

— Então, Terceiro Marinheiro — disse o Piloto. — Como estão as nossas miúdas?

Terceiro marinheiro, era o que chamavam por vezes a Jun Do, como piada.

— Estão a aproximar-se de Hokkaido — disse-lhes Jun Do. — Pelo menos estavam, ontem à noite. Remam trinta quilómetros por dia.

— Continuam nuas? — perguntou o Maquinista.

— Só a que rema no escuro — disse Jun Do.

— Remar à volta do mundo — disse o Segundo Marinheiro. — Só uma mulher *sexy* faria uma coisa dessas. É tão inútil e arrogante. Só as Americanas *sexy* poderiam pensar que o mundo é uma coisa para derrotar.

O Segundo Marinheiro não poderia ter mais de vinte anos. No peito, a efígie tatuada da sua mulher era recente, e era evidente que era bela.

— Quem disse que elas eram *sexy*? — perguntou Jun Do, embora ele também as representasse dessa forma.

— Isto sei eu — disse o Segundo Marinheiro. — Uma miúda *sexy* pensa que pode fazer qualquer coisa. Acreditem-me. Lido com isso todos os dias.

— Se a tua mulher é assim tão quente — perguntou o Maquinista — como é que não foi apanhada para ser acompanhante em Pyongyang.

— É fácil — disse o Segundo Marinheiro. — O pai não queria que ela acabasse como empregada de bar ou prostituta em Pyongyang, pelo que puxou alguns cordelinhos e fez com que ela fosse colocada na fábrica do peixe. Uma miúda assim tão bela, e logo me calhou a mim.

— Acreditarei quando vir — disse o Contramestre. — Alguma razão há para não vir despedir-se de ti.

— Dá-lhe tempo — disse o Segundo Marinheiro. — Ainda está a adaptar-se. Eu faço-a ver a luz.

— Hokkaido — disse o Piloto. — Lá, o gelo é pior no verão. As placas partem-se, as correntes desfazem-nas. O gelo que não se vê, esse é o que nos apanha.

O Capitão falou. Sem camisa, podiam ver-se todas as suas tatuagens russas. Tinham um ar pesado naquela luz oblíqua, como se tivessem sido elas que lhe tivessem tornado a pele solta e flácida.

— Nos invernos lá — disse ele — tudo congela. O mijo na picha, e o sangue do peixe na barba. Tentamos pousar uma faca e não conseguimos largá-la da mão. Uma vez, estávamos no piso de corte quando o navio bateu num pequeno icebergue. O barco inteiro abanou, todos recebemos um soco no estômago. Do chão, vimos aquele gelo rolar pelo costado do navio, raspando os seus grandes dentes no casco.

Jun Do olhou para o peito do Capitão. A tatuagem da esposa estava manchada e descorada como uma aguarela. Quando ele um dia não regressou, a sua mulher recebera um marido substituto, e agora estava só. Mais ainda, tinham somado os anos em que estivera na prisão à sua dívida ao Estado, pelo que agora não teria reforma.

— O frio pode comprimir um navio — disse subitamente o Capitão — provocar a contração de tudo, as ombreiras metálicas das portas, as fechaduras, deixando-nos presos nos tanques de resíduos, e ninguém, ninguém mesmo, vai aparecer com baldes de água quente para nos tirar de lá.

O Capitão não disparou um olhar na sua direção, nem nada do género, mas Jun Do perguntou-se se a conversa sobre ficar preso lhe era dirigida, por levar o equipamento de escuta para o convés, de modo a levantar a suspeita de que tudo poderia acontecer de novo.

\*

Quando a escuridão caiu e os outros foram para baixo, Jun Do ofereceu três maços de cigarros ao Segundo Marinheiro para subir para cima do leme e trepar o mastro sobre o qual o altifalante estava montado.

— Faça isso — disse o Segundo Marinheiro. — Mas em vez de cigarros, quero ouvir as remadoras.

O rapaz estava sempre a perguntar a Jun Do como eram as cidades como Seul e Tóquio, e não acreditava que Jun Do nunca estivera em Pyongyang. O miúdo não era um trepador rápido, mas tinha curiosidade acerca de como funcionavam os rádios, e isso já era meio caminho andado. Jun Do treinara-o para puxar a cavilha de modo a que a antena direcional pudesse ser levantada e apontada para a água.

Depois, sentaram-se na cabina do guincho, que ainda estava quente, e fumaram. O vento soprava-lhes ruidosamente aos ouvidos. Fazia com que os cigarros fulgurassem. Não havia nenhuma outra luz, e a linha do horizonte separava o negro absoluto da água da escuridão leitosa do céu asfixiado de estrelas. Um par de satélites transitou por cima e, para norte, havia rastros de estrelas cadentes.

— Aquelas raparigas do barco — disse o Segundo Marinheiro. — Achas que são casadas?

— Não sei — disse Jun Do. — Isso interessa?

— Quanto tempo leva a dar uma volta ao mundo a remos, um par de anos? Mesmo que não tenham marido, o que acontece a todos os outros, às pessoas que elas deixaram? Essas miúdas não querem saber de ninguém?

Jun Do tirou bocados de tabaco da língua e olhou para o rapaz, que tinha as mãos na nuca e contemplava as estrelas com os olhos semicerrados. Era uma boa pergunta — *E as pessoas que elas deixaram?* — mas uma pergunta estranha para o Segundo Marinheiro colocar.

— Há bocado — disse Jun Do — estavam todos a favor de remadoras sexy. Fizeram alguma coisa que te chateasse?

— Estou só a interrogar-me sobre o que lhes deu para partirem e darem ao remo à volta do mundo.

— Não o farias, se pudesses?

— A minha questão é essa, não podemos. Quem poderia consegui-lo, todas aquelas ondas e gelo, naquele barquinho? Alguém as deveria ter impedido. Alguém deveria ter-lhes tirado essa ideia estúpida da cabeça.

O miúdo parecia surpreendido com os pensamentos que lhe iam no cérebro. Jun Do decidiu acalmá-lo um pouco.

— Já fizeram metade do caminho — salientou ele. — Mais, têm de ser atletas bastante em forma. Estão treinadas para isto, provavelmente é do que elas gostam. E quando tu dizes barco, não podes pensar neste balde. Aquelas raparigas americanas, o barco delas é altamente sofisticado, cheio de conforto e equipamentos eletrónicos. Não podes imaginá-las como as esposas dos funcionários do Partido a passearem numa lata de zinco a remos.

O Segundo Marinheiro não estava a dar grande atenção.

— E se conseguisses realmente dar a volta ao mundo, como voltarias a esperar na fila da casa de banho do teu dormitório, sabendo que tinhas estado na América? Talvez o milho subesse melhor em qualquer outro país e os altifalantes não tivessem um som tão metálico. De repente é a água da tua torneira que não cheira assim tão bem, o que fazes tu então?

Jun Do não respondeu.

A Lua estava a subir. Por cima, conseguiam ver um jato a levantar do Japão — lentamente, iniciou o grande desvio por fora do espaço aéreo da Coreia do Norte. Pouco depois, o Segundo Marinheiro disse:

— Provavelmente, os tubarões vão apanhá-las. — Atirou o cigarro com um piparote. — Então, para que serve isto, apontar a antena e tudo o mais? O que há lá em baixo?

Jun Do não estava seguro de como responder.

— Uma voz.

— No oceano? O que é, o que diz ela?

— Há vozes americanas e um russo que fala inglês. Um tipo japonês, um dia. Falam de ancorar e manobrar. Coisas desse tipo.

— Sem ofensa, mas isso soa à conversa de conspiração das viúvas velhas do meu bloco de habitação, que estão sempre a tagarelar.

Soava de facto um pouco paranoico quando o Segundo Marinheiro o disse em voz alta. Mas a verdade era que a ideia de conspiração era apelativa para Jun Do. Que as pessoas estivessem em comunicação, que as coisas tivessem um desígnio, que houvesse intenção, significado e propósito naquilo que as pessoas faziam — precisava de acreditar nisso. As pessoas normais, compreendia ele, não tinham necessidade de pensar assim. A ra-

pariga que remava durante o dia tinha o horizonte de onde vinha e, quando se virava para olhar, o horizonte do sítio para onde se dirigia. Mas a rapariga que remava no escuro apenas podia contar com o chapinhar e o puxão de cada remada e a convicção de que todas se somariam para a levar para casa.

Jun Do olhou para o relógio.

— Está na hora de a remadora noturna transmitir — disse ele. — Ou talvez seja a rapariga diurna que tu queres?

O Segundo Marinheiro de repente eriçou-se.

— Que raio de pergunta é essa? Que interessa qual delas é? Não quero nenhuma delas. A minha esposa é a mulher mais bela do seu bloco de habitação. Quando a olho nos olhos, sei exatamente o que ela está a pensar. Sei o que ela vai dizer antes de o fazer. Essa é a definição de amor, pergunta a qualquer veterano.

O Segundo Marinheiro fumou outro cigarro e depois atirou-o para o mar.

— Digamos que há russos e americanos no fundo do oceano, o que te faz pensar que eles estão a armar alguma coisa má?

Jun Do estava a pensar sobre as definições populares de amor, que era um par de mãos nuas a envolverem uma brasa para a manter viva, que era uma pérola que brilha para sempre, mesmo na barriga da enguia que come a ostra, que o amor é um urso que nos alimenta de mel com as garras. Jun Do visualizou as raparigas: alternando no esforço e na solidão, esse momento em que os remos passavam de mãos.

Jun Do apontou para a água.

— Há americanos e russos lá em baixo e andam a preparar alguma, eu sei. Alguma vez ouviste falar de alguém pôr um submarino a navegar em nome da paz e da merda da fraternidade?

O Segundo Marinheiro encostou-se à cabina do guincho, com o vasto céu sobre eles.

— Não — disse ele. — Suponho que não.

O mestre do navio saiu da cabina de pilotagem e disse ao Segundo Marinheiro que tinha baldes com merda para limpar. Jun Do ofereceu-lhe uma passa, mas depois de o rapaz ter descido, recusou.

— Não lhe ponhas ideias na cabeça — disse ele, e atravessou com deliberação o passadiço escuro até à proa elevada do *Junma*. Um navio grande deslizou lentamente por eles, o convés atapetado de carros novos. À medida que passava, dirigindo-se provavelmente da Coreia do Sul para a Califórnia, o luar cintilou, em rápida sucessão, em mil para-brisas novos.

Algumas noites depois, os porões do *Junma* estavam cheios, e rumaram para oeste, em direção a casa. Jun Do estava a fumar com o Capitão e o Piloto quando viram a luz vermelha piscar na cabina de pilotagem. O vento soprava de norte, empurrando-os, pelo que o convés estava calmo, fazendo com que parecesse que estavam imóveis. A luz acendeu e apagou-se outra vez.

— Vais ver o que é aquilo? — perguntou o Piloto ao Capitão.

O mestre do navio puxou o cigarro da boca e olhou.

— Qual é o interesse?

— Qual é o interesse? — perguntou o Piloto.

— Sim, sim, qual é o interesse? Significa merda para nós, de uma maneira ou de outra.

Por fim, o Capitão pôs-se de pé, endireitou o blusão. O tempo que passara na Rússia curara-o do álcool, porém foi até à cabina como se fosse mais por causa da severa inevitabilidade de uma bebida do que por uma chamada via rádio do ministro do mar em Chongjin.

— Este tipo tem mais do que merece — disse o Piloto, e quando a luz vermelha se apagou, ficaram a saber que o Capitão respondera à chamada. Não que tivesse escolha. O *Junma* nunca estava fora de alcance. Os Russos, antigos proprietários do *Junma*, tinham-no equipado com um rádio tirado de um submarino — a sua comprida antena fora concebida para transmitir do fundo para a superfície, e tinha energia a partir de uma bateria húmida de 20 volts.

Jun Do contemplou a silhueta do Capitão na cabina do Piloto e tentou imaginar o que poderia estar a dizer através do rádio pela forma como empurrava o chapéu para trás e esfregava os olhos. Jun Do, no seu porão, apenas recebia. Nunca, na sua vida, transmitira. Estava a construir secretamente um transmissor em terra, e quanto mais se aproximava da conclusão, mais nervoso ficava em relação ao que diria através dele.

Quando o Capitão regressou, sentou-se no intervalo do parapeito sobre o qual o guincho oscilava, com as pernas a balouçar livremente sobre o outro lado. Tirou o chapéu, uma coisa nojenta que apenas usava por vezes, e pô-lo de parte. Jun Do estudou a crista de metal com a foice e o martelo gravados sobre uma bússola e um arpão. Já nem faziam chapéus como aquele.

— Então — disse o Piloto. — Que queriam eles?

— Camarão — disse o Capitão. — Camarão vivo.

— Nestas águas? — perguntou o Piloto. — Nesta época do ano? — Abanou a cabeça. — Nem pensar, não pode ser.

— Porque não compram alguns camarões, pura e simplesmente? — perguntou Jun Do.

— Perguntei-lhes isso — disse o Capitão. — O camarão tem de ser norte-coreano, disseram eles.

Um pedido daqueles só podia vir do topo, talvez do topo dos topos. Ti-nham ouvido dizer que os camarões de águas frias tinham grande procura em Pyongyang. Era uma nova moda por lá, comê-los ainda vivos.

— Que devemos fazer? — perguntou o Piloto.

— Que fazer — disse o Capitão. — Que fazer.

— Bem, não há nada a fazer — disse Jun Do. — Ordenaram-nos que arranjássemos camarão, por isso temos de arranjar camarão, certo?

O Capitão não disse nada, deitou-se de costas sobre o convés com os pés do outro lado e fechou os olhos.

— Ela era crente, sabem — disse o Capitão. — A minha mulher. Pensava que o socialismo era a única coisa que nos tornaria de novo fortes. Disse sempre que haveria um período difícil, alguns sacrifícios a fazer. E depois as coisas melhorariam. Não pensei que iria sentir falta disso, sabem? Não percebi quanto precisava de alguém que não cessasse de me dizer *porquê*.

— Porquê? — perguntou o Piloto. — Porque outras pessoas dependiam de ti. Toda a gente aqui precisa de ti. Imagina se o Segundo Marinheiro não te tivesse a ti para fazer perguntas estúpidas o dia todo.

O Capitão descartou a observação com um aceno.

— Os Russos deram-me quatro anos — disse ele. — Quatro anos num navio de pesca industrial, sempre no mar, não parámos num porto uma única vez. Fiz com que os Russos libertassem a minha tripulação. Eram jovens, rapazes de aldeia na sua maioria. Mas da próxima vez? Duvido.

— Vamos por aí à procura de camarões — disse o Piloto — e se não apanharmos nada, não apanhamos nada.

O Capitão não disse nada sobre este plano.

— Os arrastões estavam sempre a chegar — disse ele. — Andavam fora durante semanas e depois apareciam para transferirem o pescado para o nosso navio-prisão. Nunca se sabia o que poderia ser. Estava-se lá em baixo no convés de estripação e ouviam-se os motores de um arrastão a aproximar-se pela popa e depois os portões hidráulicos a abrir e, por vezes, tínhamos de esperar nas mesas de corte porque pela calha, como uma onda, desciam milhares de peixes — solhas, bacalhaus, pargos, e até pequenas sardinhas — e, de repente, estávamos enterrados neles até à cintura, e ligávamos as serras pneumáticas porque ninguém saía dali até ter aberto caminho pelo meio do peixe estripado. Por vezes, o peixe fora mantido em gelo, num porão, durante seis semanas e noutras vezes fora apanhado naquela manhã e ainda tinham neles a viscosidade da vida.

»Mais para a tarde, abriam os escoadores e milhares de litros de tri-pas eram expurgadas para o mar. Íamos sempre lá para cima para ver. Do



nada, nuvens de aves marinhas apareciam e, depois, os peixes de superfície e os tubarões — um verdadeiro frenesim, acreditem. E, a seguir, vindas de baixo, emergiam as lulas, enormes, oriundas do Ártico, a sua cor albina como leite na água. Quando ficavam agitadas, a sua carne ficava vermelha e branca, e, quando atacavam, para entorpecer as vítimas, iluminavam-se como lanternas, reluzindo brilhantes, como podem imaginar. Vê-las atacar era como ver relampejar debaixo de água.

»Um dia, dois arrastões decidiram apanhar aquelas lulas. Um deles lançou uma rede de cerco, que ficou suspensa bem fundo dentro de água. O fundo dessa rede estava acorrentado ao outro arrastão, que funcionava como rebocador. Lentamente, as lulas vieram à superfície, algumas delas com cem quilos, e quando começaram a relampejar, a rede foi arrastada por baixo delas e fechada por cima.

»Todos nós assistimos, do convés. Festejámos, se é possível acreditarem nisso. Depois voltámos ao trabalho como se centenas de lulas, elétricas de fúria, não estivessem prestes a descer pela calha e a atolarem-nos a todos. Que nos enviassem mil tubarões, por favor, não têm dez pernas e bicos pretos. Os tubarões não se enfurecem, nem têm olhos gigantescos ou ventosas com ganchos. Meu Deus, o som das lulas aos trambolhões pela calha abaixo, os jatos de tinta, os bicos de encontro ao aço inoxidável, as cores delas, a piscarem. Havia um tipo pequenino a bordo, um vietnamita, nunca me esquecerei dele. Um tipo simpático, sim, esverdeado, do tipo do nosso jovem Segundo Marinheiro, e eu até o pus debaixo da minha asa. Era um miúdo, ainda não sabia nada de nada. E os pulsos, se vocês os tivessem visto. Não eram maiores do que isto.

Jun Do ouviu a história como se ela estivesse a ser transmitida de algum lugar longínquo e desconhecido. Histórias verdadeiras como aquela, histórias humanas, poderiam mandar-nos para a prisão, e não interessava sobre o que eram. Não interessava se a história era sobre uma velha ou sobre um ataque de lulas — se ela desviasse a emoção do Querido Líder, era perigosa. Jun Do precisava da sua máquina de escrever, precisava de anotar aquilo, não era outra a razão pela qual fazia escutas no meio da escuridão.

— Como é que ele se chamava? — perguntou ele ao mestre do navio.

— A questão é — disse o Capitão — não foram os Russos que ma tiraram. A única coisa que os Russos queriam eram os quatro anos. Depois de quatro anos, deixaram-me vir embora. Mas aqui, nunca acaba. Aqui, não há nenhum limite para nada.

— Que quer isso dizer? — perguntou o Piloto.

— Quer dizer que vamos virar — disse-lhe o Capitão. — Vamos rumar para norte novamente.

— Não vais fazer nada estúpido, pois não?

— O que vou fazer é ver se apanhamos algum camarão.  
Jun Do perguntou-lhe:  
— Andava aos camarões quando os Russos o apanharam?  
Mas o Capitão fechara os olhos.  
— Vu — disse ele. — O rapaz chamava-se Vu.

\*

Na noite seguinte, o luar estava forte, e eles estavam bastante para norte, nos bancos de Juljuksan, um disputado conjunto de ilhas de recifes vulcânicos. Durante todo o dia, o Capitão dissera a Jun Do para se pôr à escuta de qualquer coisa — «qualquer coisa ou qualquer pessoa, em qualquer sítio perto de nós» — mas, quando se aproximaram do atol mais a sul, o Capitão ordenou que fosse tudo desligado para que todas as baterias pudessem alimentar os holofotes.

Em breve, ouviram o rebentar de ondas, e ver a espuma branca da água de encontro à invisibilidade da pedra-pomes era enervante. Nem sequer a Lua ajuda quando não se consegue ver as rochas. O Capitão estava com o Piloto à roda do leme, enquanto o Contramestre se encontrava à proa com o holofote grande. Utilizando os holofotes portáteis, o Segundo Marinheiro mantinha-se a estibordo e Jun Do a bombordo, todos iluminando as águas num esforço para sondar a profundidade. De porões cheios, o *Junma* estava pesado e lento a responder, pelo que o Maquinista se aproximara do motor para o caso de ser preciso aumentar a potência rapidamente.

Havia um único canal que rompia por entre campos de lava gelada, que a própria maré tinha dificuldade em transpor, e em breve esta começou a puxá-los depressa e quase de lado pelo vale da onda, a escura cintilação do fundo a passar, zumbindo através da luz de Jun Do.

O Capitão parecia revivificado, com o sorriso selvagem de quem não tem nada a perder no rosto.

— Os Russos chamam a esta calha o foxtrot — disse ele.

Lá fora, na maré, Jun Do viu uma embarcação. Chamou o Contramestre e, juntos, iluminaram-na. Era um barco de patrulha, todo partido, com o costado sobre um balcão de pedra. Não restavam quaisquer marcas e estava em cima das rochas havia algum tempo. A antena era pequena e em espiral, pelo que percebeu que não havia rádio que valesse a pena resgatar.

— Aposto que se partiu noutra sítio qualquer e a maré trouxe-o para aqui — disse o Capitão.

Jun Do não estava tão certo disso. O Piloto não disse nada.

— Procurem o salva-vidas — disse-lhes o Capitão.

O Segundo Marinheiro estava irritado por estar do lado errado do navio.

- Para ver se houve sobreviventes? — perguntou ele.  
— Tu, limita-te a manobrar essa luz — disse-lhe o Piloto.  
— Alguma coisa? — perguntou o Capitão.

O Contramestre abanou a cabeça negativamente.

Jun Do viu a cor vermelha de um extintor de incêndio amarrado à popa do barco e por muito que ele desejasse que o *Junma* tivesse um extintor, manteve a boca fechada e, com um espadanar de água, passaram pelo destroço e ele ficou para trás.

— Creio que nenhum salva-vidas vale um naufrágio — lamentou-se o Capitão.

Tinham usado baldes para apagarem o incêndio do *Junma*, pelo que o momento de abandonar o navio, o momento em que o Segundo Marinheiro iria descobrir que não havia barco salva-vidas, nunca chegou.

O Segundo Marinheiro perguntou:

- Que se passava com o salva-vidas deles?  
— Limita-te a manobrar a luz — disse o Piloto.

Passaram as ondas ao largo da costa e, como se cortado de uma corrente, o *Junma* aquietou-se em águas mais calmas. O topete escarpado da ilha estava por cima deles, e, a sotavento, por fim, havia uma lagoa grande que as correntes exteriores mantinham em movimento. Era ali que os camarões se poderiam aglomerar. Apagaram as luzes e depois desligaram o motor, entrando na lagoa por inércia. Em breve, estavam lentamente a voltar atrás com a maré circular. A corrente estava constante e calma, e a subir, e mesmo quando o casco tocou a areia, ninguém pareceu preocupar-se.

Por baixo das lisas falésias de obsidiana havia uma praia íngreme, de um negro vítreo, cuja cintilação parecia suficientemente afiada para fazer sangrar os pés. Na areia, ancoravam-se árvores enfezadas, deformadas, e à luz azul, via-se que o vento até as agulhas lhes tinha encurvado. Sobre a água, a Lua revelava os aglomerados de detritos empurrados dos estreitos.

O Maquinista operou as hastes extensíveis, depois mergulhou as redes, encharcando-as de tal modo que submergiram ao serem osciladas sobre a água. Os marinheiros seguravam nas linhas e nos blocos, depois erguiam as redes para ver se aparecera algum camarão. Na malha verde de *nylon*, alguns camarões ressaltavam para a armadilha, mas havia lá alguma coisa mais.

Despejaram as redes e, sobre o convés, por entre as sacudidelas e a fosforescência de umas poucas dezenas de camarões, estava um par de ténis desportivos. Não condiziam.

- São sapatos americanos — disse o Maquinista.

Jun Do leu a palavra escrita no sapato.

- *Nike* — disse ele.

O Segundo Marinheiro agarrou num.

Jun Do leu a expressão do seu olhar.

— Não te preocupes — disse Jun Do. — As remadoras estão longe daqui.

— Lê a etiqueta — disse o Segundo Marinheiro. — É um sapato de mulher?

O Capitão aproximou-se e examinou o sapato. Cheirou-o e depois dobrou-lhe a sola para ver a quantidade de água que deitava.

— Não se incomodem — disse ele. — Esta coisa nunca foi usada. — Disse ao Piloto para ligar os holofotes, que revelaram centenas de sapatos a oscilarem na água cor de jade cinzento. Talvez milhares.

O Piloto perscrutou as águas.

— Espero que não haja nenhum contentor de navio a rodopiar conosco nesta banheira — disse ele — à espera de nos arrancar o fundo.

O Capitão virou-se para Jun Do.

— Apanhaste algum pedido de socorro?

— Sabes qual é a política em relação a isso — disse Jun Do.

— Qual é a política em relação a pedidos de socorro? — perguntou o Segundo Marinheiro.

— Eu sei qual é a política — disse o Capitão. — Estou apenas a tentar descobrir se há um monte de navios a dirigirem-se para cá em resposta a um pedido.

— Não ouvi nada — disse Jun Do. — Mas as pessoas já não gritam através do rádio. Agora têm luzes de emergência, coisas que transmitem automaticamente aos satélites as coordenadas GPS. Não consigo apanhar nada disso. O Piloto tem razão, provavelmente um contentor caiu do convés de algum navio de carga e veio aqui parar.

— Não respondemos a pedidos de socorro? — perguntou o Segundo Marinheiro.

— Com ele a bordo, não — disse o Capitão, entregando o sapato a Jun Do. — Muito bem, meus senhores, vamos lá pôr essas redes novamente na água. Vai ser uma noite longa.

Jun Do encontrou uma estação de rádio, clara e distintamente emitida de Vladivostok, e fê-la ouvir-se através de um altifalante no convés. Era Strauss. Começaram a repassar as águas negras e pouco tempo houve para se maravilharem com os sapatos americanos que começavam a empilhar-se em cima das escotilhas.

Enquanto a tripulação pescava sapatos lá em baixo, Jun Do colocou os auscultadores. Havia imensos grasnidos e latidos por ali, e isso iria fazer alguém feliz, algures. Perdera as confissões chinesas mesmo antes de o Sol se pôr, o que não era mau, pois as vozes deles soavam desesperada-

mente tristes, e por conseguinte, para ele, culpadas. Apanhou, de facto, as famílias de Okinawa a pedirem pais que as escutassem nos navios, mas era difícil alguém sentir-se assim tão mal em relação a miúdos que tinham mães e irmãos. Além disso, o tom animado do «adotem-nos» chegava para pôr uma pessoa doente. Quando as famílias russas não emitiam nada a não ser frases de ânimo para os seus pais embarcados, era para dar força aos homens. Mas tentar convencer um pai a regressar? Quem cairia nessa? Quem queria ter à sua volta um miúdo tão desesperado e patético? Jun Do adormeceu junto do posto de escuta, uma raridade. Acordou com a voz da rapariga que remava no escuro. Estivera a remar nua, disse ela, e sob um céu que era «negro e franzido, como um cravo mergulhado em tinta». Tivera a visão de que os humanos um dia regressariam aos oceanos, desenvolvendo barbatanas e espiráculos, que a humanidade, nos oceanos, se tornaria de novo uma, e não haveria intolerância nem guerra. *Pobre rapariga, tira um dia de folga*, pensou ele, e decidiu não dar ao Segundo Marinheiro aquela atualização.

\*

De manhã, o *Junma* rumou novamente para sul, a rede de arrasto cheia e oscilando descontroladamente com a leve bolsa de sapatos. Havia centenas de sapatos pelo convés; o Contramestre e o Segundo Marinheiro atavam-nos formando pares com base no seu aspeto geral. Esses festões foram suspensos de todos os cunhos para secarem ao sol. Era evidente que tinham encontrado apenas alguns pares. Ainda assim, mesmo sem dormir, pareciam muito animados.

O Contramestre encontrou um par, azul e branco, e guardou-o debaixo do beliche. O Piloto espantava-se com um sapato número quarenta e oito, perguntando-se que género de humano calçaria aquele número, e o Maquinista criara uma grande pilha de sapatos destinados a serem experimentados pela mulher. Os prateados e os vermelhos, os de realces vistosos e faixas refletoras, os mais brancos entre os brancos, aqueles sapatos eram puro ouro: igualavam comida, presentes, subornos e favores. A sensação de os terem calçados era como se não tivessem nada nos pés. Os sapatos faziam as meias da tripulação parecer absolutamente nojentas, e as pernas das calças pareciam pintalgadas e comidas pelo sol no meio de cores tão absolutas. O Segundo Marinheiro esquadrinhou cada sapato até encontrar um par do que chamou os seus «sapatos América». Eram ambos sapatos de mulher. Um era vermelho e branco, o outro, azul. Atirou os seus próprios sapatos pela borda fora e, de seguida, atravessou o convés com um *Nike* diferente em cada pé.

À frente, para leste, formara-se um grande banco de nuvens, em cuja orla voava um turbilhão de aves marinhas. Era um afloramento, com a água fria das profundezas da fossa a subir até à superfície e a condensar o ar. Eram aquelas as águas profundas que os cachalotes procuravam e eram elas que os tubarões de seis guelras consideravam a sua casa. Vindos à tona pelo canal do afloramento, havia medusas, lulas e camarões de águas profundas, brancos e cegos. Esses camarões, dizia-se, com os seus grandes olhos obstruídos, eram comidos, ainda a contorcerem-se e polvilhados de caviar, pelo próprio Querido Líder.

O Capitão agarrou nos binóculos e inspecionou o local. Depois tocou o sino e os marinheiros levantaram-se de um salto nos seus sapatos novos.

— Vamos lá, rapazes — disse ele. — Vamos ser heróis da revolução.

O Capitão começou a aparelhar ele próprio as redes enquanto Jun Do ajudava o Maquinista a construir um viveiro com dois bidões de água da chuva e uma bomba de balastro. Mas entrar no afloramento revelou-se mais complicado do que tinham pensado. O que inicialmente parecia névoa tornou-se um banco de nuvens com vários quilómetros. As ondas surgiam em ângulos estranhos, sendo difícil manter o equilíbrio, e pequenas ilhas de névoa veloz corriam ao longo do topo das ondas, desnudando florestas e prados de visibilidade.

A primeira recolha foi bem-sucedida. Os camarões eram transparentes dentro de água, brancos quando a rede era içada, depois transparentes de novo quando se adaptavam ao lodo do viveiro, expandindo e retraindo as longas antenas. Quando o Capitão ordenou que as redes fossem lançadas outra vez, as aves tinham desaparecido e o Piloto começou a avançar através da névoa para as encontrar.

Não era possível, a partir da água, perceber que captura tinham feito, mas os marinheiros prepararam as redes e inclinaram-se com as ondas. Houve uma súbita agitação na superfície.

— Os atuns encontraram-nos — bradou o mestre do navio, e o Contramestre lançou as redes para a água outra vez. O Piloto girou a roda do leme e começou a descrever um círculo apertado, enquanto o arrasto das redes quase fez o barco virar de querena. Duas ondas convergiram, apanhando o *Junma* num duplo vale, lançando sapatos soltos aos trambolhões para a água, porém, a captura permaneceu presa e, quando o Maquinista içou o arrasto no ar, houve um enorme relampejar na ratoeira, como se tivessem ido à pesca de candelabros. Então, os camarões que estavam no tanque, como se através de algum tipo de comunicação secreta, começaram a fosforescer por simpatia.

Toda a gente era necessária para pousar a captura, que poderia oscilar em qualquer direção sobre o convés. O Maquinista operava o guincho, mas

no último momento o Capitão gritou-lhe para aguentar firme, a rede a oscilar sem controlo. Na amurada do navio, o Capitão olhou fixamente para o nevoeiro. Toda a gente parou, igualmente, olhando sem saber bem para o quê, inquietos com aquela imobilidade no meio dos solavancos do navio e da rotação da captura. O Capitão fez sinal ao Piloto para fazer soar a buzina, e todos atentaram nas trevas à espera de resposta.

— Vai para baixo — disse o Capitão a Jun Do — e diz-me o que ouves.

Mas era demasiado tarde. Pouco depois, o nevoeiro, clareando a espaços, tornou visível a proa de uma fragata americana. O *Junma* caturrou, abrandando com tudo o que tinha, mas quase não houve movimento do navio americano, cujo parapeito estava cheio de homens que seguravam binóculos. Logo uma lancha insuflável estava sobre eles, e os americanos atiraram cordas. Ali estavam os homens que usavam sapatos número quarenta e oito.

Ao longo dos primeiros minutos, os americanos estiveram muito atarefados, seguindo um procedimento que envolvia o rápido nivelamento e levantamento das suas espingardas negras. Faziam o percurso através da cabina de pilotagem e cozinha até aos alojamentos abaixo. Do convés, podia-se ouvi-los a moverem-se através do navio, gritando «pronto-pronto-pronto» durante todo o caminho.

Com eles estava um oficial da Marinha Sul-Coreana que ficou lá em cima enquanto os americanos protegiam o navio. O oficial da RCS estava impecável no seu uniforme branco e o seu nome era Pak. O boné era branco com bandas pretas e azuis-claras, orlado de prata polida. Pediu o manifesto de carga, o registo de origem do navio e a licença de mestre de navio, tudo coisas que eles não tinham. Que bandeira era a deles, quis saber Pak, e porque não tinham respondido quando foram saudados?

Os camarões balançavam na rede. O Capitão disse ao Contramestre para os despejar no viveiro.

— Não — disse Pak. — Apontou para Jun Do. — Esse aí que trate disso.

Jun Do olhou para o Capitão. Este assentiu com um aceno. Jun Do foi até à rede e tentou estabilizá-la contra o movimento do navio. Embora tivesse visto fazer a operação muitas vezes, nunca realmente despejara um arrasto. Encontrou a abertura da armadilha. Tentou sincronizar o balanço da rede sobre o viveiro, pensando que a captura estouraria para fora, mas quando puxou a corda, os camarões saíram num fluxo que se precipitou para dentro do barril e, continuando a oscilar, despejou tudo ao longo do convés, dos regos de escoamento e, por fim, para dentro das suas botas.

— Tu não tens aspeto de pescador — disse Pak. — Olha para a tua pele, olha para as tuas mãos. Tira a camisa — exigiu ele.

— Aqui sou eu quem dá as ordens — disse o Capitão.

— Tira a camisa, seu espião, ou ponho os americanos a tirar-ta.

Bastou um par de botões desabotoados para Pak ver que não havia qualquer tatuagem no peito de Jun Do.

— Não sou casado — disse Jun Do.

— Não és casado — repetiu Pak.

— Ele disse que não é casado — disse o Capitão.

— Os Norte-Coreanos jamais te deixariam sair para o mar se não fosses casado. Quem mandariam para a prisão se desertasses?

— Escute — disse o Piloto. — Somos pescadores e estávamos a voltar para casa. É tudo o que há.

Pak virou-se para o Segundo Marinheiro.

— Como é que ele se chama? — perguntou ele, indicando Jun Do.

O Segundo Marinheiro não disse nada. Olhou para o Capitão.

— Não olhes para ele — disse Pak, dando um passo em frente. — Qual é a posição dele?

— A posição dele?

— No navio — disse Pak. — Muito bem, qual é a tua posição?

— Segundo Marinheiro.

— Muito bem, Segundo Marinheiro — disse Pak. Apontou para Jun Do. — Este tipo sem nome. Qual é a posição dele?

O Segundo Marinheiro disse:

— Terceiro Marinheiro.

Pak começou a rir-se.

— Oh, sim, o terceiro marinheiro. Essa é boa, essa é muito boa. Vou escrever um romance de espionagem e chamar-lhe *O Terceiro Marinheiro*. Vocês, espões nojentos, dão-me vômitos. Andam a espiar nações livres, democracias que vocês tentam minar.

Alguns dos americanos subiram ao convés. Tinham o rosto e os ombros mascarrados de se espremerem ao longo das passagens estreitas e meio queimadas. Terminados os procedimentos de segurança, espingardas atrás das costas, estavam relaxados e gracejavam. Era surpreendente ver como eram jovens, aquele enorme navio de guerra nas mãos de miúdos. Só então pareceram reparar na quantidade de sapatos. Um dos marinheiros pegou num deles.

— Caramba — disse ele. — Estes são os novos *Air Jordan*, nem mesmo em Okinawa se conseguem arranjar destes.

— Isso são provas — disse Pak. — Estes tipos são todos espões, piratas e bandidos, e vamos prendê-los a todos.

O marinheiro com o sapato olhou para o pescador com admiração. Disse «Tabaco, tabaco?» e ofereceu um cigarro a todos. Apenas Jun Do se



dignou a aceitar, um *Marlboro*, muito bom. O isqueiro estava gravado com um míssil de cruzeiro sorridente, cuja asa era um bíceps fletido.

— Meu — disse o marinheiro. — Os Norte-Coreanos são todos bandidos.

Dois outros marinheiros abanavam a cabeça perante o estado do navio, especialmente pela forma como os parafusos das cordas salva-vidas estavam enferrujados.

— Espiões? — perguntou um deles. — Nem sequer têm radar. Utilizam a merda de uma bússola. Não há nenhum mapa na sala dos mapas. Navegam este xaveco por cálculo.

— Não sabes como estes Norte-Coreanos são tortuosos — contrapôs Pak. — Toda a sociedade deles é baseada no engano. Espera até termos partido este barco todo e vais ver que tenho razão.

Dobrou-se e abriu a comporta de acesso ao porão da frente. Lá dentro, havia milhares de pequenas cavalas, de boca aberta por terem sido congeladas vivas.

Jun Do compreendeu subitamente que eles se iriam rir do seu equipamento se o encontrassem, que o destruiriam e o trariam para a luz do dia, rindo-se de como ele o montara. E, depois, não mais ouviria nenhum conto erótico do Dr. Rendezvous, não saberia se os prisioneiros russos obtinham liberdade condicional, seria para sempre um mistério saber se as remadoras tinham conseguido chegar a casa, e ele tivera mistérios assim que chegassem.

Um marinheiro saiu da cabina do piloto usando uma bandeira da RDPC como capa.

— Filho de uma puta — interpelou-o outro marinheiro. — Como é que caralho acabaste com isso em cima? És o mais lamentável marinheiro da Armada, e eu vou tirar-te isso.

Um outro marinheiro apareceu, vindo de baixo. A placa com o nome dizia «Tenente Jervis» e tinha uma prancheta com folhas.

— Têm alguns coletes salva-vidas? — perguntou ele à tripulação. Jervis tentou representar um colete, mas a tripulação do *Junma* abanou a cabeça em negação. Jervis conferiu um item na sua lista. — E uma pistola sinalizadora? — perguntou ele, imitando um tiro para o ar.

— Nunca — disse o Capitão. — No meu navio não há armas.

Jervis virou-se para Pak.

— Você é tradutor ou quê? — perguntou ele.

— Sou oficial de informações — respondeu ele.

— Não quer fazer a porra da tradução só por esta vez?

— Ouviu o que eu disse, são espiões!

— Espiões? — perguntou Jervis. — O navio deles está meio queimado.

Nem sequer têm um sítio para cagar nesta coisa. Pergunte-lhes se têm um extintor de incêndio.

Os olhos de Jun Do iluminaram-se.

— Olhe — disse Pak. — Aquele percebeu tudo o que disse. Provavelmente, falam todos inglês.

Jervis mimou um extintor de incêndio, com efeitos sonoros e tudo.

O Maquinista apertou as mãos como se estivesse em oração.

Apesar de ter um rádio, Jervis gritou para o seu navio:

— Precisamos de um extintor de incêndio.

Houve alguma discussão por lá. Por fim, a resposta chegou:

— Há algum fogo?

— Meu Deus — gritou Jervis. — Limitem-se a mandar um para baixo.

— Vão vendê-lo no mercado negro — disse Pak. — São bandidos, uma nação inteira de bandidos.

Quando Jun Do viu um extintor vermelho a descer do navio de guerra por uma corda, percebeu subitamente que os americanos os iam deixar ir. Mal falara inglês anteriormente, isso nunca fizera parte da sua formação, mas articulou:

— Bote salva-vidas.

Jervis olhou para ele.

— Não têm um bote salva-vidas?

Jun Do disse que não com a cabeça.

— E mandem para baixo um insuflável — gritou Jervis para o navio, lá em cima.

Pak estava à beira de os perder. Tirou o boné e passou os dedos ao longo da superfície de cabelo cortado à escovinha.

— Não é óbvia a razão de não lhes permitirem ter um bote?

— Tenho de conceder — disse Jervis a Pak. — Acho que você tinha razão acerca de aquele perceber inglês.

Na cabina do piloto, alguns marinheiros estavam a mexer no rádio. Ouviam-se lá dentro a transmitir mensagens. Um deles pegou no microfone e disse:

— Isto é uma mensagem pessoal de Tom Johnson para Kim Jong Il. Intercetámos o seu barco todo janota, mas não conseguimos localizar a sua laca, o macacão e os sapatos compensados, terminado.

O Capitão estivera à espera de um salva-vidas, mas quando pela corda desceu um pacote amarelo não maior do que um saco de vinte quilos de arroz, ficou confuso. Jervis mostrou-lhe o manípulo vermelho de enchimento e, estendendo os braços, explicou como se expandiria.

Todos os americanos possuíam pequenas máquinas fotográficas, e

quando um deles começou a tirar fotografias, todos os outros o fizeram também: à pilha de ténis *Nike*, à pia castanha onde a tripulação fazia a barba, à carapaça de tartaruga a secar ao sol, ao entalhe que o Piloto fizera no parapeito para atirar a merda para o mar. Um marinheiro apoderou-se do calendário do Capitão com fotogramas dos últimos filmes da atriz Sun Moon. Riram-se acerca de como as beldades norte-coreanas usavam vestidos até aos pés, mas o Capitão não esteve para brincadeiras: foi lá e arrebatou-lho de volta. Então, um dos marinheiros saiu da cabina com o retrato emoldurado de Kim Jong Il, pertencente ao navio. Arranjara maneira de o arrancar da parede e agora levantava-o nas suas mãos.

— Tomem lá este — disse ele. — É o homem, ele próprio.

A tripulação do *Junma* ficou imóvel.

Pak movimentou-se instantaneamente.

— Não, não, não — disse ele. — Isto é muito sério. Têm de pôr isso onde estava.

O marinheiro não queria desistir do retrato.

— Disse que eram espiões, não disse? Quem encontra as coisas é quem fica com elas, não é, Tenente?

O Tenente Jervis tentou pôr água na fervura.

— Deixemos os rapazes levarem umas lembranças — disse ele.

— Mas isto não é coisa com que se brinque — disse Pak. — As pessoas vão para a prisão por coisas como esta. Na Coreia do Norte, isto pode significar a morte.

Saiu outro marinheiro da cabina, e este desprendera o retrato de Kim Il Sung.

— Tenho o irmão desse — anunciou ele.

Pak estendeu as mãos de palmas para fora.

— Esperem — disse ele. — Não compreendem. Podem estar a mandar estes homens para a cova. Eles precisam de ser detidos e interrogados, não condenados.

— Olhem o que tenho aqui — disse um outro marinheiro. Saiu da cabina de pilotagem com o chapéu do Capitão e, com dois passos curtos, o Segundo Marinheiro puxou da faca de estripar tubarões e pô-la na garganta do marinheiro.

Meia dúzia de espingardas foram empunhadas, com um clique quase instantâneo. Acima, no convés da fragata, todos os marinheiros se imobilizaram, de café na mão. No silêncio, ouvia-se apenas o familiar tinir dos aparelhos e a água a esparrinhar para fora do viveiro. Jun Do sentia como as ondas repelidas pela proa da fragata embalavam duplamente o *Junma*.

Com toda a calma, o Capitão bradou ao Segundo Marinheiro:

— É apenas um chapéu, meu filho.

O Segundo Marinheiro respondeu ao Capitão, embora sem desviar os olhos do marinheiro americano.

— Não se pode andar à volta do mundo a fazer o que se quer. Há regras, e as regras têm de ser cumpridas. Um tipo não pode, pura e simplesmente, levantar-se do sítio onde está e roubar chapéus às pessoas.

— Vamos apenas deixar o marinheiro em paz — disse-lhe Jun Do.

— Eu sei onde está a risca — disse o Segundo Marinheiro. — Não estou a pisá-la, eles é que estão. Alguém tem de os parar, alguém tem de lhes tirar estas ideias da cabeça.

Jervis tirara a sua pistola do coldre.

— Pak — disse ele. — Por favor traduza que esse homem está prestes a ser abatido.

Jun Do deu um passo em frente. Os olhos do Segundo Marinheiro eram frios e piscavam de incerteza, e o marinheiro americano olhou para ele, pedindo ajuda. Jun Do tirou cuidadosamente o chapéu da cabeça do marinheiro, depois pôs uma mão no ombro do Segundo Marinheiro. Este disse:

— Um tipo tem de ser parado antes que faça alguma coisa estúpida. — Depois deu um passo atrás e arremessou a faca para o mar.

Canos no ar, os marinheiros mantiveram o olhar em Jervis. Este aproximou-se de Jun Do.

— Agradeço-lhe ter ajudado o vosso homem a desarmar — disse ele, e com um aperto de mão passou o seu cartão de oficial a Jun Do. — Para o caso de ir algum dia ao mundo livre — disse ele, lançando depois um último, longo, olhar ao *Junma*. — Não há nada aqui — acrescentou ele. — Vamos lá retirar de forma controlada, meus senhores.

E, então, num quase balé — arma para baixo, recuar, passo para o lado, trocar de lugar, arma para cima —, os oito americanos deixaram o *Junma* de forma a estarem sete espingardas apontadas à tripulação durante todo o tempo, e, apesar disso, ao fim de uma breve série de momentos silenciosos, o convés ficou livre e a lancha de abordagem longe.

De imediato, o Piloto estava ao leme para virar o *Junma*, e já o nevoeiro roubava os contornos do casco cinzento da fragata. Jun Do semicerrou os olhos, tentando espreitar o seu interior, imaginando o painel de comunicações e o equipamento que lá tinha, como ele poderia detetar qualquer coisa, como tinha a capacidade de apreender tudo o que fosse dito no mundo. Olhou para o cartão na sua mão. Não era uma fragata coisa nenhuma, mas sim um navio intercetor, o *USS Fortitude*, e deu-se conta de que as suas botas formigavam de camarões.

Apesar de o combustível estar baixo, o Capitão ordenou que rumassem para oeste, e a tripulação esperou que ele estivesse a dirigir-se para águas norte-coreanas em busca de segurança, e não de alguma enseada pouco profunda na qual afundasse o desgraçado *Junma*. Acompanhavam a ondulação a boa velocidade e, com terra à vista, era estranho não haver uma bandeira a bater por cima. O Piloto, ao leme, não conseguia deixar de olhar para os dois quadrados brancos na parede onde tinham estado os retratos dos líderes.

Jun Do, exausto já a meio do dia, varreu os camarões que derramara pelos buracos do ralo e daí para o mar, devolvendo-os para o mundo que os fizera, fosse ele qual fosse. Mas era trabalho falso, aquele varrer, tal como era falso o trabalho em que se ocupavam os marujos no viveiro, da mesma maneira que a chave inglesa em que o Maquinista pegava era um apoio. O Capitão circum-navegava o convés, ficando cada vez mais irado, a julgar pela forma como falava entre dentes consigo próprio, e tal como era verdade que ninguém queria estar perto dele quando estava assim, também ninguém queria tirar os olhos de cima dele.

O Capitão passou novamente por Jun Do. A pele do velho estava vermelha, o negro das tatuagens quase em relevo.

— Três meses — disse ele. — Três meses neste barco, e não podes sequer fingir que és pescador? Viste-nos esvaziar uma bolsa de arrasto neste convés uma centena de vezes; não comes os mesmos pratos que nós e não cagas no mesmo balde?

Observaram o Capitão caminhar até à proa e, quando regressou, os marinheiros pararam de fingir que estavam a trabalhar e o Piloto saiu do leme.

— Acampas lá em baixo com os auscultadores postos, a afinar os teus mostradores e a bater durante toda a noite na máquina de escrever. Quando vieste para bordo, disseram que sabias *taekwondo*, disseram que poderias matar. Pensei que quando chegasse a altura, serias forte. Mas que tipo de oficial de informações és tu, se nem sequer finges ser um camponês ignorante como todos nós fazemos?

— Não estou nas informações — disse Jun Do. — Sou apenas um tipo que enviaram para a escola de línguas.

Mas o Capitão não estava a ouvir.

— O que o Segundo Marinheiro fez foi estúpido, mas agiu, estava a defender-nos, não a colocar-nos em perigo. Mas tu, tu ficaste quieto, e agora, para nós, pode ter acabado tudo.

O Primeiro Marinheiro tentou dizer qualquer coisa, mas o Capitão abriu muito os olhos na sua direção.

— Podias ter dito que eras um repórter, que estavas a escrever um artigo sobre pescadores humildes. Podias ter dito que eras da Universidade Kim Il Sung, que andavas a estudar os camarões. Aquele oficial não estava a tentar ser teu amigo. Ele não quer saber de ti para nada. — O Capitão apontou para a costa. — E eles até são piores — disse ele. — As pessoas não significam nada para eles, mesmo nada.

Jun Do olhou o Capitão nos olhos, sem afeto.

— Compreendes?

Jun Do assentiu.

— Então di-lo.

— As pessoas não significam nada para eles — disse Jun Do.

— É isso — disse o Capitão. — Eles apenas se interessam pela história que vamos contar, e essa história será ou não útil para eles. Quando eles te perguntarem o que aconteceu à bandeira e aos retratos, que história vais tu contar?

— Não sei — disse-lhe Jun Do.

O Capitão voltou-se para o Maquinista, que disse:

— Houve um novo incêndio, desta vez no leme, e os retratos, infelizmente, ficaram queimados. Poderíamos atear o fogo, e quando parecesse suficientemente queimado, apagávamo-lo com o extintor. Vamos querer que o navio esteja ainda a fumegar quando entrarmos no porto.

— Bom, bom — disse o Capitão. Perguntou ao Maquinista qual seria o papel dele.

— Queimei as mãos a tentar salvar os retratos.

— E como começou o fogo? — perguntou o Capitão.

— Gasóleo chinês ordinário — disse o Segundo Marinheiro.

— Bom — disse o Capitão.

— Gasóleo sul-coreano estragado — disse o Contramestre.

— Ainda melhor — disse o Capitão.

— E eu queimei o cabelo ao tentar salvar a bandeira — disse o Piloto.

— E tu, Terceiro Marinheiro — perguntou o Capitão. — Qual foi o teu papel no incêndio?

Jun Do pensou sobre o assunto.

— Mmm — disse ele. — Despejei baldes de água?

O Capitão fitou-o com desgosto. Apanhou um sapato e observou as cores — verde e amarelo, com o diamante da nação do Brasil. — Não há nenhuma forma de sermos capazes de explicar isto — disse ele, atirando-o borda fora. Pegou noutra, branco com o logótipo prateado. Também o arremessou para fora de bordo. — Uns humildes pescadores saíram para as generosas águas norte-coreanas, acrescentando com o seu esforço as riquezas da nação mais democrática do mundo. Embora estivessem cansados,

e embora tivessem excedido em muito as suas quotas revolucionárias, sabiam que o dia do aniversário do Grande Líder Kim Il Sung se aproximava e que dignitários de todo o mundo estariam de visita para lhe prestar homenagem.

O Contramestre foi buscar o par de sapatos que guardara. Respirando profunda e dolorosamente, atirou-os para o mar. Disse:

— Que poderiam eles fazer, esses humildes pescadores, para mostrarem o seu respeito pelo grande líder? Decidiram recolher deliciosos camarões norte-coreanos, a inveja do mundo.

O Piloto chutou um sapato para o mar.

— Em louvor do Grande Líder, os camarões saltaram de boa vontade do oceano para as redes dos pescadores.

O Maquinista começou a empurrar pilhas inteiras de sapatos borda fora.

— Ocultos no nevoeiro, como cobardes, estavam os Americanos — disse ele — num navio gigante comprado com o dinheiro ensanguentado do capitalismo.

O Segundo Marinheiro fechou os olhos por um instante. Tirou os sapatos, e ficou descalço. A expressão dos seus olhos dizia que a coisa mais errada que jamais acontecera estava a acontecer naquele preciso momento. E, depois, os sapatos deslizaram das suas mãos para dentro de água. Fingiu olhar para o horizonte para que ninguém lhe visse o rosto.

O Capitão virou-se para Jun Do.

— Nesta história de pura agressão imperial, que papel desempenhaste tu, cidadão?

— Testemunhei tudo — disse Jun Do. — O jovem Segundo Marinheiro é demasiado humilde para falar da sua própria bravura, mas eu vi, vi tudo — como os americanos subiram a bordo num ataque surpresa, como um oficial do RCS conduziu os americanos para cá como cães pela trela. Vi-os a insultarem o nosso país e desfilarem com a nossa bandeira, mas quando tocaram nos retratos dos nossos Líderes, como um relâmpago, o Segundo Marinheiro, com um espírito de verdadeiro autossacrifício, sacou da faca e enfrentou o pelotão inteiro de porcos americanos. Instantes depois os americanos retiravam para salvarem a vida, tal foi a valentia e o zelo revolucionário do Marinheiro.

O Capitão aproximou-se e deu uma palmada nas costas de Jun Do. Com isto, todos os *Nike* foram atirados ao mar, deixando um rasto flutuante de sapatos. O que demorara toda a noite a reunir desapareceu em poucos minutos. Depois, o Capitão pediu o extintor.

O Maquinista levou-o até à amurada do navio e todos o observaram a cair dentro de água. A parte de cima em primeiro lugar, um reluzir ver-

melho, e logo estava a rolar para as profundezas. Chegou depois a vez do bote salva-vidas, que fizeram balançar sobre o parapeito. Deitaram-lhe um último olhar, ainda mais amarelo àquela luz da tarde, e quando o Segundo Marinheiro ia empurrá-lo, o Capitão deteve-o.

— Espera — disse o ele, demorando um momento a formar a sua decisão. — Vejamos, pelo menos, como funciona. — Puxou o manípulo vermelho e, tal como previsto, inflou com um estouro antes mesmo de atingir a água. Era tão novo e limpo, com dois anéis de ar sob um toldo para o mau tempo, suficientemente grande para todos eles. Uma pequena luz vermelha piscava no topo e, juntos, ficaram a olhar enquanto o barco de salvamento partia sem eles.

\*

Jun Do dormiu até aportarem em Kinjye nessa tarde. Toda a tripulação colocara os crachás vermelhos do Partido. À espera deles, no cais, estava um grande grupo — vários soldados, o Ministro do Mar de Chongjin, alguns funcionários locais do Partido, e um repórter da redação regional do *Rodong Sinmun*.

Todos tinham ouvido falar acerca das insultuosas transmissões de rádio americanas, embora a última coisa que fariam era desafiar a frota americana para salvar o *Junma*.

Jun Do contou a sua história e, quando o repórter lhe perguntou o nome, Jun Do disse que isso não interessava, pois era apenas um cidadão humilde da mais grandiosa nação do mundo. O repórter gostou disso. Havia um senhor mais velho no cais, em que Jun Do não reparara inicialmente. Vestia um fato cinzento e tinha cabelo branco cortado muito curto. As suas mãos, porém, eram inesquecíveis — os ossos tinham sido partidos e tinham ficado mal unidos. Pareciam, na verdade, como se tivessem sido torcidas no guincho do *Junma*. Quando tudo terminou, esse homem mais velho e o repórter levaram o Segundo Marinheiro dali para confirmar a história e obter mais citações.

Com o anoitecer, Jun Do caminhou pelos trilhos das carretas de peixe que levavam à nova fábrica de conservas. A velha fábrica tivera um mau lote de latas e muitos cidadãos foram dizimados pelo botulismo. O problema revelou-se impossível de ser localizado, pelo que construíram uma nova fábrica ao lado da velha. Passou pelos barcos de pesca e pelo *Junma* preso às amarras, havendo já homens de camisas com botões até abaixo a descarregá-lo. Sempre que alguns burocratas de Chongjin eram apanhados um tudo-nada abaixo de supremamente obedientes, tinham de fazer uma peregrinação a Wonsan ou Kinjye para servirem algumas



semanas a fazer trabalho revolucionário, como descarregarem peixe à mão, dia e noite.

Jun Do vivia na casa do Mestre Conserveiro, uma habitação grande e bela, que mais ninguém desejara ocupar devido ao que acontecera ao Mestre Conserveiro e à sua família. Jun Do ocupava apenas um compartimento, a cozinha, que tinha tudo de que necessitava: uma luz, uma janela, uma mesa, um fogão e uma enxerga que ele lá instalara. Só estava em terra poucos dias por mês e, se havia fantasmas, não pareciam incomodá-lo.

Espalhado em cima da mesa, estava o transmissor que andara a construir. Se transmitisse por breves erupções, da mesma forma que os Americanos faziam a partir do fundo do mar, poderia ser capaz de o utilizar sem ser detetado. Mas quanto mais perto chegava da conclusão, mais lentamente trabalhava, pois sobre que diabo iria ele transmitir? Falaria sobre o soldado que disse: «Tabaco, tabaco?» Talvez falasse ao mundo acerca da expressão no rosto do Capitão enquanto avançavam para sul, para lá das grandes praias vazias de Wonsan, para onde era dito a todos os burocratas de Pyongyang que iriam quando entrassem no paraíso da reforma.

Jun Do fez uma chávena de chá na cozinha e barbeou-se pela primeira vez em três semanas. Observou, pela janela, os homens a descarregarem o *Junma* no escuro, homens que estavam certamente a rezar pelo momento em que a eletricidade seria cortada e eles se poderiam retirar para os seus beliches. Primeiro, limpou a espuma ao redor da boca, e, depois, em vez de terminar o chá, bebericou uísque chinês enquanto se escanhoava, produzindo um ruído idêntico ao da lâmina em pele de tubarão. Sentira uma certa emoção quando contara ao repórter a improvável história, e foi espantoso como o Capitão tinha razão: o repórter nem sequer quis o seu nome.

Mais tarde, depois de a energia ter sido cortada e a Lua se ter instalado, Jun Do subiu ao telhado na escuridão absoluta e foi às apalpadelas até à chaminé do fogão. Esperava montar uma antena, que se estenderia a partir da chaminé com a ajuda de uma corda. Nessa noite, estava apenas a estender o cabo, e mesmo isso tinha de ser feito a coberto de total escuridão. Conseguia ouvir o oceano lá fora, sentia a sua largueza distante no ar que lhe batia no rosto. E, no entanto, quando se sentou naquele breu, não conseguiu ver nada. Fitara o mar à luz do dia, estivera sobre ele vezes sem conta, mas e se não tivesse estado? O que poderia uma pessoa pensar que havia lá fora, na imensa escuridão imperscrutável que se estendia diante de si? Os tubarões sem barbatanas, pelo menos, tinham visto o que estava no fundo do oceano, e o que os consolava era saberem em que direção estavam a descer.

Ao alvorecer, a estridência dos apitos ressoou, habitualmente o sinal

para Jun Do ir para a cama. O altifalante foi ligado e começou a proclamar os anúncios da manhã.

— Saudações, cidadãos! — começou a ouvir-se.

Bateram à porta e, quando Jun Do respondeu, encontrou o Segundo Marinheiro. O jovem estava bastante embriagado e estivera envolvido numa briga feroz.

— Ouviste as notícias? — perguntou o Segundo Marinheiro. — Fizem de mim um Herói da Revolução Eterna, o que significa imensas medalhas e uma pensão de herói quando me reformar.

A orelha do Segundo Marinheiro estava rasgada e precisavam do Capitão para lhe coser alguns pontos na boca. O inchaço no rosto do rapaz era generalizado, com alguns pontos brilhantes, isolados. Tinha uma medalha espetada no peito, a Estrela Carmesim.

— Tens licor de serpente? — perguntou ele.

— Que tal reduzirmos isso a cerveja? — respondeu Jun Do antes de tirar as cápsulas a duas garrafas de *Ryoksong*.

— É disso que gosto em ti, sempre pronto para beber pela manhã. A que brindamos? *Quanto mais longa a noite, mais curta a manhã*.

Quando o Segundo Marinheiro bebeu pela sua garrafa, Jun Do viu que os seus punhos não tinham quaisquer marcas. Disse:

— Parece que fizeste alguns novos amigos ontem à noite.

— Deixa-me dizer-te — disse o Segundo Marinheiro. — Atos de heroísmo são fáceis, tornarmo-nos heróis é uma chatice.

— Bebamos então aos atos de heroísmo.

— E aos seus respetivos mimos — acrescentou o Segundo Marinheiro. — Por falar disso, tens de ver a minha mulher, espera só até teres tido a prova de como é bela.

— Anseio por isso — disse-lhe Jun Do.

— Não, não, não — disse o Segundo Marinheiro. Foi até à janela e apontou para uma mulher que estava sozinha na ruela das carretas do peixe. — Olha para ela — disse ele. — Não é sensacional? Diz-me que não é sensacional.

Jun Do espreitou pela janela. A rapariga tinha olhos grandes e húmidos. Jun Do conhecia a expressão do seu rosto: como se quisesse desesperadamente ser adotada, mas não pelos pais que tinham vindo de visita nesse dia.

— Diz-me que não é magnífica — disse o Segundo Marinheiro. — Mostra-me outra mulher mais bela.

— Não se pode negar — disse Jun Do. — Sabes que será bem acolhida se quiser entrar.

— Desculpa — disse o Segundo Marinheiro, e tombou de novo com

um baque sobre a cadeira. — Ela não vai pôr os pés neste lugar. Tem medo de fantasmas. No ano que vem, vou provavelmente pôr um bebé dentro dela, depois os seios vão inchar-lhe com leite. Posso dizer-lhe para se aproximar se quiseres ver melhor. Talvez lhe peça para cantar. Vais cair da janela quando ouvires.

Jun Do deu um gole na cerveja.

— Pede-lhe para cantar aquela acerca dos verdadeiros heróis que recusam todas as recompensas.

— Tens um sentido de humor lixado — disse o Segundo Marinheiro, segurando a garrafa de cerveja gelada contra as costelas. — Sabes que os filhos dos heróis têm de ir para escolas de nível vermelho? Talvez eu venha a ter uma ninhada inteira e a viver numa casa como esta. Talvez venha a viver nesta.

— És bem-vindo — disse-lhe Jun Do. — Mas não parece que a tua mulher te acompanhe.

— Oh, ela é uma criança — disse ele. — Fará tudo o que lhe disser. A sério, chamá-la-ei para vir cá. Verás, consigo que faça qualquer coisa.

— Então, e tu, não tens medo de fantasmas? — perguntou Jun Do.

O Segundo Marinheiro olhou em volta, avaliando de novo a casa.

— Não iria querer pensar muito sobre como as coisas terminaram para os miúdos do Mestre Conserveiro — disse ele. — Onde é que aconteceu?

— Lá em cima.

— Na casa de banho?

— Há um quarto de crianças.

O Segundo Marinheiro inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto. E, depois, fechou os olhos. Por um momento, Jun Do pensou que estava a dormir. Então, o Segundo Marinheiro disse em voz alta:

— Miúdos — disse ele. — É tudo o que interessa, não é? É o que dizem.

— É o que dizem — disse Jun Do. — Mas as pessoas fazem coisas para sobreviverem, e, a seguir, depois de sobreviverem, não podem viver com o que fizeram.

O Segundo Marinheiro fora bebé nos anos 90, pelo que, para ele, aqueles anos depois da fome deviam ter sido anos de plenitude gloriosa. Tomou um longo trago de cerveja.

— Se toda a gente que teve uma vida de merda, e tenha tentado resistir, se transformasse num peido — disse ele — o mundo tresandaria até ao cimo das árvores, estás a perceber o que digo?

— Suponho que sim.

— Então não acredito em fantasmas, está bem? O canário de alguém morre, ouve-se piar no escuro e pensa-se: *Oh, é o fantasma do meu pássaro*. Mas se me perguntares, um fantasma é o oposto disso. É algo que se pode

sentir, que se sabe que está ali, mas que não se consegue perceber onde está exatamente. Como o capitão do *Kwan Li*. Os médicos acabaram por ter de amputar. Não sei se ouviste falar disso.

— Não ouvi — disse-lhe Jun Do.

— Quando acordou, no hospital, perguntou: *Onde está o meu braço?*, e os médicos disseram, *Lamentamos, mas tivemos de amputar*. O capitão diz: *Eu sei que o meu braço desapareceu, onde está ele?*, mas não lhe disseram. *Consigo senti-lo*, diz ele, fechando o punho sem ele. Na banheira, consegue sentir a água quente com o braço que lhe falta. Mas onde está ele? No lixo ou queimado? Sabe que está algures por aí, consegue literalmente senti-lo, mas não tem poderes nenhuns.

— Para mim — disse Jun Do — aquilo em que toda a gente erra em relação aos fantasmas é a ideia de que estão mortos. Na minha experiência, os fantasmas são feitos apenas de vivos, gente que sabemos que está algures, mas para sempre fora de alcance.

— Como a mulher do Capitão?

— Como a mulher do Capitão.

— Nunca a conheci — disse o Segundo Marinheiro. — Mas vejo o seu rosto no Capitão, e é difícil não me perguntar onde ela está, e com quem está, e se ainda pensa no Capitão.

Jun Do ergueu a cerveja e bebeu em honra desta perceção.

— Ou talvez como os teus americanos no fundo do oceano — disse o Segundo Marinheiro. — Ouve-los lá em baixo a remexerem, sabes que são importantes, mas estão fora do teu alcance. Faz todo o sentido, sabes?, está totalmente de acordo com o teu perfil.

— O meu perfil? Qual é o meu perfil?

— Oh, não é nada — disse o Segundo Marinheiro. — Apenas uma coisa de que o Capitão falou uma vez.

— Ah, sim?

— Apenas disse que eras órfão e que os órfãos estavam sempre à procura de coisas que não poderiam ter.

— A sério? Tens a certeza que ele não disse que era porque os órfãos tentam roubar as vidas das outras pessoas?

— Não fiques zangado. O Capitão só disse que eu não deveria ser demasiado amistoso contigo.

— Ou que, quando morrem, os órfãos gostam de levar outras pessoas com eles? Ou que há sempre uma razão pela qual uma pessoa se torna órfã? As pessoas dizem todos os tipos de coisas acerca de órfãos, sabes?

O Segundo Marinheiro levantou uma mão.

— Escuta — disse ele. — O Capitão apenas me disse que nunca ninguém te ensinou o que era lealdade.

— Como se tu soubesses alguma coisa acerca disso. E se tens algum interesse por factos, nem sequer sou órfão.

— Ele disse que tinhas dito isso. Não estava a tentar ser mesquinho — disse o Segundo Marinheiro. — Disse apenas que os militares recolhem os órfãos todos e submetem-nos a um treino especial que os faz não terem sentimentos quando acontecem coisas más às outras pessoas.

Através da janela, o sol começava a reluzir nos mastros da frota de pesca. E a jovem, lá fora, desviava-se de cada vez que passava a carreta de duas rodas em que o peixe era transportado.

— E que tal dizeres-me o que estás a fazer aqui? — perguntou Jun Do.

— Eu disse-te — indicou ele. — Queria mostrar-te a minha mulher. Ela é muito bonita, não achas?

Jun Do apenas o fitou.

O Segundo Marinheiro prosseguiu:

— Claro que é. Ela é como um íman, sabes, não se consegue resistir à sua beleza. A minha tatuagem não lhe faz justiça. E, praticamente, possuímos já uma família. Agora sou um herói, claro, e é bastante seguro que um dia chegarei a mestre de navio. Só estou a dizer, sou um tipo com muito a perder. — O Segundo Marinheiro fez uma pausa, escolhendo as palavras. — Mas tu, tu não tens ninguém. Estás numa enxerga, na cozinha da casa de um monstro.

A mulher, lá fora, fez um gesto de chamamento, mas o Segundo Marinheiro descartou-o com um aceno.

— Se tivesses dado um soco na cara daquele americano — disse ele — estarias agora em Seul, estarias livre. É isso que eu não entendo. Se um tipo não tem cordelinhos, o que é que o detém?

Como dizer ao Segundo Marinheiro que a única forma de espantar os fantasmas era encontrá-los, e que o único lugar onde Jun Do poderia fazer isso era ali mesmo? Como explicar o sonho recorrente em que ele está à escuta no seu rádio, está a receber restos de mensagens importantes, da sua mãe, de outros rapazes do orfanato? As mensagens são difíceis de sintonizar, e acorda antes com a mão no poste do beliche, como se fosse o sintonizador UHF. Por vezes, as mensagens eram de pessoas que passavam mensagens de outras pessoas que tinham falado com pessoas que tinham visto a sua mãe. Ela quer dizer-lhe onde está, quer dizer-lhe porquê, não cessa de repetir o seu próprio nome, vezes sem conta, embora ele não o consiga decifrar por completo. Como explicar que sabe como, em Seul, as mensagens terminariam?

— Anda — disse Jun Do. — Temos de te levar ao Capitão para te dar uns pontos.

— Estás a brincar comigo? Sou um herói. Agora tenho de ir ao hospital.

\*

Quando o *Junma* deixou novamente o porto, tinham novos retratos do Grande e do Querido Líder, Kim Il Sung e Kim Jong Il. Tinha uma nova mesa de cozinha, e tinham também um novo lavabo, porque não estava certo que um herói tivesse de cagar num balde, embora houvesse heróis da Coreia do Norte que tinham aguentado coisas muito piores e o tivessem feito sem queixas. Tinha também uma nova bandeira da RDPC, que arriaram a onze quilómetros da costa.

O Capitão estava de muito bom humor. No convés havia um novo baú e foi com um pé em cima dele que chamou a tripulação a reunir-se. De dentro do baú, retirou em primeiro lugar uma granada de mão.

— Isto — disse ele — foi-me dado para o caso de os Americanos voltarem. Tenho de a largar no porão de popa e afundar o nosso querido navio, o *Junma*.

Jun Do arregalou os olhos.

— Porque não largá-la na casa das máquinas?

O Maquinista lançou-lhe um olhar de *vai-te foder*.

Então, o Capitão atirou a granada para o mar, onde ela não fez mais do que um silvo ao desaparecer debaixo de água. A Jun Do, disse:

— Não te preocupes, eu teria batido à porta primeiro.

O Capitão abriu o baú com um pontapé para revelar um bote salva-vidas insuflável, claramente tirado de um velho jato comercial soviético. Fora, um dia, cor de laranja, mas agora estava desbotado, num tom pêssego, e junto do manípulo vermelho havia um ominoso aviso a proibir fumar durante o enchimento.

— Depois de a granada explodir e o nosso amado navio ter deslizado para debaixo das ondas, ordenaram-me que abrisse *isto*, não fôssemos perder a vida do nosso herói residente. Não preciso de vos dizer a confiança que foi depositada em nós para receber uma tal dádiva.

O Segundo Marinheiro avançou, quase como se tivesse receio da coisa, para inspecionar o escrito em cirílico.

— É maior do que o outro — disse ele.

— A lotação inteira de um avião poderia caber neste bote — disse-lhe o Maquinista. — Ou a grandeza de um único herói.

— Sim, sim — disse o Contramestre. — Eu, por exemplo, ficaria honrado por pisar a água junto de um bote que contivesse um verdadeiro Herói da Revolução Eterna.

Mas o Capitão não terminara.

— E imagino que seja altura de fazer do Terceiro Marinheiro um membro oficial da nossa tripulação.

Retirou do bolso um pedaço de papel encerado dobrado. Dentro dele estavam nove excelentes agulhas de coser, submetidas ao fogo conjuntamente. As suas pontas estavam enegrecidas por muitas tatuagens.

— Não sou russo, mas verás que me tornei muito habilidoso nisto. E, aqui, nem sequer temos de nos preocupar com a congelação da tinta.

Na cozinha, reclinaram Jun Do sobre a mesa e fizeram-no despir a camisa. Quando o Piloto lhe viu o peito nu, disse «Ah, uma virgem», e toda a gente se riu.

— Escutem — disse Jun Do. — Não me sinto seguro disto. Nem sequer sou casado.

— Descontraí-te — disse o Capitão. — Vou dar-te a mais bela esposa do mundo.

Enquanto o Piloto e o Primeiro Marinheiro folheavam o calendário da atriz Sun Moon, o Capitão borrifou tinta em pó para uma colher e misturou-a com gotas de água até ficar um pouco mais diluída do que uma pasta. O calendário estivera pendurado durante muito tempo na cabina do Piloto, mas Jun Do nunca lhe prestara realmente grande atenção, pois tresandava ao patriotismo que saía dos altifalantes. Apenas vislumbrara alguns poucos filmes durante toda a sua vida, todos eles filmes de guerra chineses que tinham sido passados na sua unidade em dias de mau tempo, na tropa. Certamente que vira cartazes de filmes de Sun Moon, mas não devia ter parecido que lhe fossem dirigidos. Agora, observando o Contramestre e o Piloto a folhearem os cartazes dos filmes, discutindo qual deles tinha a melhor imagem e a melhor expressão para uma tatuagem, teve inveja da forma como eles recordavam cenas famosas e falas da atriz nacional da Coreia do Norte. Notou profundidade e tristeza nos olhos de Sun Moon, em redor dos quais os ténues vincos evidenciavam determinação perante a perda, e custou-lhe muitíssimo reprimir a recordação de Rumina. E, então, a ideia de um retrato, de uma pessoa qualquer, colocado para sempre sobre o coração, pareceu-lhe irresistível. Como é possível não andarmos por aí com cada uma das pessoas que nos importa tatuada em nós para sempre? E depois lembrou-se de que não tinha ninguém que lhe importasse, razão pela qual a sua tatuagem seria de uma atriz que ele nunca vira, tirada de um calendário da casa do leme de um barco de pesca.

— Se ela é uma atriz assim tão famosa — disse Jun Do — toda a gente na Coreia do Norte a vai reconhecer e saber que não é a minha mulher.

— A tatuagem — disse o Capitão — é para os Americanos e os Sul-Coreanos. Para eles, será simplesmente um rosto de mulher.

— Francamente — disse Jun Do. — Nem sequer sei a razão de vocês fazerem isto, o que adianta tatuar o rosto da vossa mulher no peito?

O Segundo Marinheiro disse:

— Porque somos pescadores, é essa a razão.

— Para nos poderem identificar o corpo — disse o Piloto.

O silencioso Maquinista declarou:

— Para que sempre que pensarmos nela, ela esteja aqui.

— Isso soa muito nobre — disse o Contramestre. — Mas é para dar paz de espírito às esposas. Elas pensam que nenhuma outra mulher dorme com um homem que tem uma tatuagem destas, mas há formas de o fazer, claro, há raparigas.

— Há uma única razão — disse o Capitão. — É porque isto coloca-as no nosso coração para sempre.

Jun Do pensou sobre aquilo. Surgiu-lhe uma pergunta infantil, uma pergunta que o marcava como alguém que nunca conhecera nenhum tipo de amor.

— Estão a pôr Sun Moon no meu coração para sempre? — perguntou ele.

— Oh, o nosso jovem Terceiro Marinheiro — disse o Capitão, sorrindo para os outros. — Ela é atriz. Quando se veem os filmes dela, não é bem ela que se vê. São apenas as personagens que ela representa.

— Não vi os filmes dela.

— Então, vais ver — disse o Capitão. — Não há motivo para preocupações.

— Que género de nome é Sun Moon? — perguntou Jun Do.

— Suponho que ela é uma celebridade — disse o Capitão. — Talvez todos os *yangbans*, em Pyongyang, tenham nomes estranhos.

Escolheram uma imagem de *Tiranos em Pedacos*. Era uma fotografia da cabeça e, em vez de um olhar comandado pelo dever em direção a um longínquo exército imperialista ou um levantar de olhos para o Monte Paektu em busca de orientação, nela Sun Moon olhava para o espetador com reverência por tudo o que eles teriam perdido juntos quando, no final, passassem os créditos do filme.

O Piloto segurou o calendário com firmeza e o Capitão começou pelos olhos. Tinha boa técnica — puxava as agulhas para trás, remexendo-as para dentro e para fora da pele com o género de oscilação que se usa para apertar um nó de contramestre. Dessa forma a dor era menor, e as pontas das agulhas entravam num certo ângulo, fixando a tinta. O Capitão utilizou um pedaço de pano húmido para limpar a tinta e o sangue que se escapavam.

Enquanto trabalhava, o Capitão perguntou em voz alta a si mesmo:

— Que deveria o Terceiro Marinheiro saber sobre a sua nova espo-



sa? — meditou ele. — A sua beleza é óbvia. É de Pyongyang, um sítio que nenhum de nós nunca vai ver. Foi descoberta pelo próprio Querido Líder e entrou em *Uma Verdadeira Filha do País*, o primeiro filme norte-coreano. Que idade teria ela então?

— Dezasseis anos — disse o Contramestre.

— Mais ou menos isso — disse o Piloto. — Que idade tens tu? — perguntou ele ao Segundo Marinheiro.

— Vinte anos.

— Vinte — disse o Piloto. — Esse filme foi feito no ano em que nasceste.

O balanço do navio parecia não incomodar de todo o Capitão.

— Ela era a amada do Querido Líder, e era a única atriz. Mais ninguém podia ser a protagonista de um filme, e isto continuou a ser assim durante anos. Apesar da sua beleza, ou por causa dela, o Querido Líder também não permitia que ela se casasse, de modo que todos os seus papéis eram apenas papéis, pois ela própria não sabia nada sobre amor.

— Mas então surgiu o Comandante Ga — disse o Maquinista.

— Então surgiu o Comandante Ga — repetiu o Capitão num tom ausente de alguém perdido na minúcia dos detalhes. — Sim, ele é a razão pela qual não tens de te preocupar sobre Sun Moon ser colocada demasiadamente fundo no teu coração.

Jun Do ouvira falar do Comandante Ga — entre os militares, ele era praticamente aclamado como o homem que liderara seis missões de assassinio na Coreia do Sul, que vencera o Cinturão Dourado do *taekwondo*, e expurgara o Exército de todos os homossexuais.

— O Comandante Ga até com um urso lutou — disse o Segundo Marinheiro.

— Não estou muito certo acerca dessa parte — disse o Capitão, delineando o contorno subtil do pescoço de Sun Moon. — Quando o Comandante Ga foi ao Japão e venceu Kimura, toda a gente sabia que, depois de regressar a Pyongyang, ele indicaria o troféu que pretendia. O Querido Líder fê-lo Ministro das Minas-Prisão, que é uma posição cobiçada, pois não há nada para fazer. Mas o Comandante Ga exigiu a posse da atriz Sun Moon. O tempo passou, houve problemas na capital. Por fim, o Querido Líder cedeu, com amargura. Os dois casaram-se, tiveram dois filhos e agora Sun Moon está afastada, melancólica e só.

Toda a gente ficou em silêncio quando o Capitão disse isto, e Jun Do subitamente sentiu pena dela.

O Segundo Marinheiro lançou-lhe um olhar triste.

— Isso é verdade? — perguntou ele. — Sabe mesmo que ela acabou assim?

— É assim que acabam todas as esposas — disse o Capitão.

\*

Mais tarde, o peito de Jun Do doeu-lhe, e ansiou por ouvir notícias da rapariga que remava no escuro. O Capitão dissera-lhe que a água do mar impediria a tatuagem de infetar, mas Jun Do não correria o risco de ir lá acima buscar um balde e perdê-la. Sentia-se, cada vez mais, como se fosse a única pessoa no mundo que a compreendia. Era maldição sua ser notívago numa nação sem eletricidade à noite, mas era também o seu dever, tal como pegar num par de remos ao pôr do sol ou deixar os altifalantes encher-nos a cabeça enquanto se dormia. Até a tripulação pensava nela a remar rumo ao alvorecer, como se o alvorecer fosse uma metáfora de alguma coisa transcendente ou utópica. Jun Do compreendia que ela remava *até* ao alvorecer, quando, cansada e com o dever cumprido, poderia embrulhar-se para dormir. A noite ia muito avançada quando finalmente encontrou o seu sinal, débil por vir de tão longe, a norte.

— O sistema de orientação está partido — disse ela. — Continua a dizer as coisas erradas. Não estamos onde ele diz que estamos, não podemos estar. Está qualquer coisa por aí, em cima da água, mas não conseguimos vê-la.

A linha ficou silenciosa e Jun Do estendeu o braço para sintonizar o sinal. Depois, ela voltou.

— Isto funciona? — perguntou ela. — Está a funcionar? Há um navio ali, um navio sem luzes. Disparámos um sinalizador contra ele. O seu rasto vermelho ressaltou no casco. Está alguém por aí, alguém nos pode vir salvar?

*Quem a estava a atacar?*, perguntou-se ele. Que pirata atacaria uma mulher que não desejava nada mais do que fazer o seu caminho no escuro?

Ouviu um estouro pela linha — seria um estouro de arma de fogo? — e pela sua cabeça desfilaram todas as razões por que era impossível ir salvá-la: que estava muito longe, para norte, que os Americanos a encontrariam, que eles nem sequer tinham mapas daquelas águas. Tudo verdade, mas, claro, a verdadeira razão era ele. Estendeu a mão para diante e desligou o recetor, e o fantasma verde dos seus mostradores ficou nos seus olhos durante algum tempo. Teve a sensação estática de ar fresco quando tirou os auscultadores. Lá em cima, no convés, perscrutou o horizonte, à procura do solitário arco vermelho descrito pelo sinal de emergência.

— Perdeste alguma coisa? — perguntou o Capitão. Ele era apenas uma voz vinda do leme.

Jun Do virou-se e viu a ponta cintilante do seu cigarro.

— Sim — disse Jun Do. — Acho que perdi.

O Capitão não saiu da cabina.

— Aquele rapaz está bastante confundido neste momento — disse ele.  
— A última coisa de que precisa é de alguma loucura tua.

Utilizando um colhedor, Jun Do içou um balde com água do mar e entornou-o sobre o peito. Sentiu a dor como uma recordação, alguma coisa de há muito. Olhou para o mar por mais algum tempo. As ondas negras erguiam-se e batiam, e, nos vales entre elas, poder-se-ia imaginar que havia alguma coisa. *Alguém te irá salvar*, pensou ele. *Se te aguentares o tempo suficiente, alguém está a caminho.*

\*

A tripulação dispôs palangres durante todo o dia e, quando Jun Do acordou ao pôr do sol, estavam a içar para bordo os primeiros tubarões. Agora que tinham sido abordados por americanos, o Capitão já não temia ser abordado por americanos. Pediu a Jun Do que canalizasse as emissões através de um altifalante no convés. Seria tarde, avisou-os Jun Do, quando a remadora nua entrasse, se era disso que estavam à espera.

A noite estava límpida, com ondas que rolavam regularmente de nordeste, e as luzes do convés penetravam fundo na água, mostrando o brilho vermelho dos olhos de criaturas apenas um pouco fundas de mais para se distinguirem. Jun Do utilizou as antenas combinadas e fez a tripulação percorrer todo o espectro, dos estrondos ultrabaixos das comunicações entre submarinos ao latir dos repetidores que orientavam através da noite os pilotos automáticos dos jatos. Deixou-os ouvir a interferência causada pelo varrimento de radares de navios distantes. No topo do mostrador ouvia-se o matraquear esganiçado de um emissor de livros em braille, e algures, no pico da frequência, ouvia-se o silvo, como um transe, da radiação solar no Cinturão de Van Allen. O Capitão estava mais interessado nos russos embriagados que cantavam enquanto operavam uma plataforma de perfuração no alto-mar. Trauteou entre dentes todos os quartos ou quintos versos, e disse que, se lhe dessem um minuto, diria o nome da canção.

Os primeiros três tubarões que içaram a bordo tinham sido mordidos por um tubarão maior e não lhes restava nada acima das guelras. Jun Do encontrou uma mulher em Jacarta que lia sonetos ingleses em onda curta, e aproximou-se deles enquanto o Capitão e os marinheiros examinavam o diâmetro da dentada e espreitavam as cabeças vazias dos tubarões. Deu-lhes a ouvir dois homens, em países não conhecidos, que tentavam resolver um problema matemático através de um rádio amador, mas revelou-se muito

difícil de traduzir. Durante algum tempo, Jun Do ficou a fitar o horizonte a norte, depois obrigou-se a não olhar. Escutaram aviões e navios, e os ecos estranhos que vinham da curva da Terra. Jun Do tentou explicar conceitos como FedEx, e os homens discutiram se uma encomenda poderia ou não ser realmente enviada entre quaisquer dois humanos na Terra em vinte e quatro horas.

O Segundo Marinheiro não cessava de perguntar acerca da remadora nua.

— Aposto que os seus mamilos devem parecer pingentes de gelo — disse ele. — E as coxas devem estar brancas e em pele de galinha.

— Não a ouviremos senão de madrugada — disse Jun Do. — Não serve de nada falar disso até lá.

— Precisas de ter cuidado com aquelas grandes pernas americanas — disse o Maquinista.

— Os remadores têm costas fortes — disse o Contramestre. — Aposto que ela conseguiria partir uma cavala ao meio.

— Parte-me ao meio, por favor — disse o Segundo Marinheiro. — Espera até ela descobrir que sou um herói. Poderia ser embaixador, poderíamos fazer alguma paz.

O Capitão disse:

— E espera até ela descobrir que gostas de sapatos de mulher.

— Aposto que ela calça sapatos de homem — disse o Piloto.

— Frio por fora e quente por dentro — disse o Segundo Marinheiro. — É a única forma.

Jun Do virou-se para ele.

— Não te queres calar com isso agora mesmo?

A novidade da vigilância via rádio de súbito desvaneceu-se. O rádio continuou ligado, mas os tripulantes trabalharam em silêncio, não se ouvindo nada senão o guincho, o bater das barbatanas ventrais e o ruído das facas. O Primeiro Marinheiro rolava um tubarão ao contrário para lhe cortar a barbatana anal quando se abriu uma aba e dela foi ejetada uma bolsa viscosa e coberta de gordura cheia de crias de tubarão, a maior parte ainda a respirar em sacos. O Capitão chutou-os para a água, e depois mandou fazer uma pausa. Mais do que afundar-se, ficaram estatelados na superfície, flutuando com o navio, os olhos ainda não completamente formados esbugalhando-se para um lado e para o outro.

Os homens fumaram cigarros *Konsol*, e, sobre as escotilhas, sentiram o vento no rosto. Nunca olhavam para o lado da Coreia do Norte em momentos como aquele — era sempre para leste, na direção do Japão, ou até para mais além, para o ilimitado Pacífico.

Apesar da tensão, Jun Do foi penetrado por uma sensação que por ve-

zes o invadia em rapaz depois de trabalhar nos campos do orfanato ou em qualquer fábrica para onde tinham sido levados nesse dia. A sensação surgia quando estivera a trabalhar duramente, com o seu grupo de rapazes, e embora houvesse ainda coisas pesadas para carregar, o fim estava próximo, e em breve haveria um jantar de grupo com milho e couves e talvez sopa de casca de melão. Depois, dormir, todos juntos, uma centena de rapazes estendidos em quatro camadas, a comum exaustão de todos articulando-se como uma singularidade. Não era falta de pertença, uma sensação que não era particularmente profunda ou intensa, era apenas o melhor que estava apto a ter. Até ali, passara a maior parte da sua vida a tentar estar sozinho, mas havia momentos a bordo do *Junma* em que se sentia *parte integrante*, e sentia isso com uma satisfação que não vinha de dentro, mas do meio de.

Os sintonizadores automáticos rolavam pelas frequências, emitindo breves seleções de cada uma, e foi o Segundo Marinheiro que primeiro empinou a cabeça ao ouvir o teor de alguma coisa que já ouvira antes.

— São eles — disse ele. — São os americanos fantasmas. — Tirou as botas e começou a subir, descalço, para a cabina de pilotagem. — Estão outra vez lá em baixo — disse ele. — Mas desta vez, apanhámo-los.

O Capitão desligou o motor do guincho para que pudesse ouvir melhor.

— O que estão a dizer? — perguntou ele.

Jun Do correu para o recetor e isolou a emissão, sintonizando-a melhor, apesar de a receção ser forte.

— Rainha para cavalo quatro — disse Jun Do. — São os americanos. Há um que tem sotaque russo, um outro parece japonês. — Todos os americanos se estavam a rir, tão nitidamente como um sino junto ao microfone. Jun Do traduziu. — Cuidado, Comandante — disse ele. — Dmitri opta sempre por fazer roque.

O Capitão foi até ao parapeito e olhou para a água. Semicerrou os olhos e abanou a cabeça.

— Mas é a fossa — disse ele. — Nada pode ir até tão fundo.

O Contramestre juntou-se-lhe.

— Ouviste-os. Estão a jogar xadrez lá em baixo.

Jun Do rodou o pescoço para o Segundo Marinheiro, que trepara o poste e tentava desenganchar a direcional.

— Cuidado com o cabo — bradou ele, depois conferiu o relógio: quase dois minutos de captação. Então pensou ouvir uma interferência coreana na transmissão, uma voz qualquer a falar sobre experiências ou algo do género. Jun Do correu a afinar a receção e silenciar a outra transmissão, mas não conseguiu ver-se livre dela. Se não era interferência... tentou impedir-se de pensar que estava também um coreano lá em baixo.

— O que estão a dizer os americanos? — perguntou o Capitão.

Jun Do parou para traduzir.

— Os estúpidos peões continuam a flutuar para longe.

O Capitão olhou outra vez para a água.

— O que estão a fazer lá em baixo?

Então, o Segundo Marinheiro conseguiu tirar a antena direcional do mastro e a tripulação fez silêncio enquanto ele a apontava para as profundezas. Silenciosamente, esperaram enquanto ele, lentamente, fazia passar a antena ao longo das águas, esperando localizar a origem da transmissão, mas não ouviram nada.

— Alguma coisa está errada — disse-lhe Jun Do. — Deve ter vindo desligada.

Então, Jun Do viu uma mão a apontar para o céu. Era a mão do Capitão e estava dirigida a um ponto de luz que corria através das estrelas.

— Lá em cima, meu filho — disse o Capitão, e à medida que o Segundo Marinheiro levantava a antena direcional e a alinhava com o arco de luz, houve um guincho de retorno e, subitamente, era como se as vozes dos americanos, russos e japoneses, estivessem com eles, ali mesmo, no navio.

Jun Do disse:

— O russo acabou de dizer: *É xeque-mate*, e o americano está a dizer: *Merda, as peças flutuaram para longe, isso é pretexto para um novo jogo, e agora o russo está a dizer ao americano: Vamos, desiste do tabuleiro. Pode ser que tenhamos tempo para uma desforra entre Moscovo e Seul antes da órbita seguinte.*

Observaram o Segundo Marinheiro a seguir o ponto de luz até ao horizonte, e quando a luz dobrou a curva da Terra, a emissão desvaneceu-se. A tripulação continuou a fitar o Segundo Marinheiro e este continuou a fitar o céu. Por fim, baixou os olhos para eles.

— Estão juntos no espaço — disse ele. — Deveriam ser nossos inimigos, mas estão lá em cima a rir-se e a andar às voltas. — Baixou a antena direcional e olhou para Jun Do. — Estavas errado — disse ele. — Estavas errado, estão a fazer isto pela paz e pela porra da fraternidade.

\*

Jun Do acordou no escuro. Ergueu-se sobre os braços e sentou-se no beliche, em silêncio, à escuta — de quê? O bafo gelado da sua respiração era uma coisa que ele sentia a ocupar o espaço à sua frente. Havia apenas luz suficiente para ver o reflexo húmido do chão quando oscilava com o movimento do navio. O óleo de peixe que se infiltrava através das junções das divisórias, normalmente um lustro negro que escorria dos rebites, estava

agora endurecido e cor de leite devido ao frio. Das sombras do seu pequeno compartimento, Jun Do tinha a impressão de que uma delas era uma pessoa, perfeitamente imóvel, quase não respirando. Durante algum tempo, também ele susteve a respiração. Perto do alvorecer, Jun Do acordou outra vez. Ouviu um débil som sibilante. Virou-se, no sono, para o casco, para que pudesse imaginar através do aço o mar alto no momento da sua maior escuridão antes de o Sol nascer. Encostou a testa ao metal, à escuta, e sentiu, através da pele, o baque de alguma coisa a bater no costado do navio.

Em cima, o vento soprava cortante e frio pelo convés. Fez com que Jun Do tivesse de semicerrar os olhos. A cabina do Piloto estava vazia. Então, Jun Do viu uma massa junto à popa, algo que se espalhava, cinzento-amarelado, nas ondas. Fitou-a por um instante, antes de aquilo fazer sentido, antes de compreender que era o bote salva-vidas do jato russo. No sítio onde estava preso ao navio, empilhavam-se diversas latas de comida. Jun Do ajoelhou-se e agarrou na corda sem acreditar.

O Segundo Marinheiro assomou a cabeça fora do bote para agarrar as últimas latas.

— Aaarg — disse ele, quando avistou Jun Do. Respirou fundo e recom pôs-se. — Passa-me essas latas — disse ele.

Jun Do passou-as para baixo.

— Uma vez vi um homem desertar — disse ele ao Segundo Marinheiro. — E vi o que lhe aconteceu depois de ser trazido de volta.

— Se queres vir, vens — disse o Segundo Marinheiro. — Ninguém nos vai encontrar. A corrente aqui é para sul. Ninguém nos vai trazer de volta.

— E a tua mulher?

— Ela fez a sua escolha e ninguém vai mudar isso — disse ele. — Agora passa-me a corda.

— E o Capitão, e todos os outros?

O Segundo Marinheiro alcançou a corda e desatou-a ele próprio. Deu um empurrão. A flutuar, liberto, disse:

— Quem está no fundo do oceano somos nós. Tu ajudaste-me a ver isso.

\*

De manhã, a luz era rasa e brilhante e quando a tripulação foi para o convés lavar a roupa, descobriu que o Segundo Marinheiro desaparecera. Ficaram junto do baú vazio, tentando esquadrinhar o horizonte, mas, com a luz que se desprendia da crista das ondas, era como olhar para mil espelhos. O Capitão pediu ao Maquinista para inventariar a cabina, mas no fim pouco faltava, tirando o bote. Quanto ao rumo do Segundo Marinheiro, o Piloto

encolheu os ombros e apontou para leste, em direção ao Sol. Assim, ficaram ali, olhando e não olhando para o que acontecera.

— A pobre mulher dele — disse o Maquinista.

— Enviá-la-ão para um campo, de certeza — disse o Contramestre.

— Poderiam enviar-nos a todos — disse o Maquinista. — As nossas mulheres, os nossos filhos.

— Escutem — disse Jun Do. — Diremos que ele caiu pela borda fora. Veio uma onda maldosa e levou-o.

O Capitão estivera em silêncio até àquele momento.

— Na nossa primeira viagem com o bote salva-vidas?

— Diremos que a onda levou o bote pela borda fora. — Jun Do apontou para as redes e as boias. — Mandamos fora aquilo tudo, também.

O Capitão tirou o chapéu e a camisa e arremessou-os sem olhar sequer para onde tinham caído. Sentou-se no meio do convés e pousou a cabeça sobre as mãos. Foi só então que o verdadeiro medo pareceu habitar os homens.

— Não posso viver aquilo outra vez — disse ele. — Não tenho mais quatro anos para dar.

— Não foi uma onda maldosa, mas o rasto de um cargueiro sul-coreano. Quase nos engoliu — disse o Piloto.

O Contramestre retorquiu:

— Vamos encalhá-lo perto de Wonsan e nadar para terra. Então, estão a ver, o Segundo Marinheiro não conseguiu. Vamos até uma praia cheia de reformados, e haverá uma quantidade de testemunhas.

— Não há reformados nenhuns — disse o Capitão. — Isso é só o que eles dizem para nos mantermos vivos.

— Poderíamos ir procurá-lo — disse Jun Do.

— Estás à vontade — disse o Capitão.

Jun Do protegeu os olhos e olhou de novo para as ondas.

— Achas que ele consegue sobreviver ali fora? Achas que consegue chegar a algum lado?

O Contramestre juntou-se-lhe.

— A porra da pobre mulher dele.

— Sem bote nem homem, estamos fodidos — disse o Capitão. — Sem nenhum dos dois, nunca acreditarão em nós.

Havia escamas de peixe no convés, secas e a cintilar à luz. O Capitão fez saltar algumas com o dedo.

— Se o *Junma* for ao fundo, e nós formos ao fundo com ele — disse ele — as mulheres dos marinheiros têm direito a pensões, a mulher do Maquinista tem direito a pensão, a mulher do Piloto tem direito a pensão. Todas vão viver.



— Vão viver com maridos de substituição — disse o Contramestre. — E os meus filhos, vão ser criados por um estranho?

— Vivem — disse o Capitão. — Ficam livres dos campos.

— Os Americanos são doidos — disse Jun Do. — Regressaram e levaram-no.

— Como é isso? — perguntou o Capitão. Protegeu os olhos com a mão e ergueu-os para Jun Do.

— Queriam vingar-se — disse ele. — E voltaram para virem buscar o tipo que os enfrentou. Abordaram-nos outra vez e raptaram o Segundo Marinheiro.

O Capitão estendeu-se de costas sobre o convés numa estranha posição. Parecia que caíra dos mastros e estava naquele momento em que não nos mexemos, o momento em que estamos só a avaliar se está alguma coisa partida. Disse:

— Se em Pyongyang acharem mesmo que um cidadão foi raptado pelos Americanos, nunca mais largarão o assunto. Vão mantê-lo para sempre, e eventualmente a verdade virá ao de cima. Mais: não há nenhuma prova de que os Americanos voltaram — a única coisa que nos salvou da última vez foi aqueles idiotas terem andado a mexer no rádio.

Do bolso, Jun Do tirou o cartão que Jervis lhe deixara, gravado com o selo da Marinha dos EUA. Deu-o ao Capitão.

— Talvez os Americanos queiram que Pyongyang saiba exatamente quem veio cá e deu uns chutos num rabo qualquer. De facto, foram exatamente os mesmos tipos, todos nós os vimos muito bem. Poderíamos contar quase a mesma história.

— Estávamos a armar o palangre quando os americanos vieram a bordo — disse o Maquinista. — Apanharam-nos de surpresa. Agarraram no Segundo Marinheiro e gozaram-no durante um bocado, depois atiraram-no aos tubarões.

— Sim, sim — disse o Contramestre. — Atirámos-lhe o bote, mas os tubarões rasgaram-no com os dentes.

— Sim, sim — disse o Piloto. — Os americanos apenas ficaram ali, de armas na mão, a rir enquanto o nosso camarada morria.

O Capitão examinou o cartão. Ergueu uma mão e eles ajudaram-no a levantar-se. Havia uma luz selvagem nos seus olhos.

— E, então, um de nós — disse ele — com desprezo pela sua própria segurança, saltou para o mar cheio de tubarões para salvar o Segundo Marinheiro. Esse homem da tripulação sofreu ferimentos de dentadas vorazes, mas não se importou, pois só pensou em salvar o Segundo Marinheiro, um herói da República Democrática Popular da Coreia. Mas era demasiado tarde — meio comido, o Segundo Marinheiro deslizou para debaixo das

ondas. As suas últimas palavras foram de louvor ao Querido Líder, e foi apenas no pequeno lapso de tempo em que puxámos o outro membro da tripulação, a sangrar e meio morto, de novo para bordo do *Junma*.

Subitamente, as coisas acalmaram-se.

O Capitão disse ao Maquinista para pôr o guincho a trabalhar.

— Precisamos de um tubarão fresco — disse ele.

O Capitão chegou-se a Jun Do e pôs-lhe a mão em concha sobre a base da nuca, puxando-o para si, ternamente, até ficarem com as testas quase coladas. Ninguém jamais fizera isso a Jun Do, e sentiu-se como se não houvesse mais ninguém no mundo. O Capitão disse:

— Não é só porque foste tu quem meteu todas aquelas ideias estúpidas na cabeça do Segundo Marinheiro. Ou porque és tu que tens a atriz tatuada no peito em lugar de uma mulher real, em casa, dependente de ti. Não é porque és tu quem teve treino militar para suportar a dor. É porque ninguém te ensinou coisas sobre família e sacrifício e a fazer tudo o que for preciso para te protegeres a ti mesmo.

Os olhos do Capitão estavam abertos e calmos e tão junto de Jun Do que pareciam comunicar de forma pura, sem palavras. A mão na base da sua nuca era sólida, e Jun Do deu por si a assentir. O Capitão disse:

— Nunca tiveste ninguém que te guiasse, mas eu estou aqui e digo-te que esta é a coisa certa para fazer. Estas pessoas são a tua família, e sei que farias tudo por elas. A única coisa que falta é a prova.

O tubarão estivera suspenso da corda toda a noite e estava num estu-  
por de morte. Quando fora tirado da água, os seus olhos estavam brancos, e, no convés, abriu e fechou a boca menos como se tentasse obter oxigénio do que como se tentasse expelir o que estava lentamente a matá-lo.

O Capitão disse ao Piloto para agarrar bem no braço de Jun Do, mas não, disse Jun Do, agarrá-lo-ia ele próprio. O Marinheiro e o Maquinista sopesaram o tubarão, que não chegava aos dois metros, de uma ponta a outra.

Jun Do respirou fundo e virou-se para o Capitão.

— Tubarões, armas e vingança — disse ele. — Sei que fui eu que a inventei, mas esta não é uma história em que alguém possa realmente acreditar.

— Tens razão — disse o Capitão. — Mas é uma história que eles podem usar.

\*

Depois de terem pedido ajuda por rádio, um barco-patrolha costeiro acompanhou-os até Kinjye, onde muita gente se juntara na rampa da lota.

Havia alguns representantes do Ministério da Informação e um par de repórteres do *Rodong Sinmun*, e havia alguns tipos da segurança local que nunca se encontrariam a menos que se bebesse. Saía vapor da nova fábrica de conservas, o que significava que estavam no ciclo de esterilização, pelo que os trabalhadores se sentavam sobre baldes virados ao contrário, à espera de vislumbrar o homem que lutara com os tubarões. Mesmo os miúdos endiabrados e os aleijados tinham ido ver a cena, cautelosamente, pelo vidro dos aquários, fazendo com que os seus rostos parecessem enormes e distorcidos, enquanto cardumes de *aji*<sup>16</sup> lhes passavam a nadar pela frente.

Um médico aproximou-se de Jun Do com uma unidade de transfusão de sangue. Procurou uma veia no braço ferido, mas Jun Do deteve-o.

— Se põe sangue neste braço, não vai sair todo?

— Escuta, eu só trato heróis — disse o médico. — Sendo assim, sei lidar com sangue. E de onde o teu está a sair é exatamente para onde este deve ir. — Depois espetou o tubo numa veia atrás dos nós dos dedos, abriu a torneira e deu o saco a Jun Do para que o suspendesse no ar com o braço bom. O médico desembrolhou a camisola ensanguentada e não havia como negar o ferimento. Os dentes do tubarão, como lâminas de vidro opalino, tinham perfurado até ao fim, e quando os sulcos na carne foram irrigados, era visível no fundo de cada um deles o branco lustroso do osso do braço.

Ao repórter e ao Ministro, Jun Do fez uma breve síntese do seu encontro com a agressão americana. Não lhe fizeram muitas perguntas. Pareciam apenas estar interessados em corroboração. Subitamente, diante dele estava o homem mais velho com o cabelo à escovinha e mãos retorcidas que levava com ele o Segundo Marinheiro. Vestia o mesmo fato cinzento e, de mais perto, Jun Do viu que as suas pálpebras eram muito pesadas, fazendo parecer que repousava os olhos enquanto falava.

— Vou precisar de confirmar os detalhes da sua história — disse ele, e exibiu por instantes um crachá prateado que não apresentava o nome de qualquer agência. Havia apenas uma imagem de um espesso bloco de parede, a flutuar acima do chão.

Jun Do foi levado por um caminho, segurando o saco de sangue com o braço bom, o outro ao peito. Adiante estava o Capitão, que falava com a mulher do Segundo Marinheiro. Perfilavam-se junto de uma pilha de tijolos, e ela não estava a chorar. Olhou para o velho e depois para Jun Do, e a seguir virou-se para o Capitão, que lhe pôs um braço em volta para a consolar. Jun Do olhou para trás para ver o alvoroço no cais, os seus companheiros fazendo gestos largos enquanto recontavam a história, mas de súbito pareceram muito distantes.

---

<sup>16</sup> Carapau japonês. [N. do T.]

O homem de idade levou-o até à fábrica abandonada. Tudo o que restava do edifício de tetos altos eram as gigantescas câmaras de vapor, a solitária tubagem do gás e os carris enferrujados, embutidos no cimento do chão. Desciam feixes de luz pelos buracos do telhado, e havia lá uma mesa desdobrável e duas cadeiras.

Em cima da mesa estava um termo. O homem de idade sentou-se e desenroscou lentamente a tampa perra com as mãos, que trabalhavam como se usasse pesadas mitenes. Pareceu novamente descansar os olhos, fechando-os, mas era apenas por ser velho.

— Então, você é inspetor ou qualquer coisa desse género? — perguntou Jun Do.

— Qual é a resposta a isso? — meditou o velho. — Fui muito temerário na guerra. E depois de vencermos, continuei pronto para o que desse e viesse. — Debruçou-se sobre a zona iluminada e Jun Do viu que sob o seu curto cabelo grisalho havia muitas cicatrizes. — Nessa altura, teria chamado inspetor a mim mesmo.

Jun Do decidiu jogar pelo seguro.

— Foram os grandes homens como o senhor que venceram a guerra e expulsaram os agressores imperialistas.

O velho deitou chá na tampa do termo, mas não o bebeu — apenas agarrou o recipiente fumegante entre as duas mãos, rodando-o lentamente.

— É uma triste história, esta do jovem pescador vosso amigo. O engraçado é que ele era realmente um herói. Eu próprio confirmei a história. Ele defrontou realmente americanos armados apenas com uma faca de pesca. Loucuras como essa conquistam respeito, mas fazem perder amigos. Sei tudo sobre isso. Talvez tenha sido o que aconteceu entre a tripulação e o jovem marinheiro.

— O Segundo Marinheiro não pediu para os americanos voltarem — disse Jun Do. — Não andava à procura de sarilhos, quanto mais da morte. Decerto ouviu dizer como foi comido vivo pelos tubarões, não ouviu?

O velho não disse nada.

— Não deveria ter um lápis e papel ou assim?

— Apanhámos o teu amigo num bote, esta manhã. Isso até aconteceu antes de terem comunicado por rádio o vosso suposto ataque. Estava carregado de cigarros, mas atrapalhou-se com os fósforos e eles ficaram molhados. Disseram que o teu amigo estava a chorar pelo que fizera, que não conseguia parar.

Jun Do concentrou-se mentalmente naquilo. Aquele pobre rapaz, estúpido, pensou ele. Jun Do pensara que os dois estavam juntos nisto, mas agora compreendia que estava sozinho, tudo o que tinha era a história.

— Quem dera que a mentira que acabou de contar fosse verdade — disse Jun Do — porque, então, o Segundo Marinheiro estaria vivo, então não teria morrido diante de todos nós. Nesse caso, o Capitão não teria de dizer à mulher dele que nunca mais o voltaria a ver.

— Ele nunca mais será visto, podes contar com isso — disse o velho.

De novo, pareceu que adormecera.

— Não queres saber as razões porque desertou? Creio que mencionou o teu nome.

— O Segundo Marinheiro era um amigo e um herói — disse Jun Do. — Deveria talvez mostrar algum respeito pelos mortos.

O velho levantou-se.

— O que eu deveria talvez fazer era confirmar a *tua* história — disse ele, e o primeiro assalto, que se seguiu, foi breve e frontal: várias estaladas na cara, e, com um braço ferido e o outro a segurar o saco de sangue, não havia nada a fazer senão aguentar.

— Diz-me de quem foi a ideia — disse o velho. Atingiu-o uma vez em cada clavícula. — Porque não o atiraram ao mar mais para sul, mais perto da ZDC?

Jun Do estava como que preso à cadeira, e dois socos nas costelas flutuantes ancoraram-no de vez.

— Porque não desertaram mais de entre vocês? Ou estavam a lançá-lo para longe?

Em rápida sucessão, a dor repercutiu-se no pescoço, nariz e ouvido, e depois os olhos pareceram não funcionar bem.

— Os americanos voltaram — disse Jun Do. — Puseram música aos gritos. Vestiam roupas civis, incluindo sapatos com uma onda prateada. Um deles ameaçou lançar fogo ao navio. Trazia com ele um isqueiro com um míssil de cruzeiro. Tinham troçado de nós porque não havia retrete, mas agora troçaram porque já havia.

O velho socou-o diretamente no esterno e, no ardor da sua tatuagem nova, sentiu o rosto de Sun Moon como um contorno em fogo sobre o seu coração. O velho parou para se servir de mais chá, mas não o bebeu. Apenas aqueceu as mãos em volta do recipiente. Jun Do compreendia agora o que se iria seguir. Na tropa, o seu mentor em matéria de dor fora Kimsan. Durante toda a primeira semana, ficaram sentados a uma mesa, não muito diferente daquela, a contemplar uma vela a arder entre eles. Havia a chama, pequena e quente na ponta. Havia o resplendor, que lhes aquecia os rostos. Depois havia a escuridão para lá do resplendor. *Nunca deixes que a dor te empurre para a escuridão*, dissera Kimsan. *Lá, não és ninguém e estás sozinho. Assim que te afastares da chama, acabou tudo.*

O velho recomeçou, desta vez não inquirindo acerca do Segundo

Marinheiro no bote, mas acerca do Segundo Marinheiro no *Junma*, sobre o número de tubarões, qual a distância da costa, se as espingardas dos americanos estavam na posição de segurança. O velho andava de um lado para o outro, desferindo longas e demoradas séries de socos calculados na face, na boca e ouvidos, mudando para as partes mais moles do corpo quando as mãos pareciam doer-lhe. *Na chama da vela, a ponta dos dedos dói, embora o resto do corpo esteja todo sob o cálido resplendor da sua luz. Mantém a dor na ponta do dedo e o corpo no resplendor.* Jun Do montou as suas divisões — um golpe no ombro tinha de doer apenas no ombro e, mentalmente, isolava-o do resto do corpo. E quando os golpes eram dirigidos ao rosto, Jun Do ajustava a cabeça no momento de o golpe ser desferido, para que não acertassem dois no mesmo sítio. *Mantém a chama nos dedos, mantém os dedos em movimento, deixa que o resto repouse sob o resplendor.*

Um estremeamento de dor atravessou o rosto do velho e ele deteve-se para esticar as costas. Fletindo numa e noutra direção, disse:

— Há muita conversa da treta acerca da guerra. Quase toda a gente foi considerada herói. Até as árvores foram consideradas heroínas. É verdade. Toda a gente da minha divisão é herói de guerra, exceto os elementos novos, claro. Talvez o teu amigo se tenha tornado herói e tu não tenhas gostado disso. Talvez também o quisesses ser.

Jun Do tentou permanecer sob o resplendor, mas teve dificuldade em concentrar-se. Não cessava de se perguntar quando viria o soco seguinte.

— Se me perguntares — disse o velho — os heróis são instáveis e imprevisíveis. Fazem o seu trabalho, mas é difícil como tudo trabalhar com eles. Acredita em mim, eu sei — disse ele, e indicou uma comprida cicatriz ao longo do braço. — Na minha divisão, todos os elementos novos são do género universitário.

Quando os olhos do velho voltaram a cintilar, agarrou a base da nuca de Jun Do para se firmar. Depois desferiu-lhe uma série de socos massacrantes no estômago.

— Quem o atirou para a água? — perguntou ele, e desferiu-lhe um novo soco no esterno. — Quais foram as suas últimas palavras? — Levou mais um, dois, três. — Porque não sabes o que o Capitão estava a fazer? — Os punhos esvaziavam-lhe os pulmões de ar. — Porque não pediram ajuda via rádio? — Depois, o velho respondeu ele próprio às suas perguntas. — Porque é mentira que os americanos tenham vindo. Porque se cansaram daquele pateta sem préstimo, mataram-no e atiraram-no borda fora. Vão todos para os campos, sabes disso, já foi decidido. Por isso, tanto faz, podes contar-me.

O velho interrompeu-se. Andou de um lado para o outro por um momento, de mãos cruzadas, de olhos fechados com o que parecia ser alívio. Depois Jun Do ouviu a voz de Kimsan, como se estivesse muito perto, mesmo ali dentro daquele compartimento. *Tu és a chama*, disse Kimsan. *O velho continua a tocar a chama quente que tu és apenas com as mãos.* Kimsan dir-lhe-ia para bater também com os cotovelos e antebraços e pés e mãos, *mas apenas as suas mãos tocam a tua chama, e vê como ela o queima.*

— Não posso dizer que pensei — disse Jun Do. — Mas quando saltei, a água salgada na minha tatuagem fez-me entrar em pânico. Os tubarões davam pequenas mordidelas, roçando a cabeça antes de procurarem a carne, e os americanos riam-se com todos os seus dentes brancos de fora, e na minha cabeça essas duas coisas tornaram-se uma só.

O velho avançou sobre ele com frustração.

— Não — disse ele. — Isso são tudo mentiras.

Depois voltou à carga. Enquanto desferia os socos, disse a Jun Do tudo o que estava errado na história, como eles invejavam o novo estatuto de herói do marinheiro, como Jun Do não se conseguia lembrar de como estavam vestidos, como... *a chama é minúscula. Demoraria o dia inteiro a queimar toda a superfície do corpo. Tens de ficar sob o resplendor. Não debes ir nunca para a escuridão, porque lá estás sozinho, e não se regressa de lá.* Kimsan disse que isto era a lição mais difícil para Jun Do, porque fora isso que ele fizera em criança, mergulhar na escuridão. Essa fora a lição que os seus pais lhe tinham ensinado, fossem eles quem fossem. Se mergulhássemos na escuridão, se desligássemos assim sem mais nem menos, poderíamos fazer qualquer coisa — poderíamos limpar tanques na fábrica de tinta de Pangu até a cabeça latejar e tossirmos uma névoa rosada e o céu acima de nós ficar amarelo. Poderíamos sorrir, bem-humorados, quando outros miúdos fossem adotados por fundições e fábricas de carne, e, quando tivéssemos acorados na escuridão, poderíamos dizer «sortudo» e «adeus» quando viessem os homens com sotaques chineses.

Era difícil dizer quanto tempo o velho o estivera a massacrar. Todas as suas frases se juntavam para formarem uma única frase que não fazia sentido. Jun Do estava ali, na água, conseguia ver o Segundo Marinheiro.

— Eu estava a tentar agarrar o Segundo Marinheiro — disse Jun Do — mas o corpo dele aparecia e desaparecia e mudava de posição, e eu sabia o que eles lhe estavam a fazer, sabia o que estava a acontecer abaixo da superfície. Nas minhas mãos, ele não pesava nada, era como tentar salvar um almofadão, era tudo o que restava dele, mas mesmo assim não o consegui fazer.

Quando Jun Do isolara o latejar nos olhos e o sangue quente no nariz, quando impedira o rasgão dos lábios e a ferroada nos ouvidos de virem de

dentro de si, quando eliminara a sensação de ter braços, torso e ombros, quando tudo isso estava bloqueado, ficou apenas a parte de dentro, e o que ele descobriu lá foi um rapazinho que sorria estupidamente, que não fazia ideia do que estava a acontecer ao homem fora dele. E, de súbito, a história era verdadeira, incrustara-se-lhe, e começou a chorar porque o Segundo Marinheiro morrera e não havia nada que pudesse fazer acerca disso. Podia, subitamente, vê-lo nas águas escuras, toda a cena iluminada pelo resplendor vermelho de um único sinal luminoso.

— O meu amigo — disse Jun Do com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. — Não consegui salvá-lo. Estava sozinho e a água era escura. Não poderia sequer ter salvo um pedaço dele que fosse. Olhei-o nos olhos, e ele não sabia onde estava. Pedia socorro, dizendo: *Acho que preciso que me venham salvar*, com uma voz calma e estranha, e depois a minha perna alçou-se sobre a amurada e eu estava dentro de água.

O velho fez uma pausa. Ficou ali com as mãos erguidas, suspensas como as de um cirurgião. Estavam cobertas com cuspo, muco e sangue.

Jun Do continuou:

— *Está escuro, não sei onde estou*, disse ele. *Estou aqui*, disse-lhe eu, *escuta a minha voz*. Perguntou: *Estás aí?* Pus-lhe a mão no rosto, que estava frio e branco. *Não posso estar onde acho que estou*, disse ele. *Está um navio algures, não lhe consigo ver as luzes*. Isto foi a última coisa que ele disse.

— *Não lhe consigo ver as luzes?* Porque diria ele isso? — Não obtendo resposta, o velho perguntou: — Mas tu tentaste mesmo salvá-lo, não tentaste? Não foi quando foste mordido? E os americanos, disseste que as armas deles estavam apontadas sobre ti, certo?

O saco de sangue na mão de Jun Do pesava mil quilos, e era tudo o que ele conseguia fazer para o manter elevado. Quando conseguiu que o olho focasse, viu que o saco estava vazio. Olhou para o velho.

— O quê? — perguntou ele.

— Há um bocado disseste que as suas últimas palavras foram *Louvido seja por todos Kim Jong Il, Querido Líder da República Democrática Popular da Coreia*. Admites que foi uma mentira.

A vela apagara-se. A chama, o resplendor, a escuridão — tudo desaparecera subitamente e agora não havia nada. Kimsan nunca falara acerca do que fazer após o momento da dor.

— Não vê? É tudo uma mentira — disse Jun Do. — Porque não pedi ajuda pelo rádio? Porque não fiz com que a tripulação organizasse um verdadeiro salvamento? Se toda a tripulação trabalhasse em conjunto, poderíamos tê-lo salvo. Deveria ter suplicado à tripulação, deveria ter-me posto de joelhos. Mas não fiz nada. Apenas fiquei todo molhado. A única coisa que senti foi o ardor na minha tatuagem.



O velho sentou-se na outra cadeira. Serviu-se de chá e desta vez bebeu-o.

— Mais ninguém se molhou — disse ele. — Não vês mais ninguém com uma dentada de tubarão. — Olhou em volta para o edifício como se se perguntasse, pela primeira vez, que tipo de lugar era aquele onde estava. — Vou reformar-me em breve — disse ele. — Em breve todos os veteranos terão desaparecido. Não sei o que vai acontecer a este país.

— O que lhe vai acontecer a ela? — perguntou Jun Do.

— À mulher do Segundo Marinheiro? Não te preocupes, encontraremos alguém que sirva. Encontraremos alguém digno da sua memória. — Retirou um cigarro do maço e, após alguma luta, acendeu-o. A marca era *Chollima*, do tipo que se fuma em Pyongyang. — Parece que o teu navio é uma fábrica regular de heróis — disse ele.

Jun Do não parava de tentar largar o saco de sangue, mas a mão não lhe obedecia. Uma pessoa podia aprender a desligar um braço, de modo a não sentir nada do que lhe acontecesse, mas como voltar a ligá-lo?

— Vou passar um certificado de autenticidade — disse o velho. — A tua história confere.

Jun Do virou-se para ele.

— De que história está a falar?

— De que história? — perguntou o velho. — Agora és um herói.

O velho ofereceu um cigarro a Jun Do, mas este não conseguiu tirá-lo.

— Mas, os factos — disse Jun Do. — Não colam. Onde estão as respostas?

— Factos é algo que não existe. No meu mundo, todas as respostas que precisas de saber vêm daqui. — Apontou para si próprio, e Jun Do não conseguia dizer se o velho indicou o coração, as entranhas ou os tomates.

— Mas onde estão elas? — perguntou Jun Do. Viu a remadora a disparar sinais luminosos na sua direção, sentiu a face fria do Marinheiro ao mesmo tempo que os tubarões o puxavam para baixo. — Algum dia as encontraremos?

*JUN DO* sonhou com tubarões a darem-lhe dentadas, com a atriz Sun Moon a piscar e a semicerrar os olhos, com o trejeito de Rumina quando a areia lhe foi para os olhos. Sonhou com o Segundo Marinheiro à deriva, cada vez para mais longe, em direção àquela luz desagradável. Sentiu uma guinada de dor, e estava acordado ou a dormir? Os olhos deambularam pela parte de dentro das pálpebras, cerradas pelo inchaço. O eterno cheiro a peixe. Os apitos estridentes assinalavam o alvorecer, e sabia que a noite chegara quando o zumbido do pequeno frigorífico desaparecia juntamente com a eletricidade.

Todas as suas articulações pareciam coladas, e inspirar fundo era como entreabrir as portinholas de uma fornalha de dor. Quando o braço bom conseguiu finalmente erguer-se e inspecionar o braço mau, sentiu grossos pelos de moscardo, o fio grosseiro da sutura cirúrgica. Tinha uma vaga recordação do Capitão a ajudá-lo a subir as escadas do bloco de habitação comunitário onde o Segundo Marinheiro vivia com a esposa.

O altifalante — *Cidadãos!* — tomava conta dele durante o dia. De tarde, ela vinha da fábrica de conservas, ainda com um vago perfume a óleo das máquinas nas mãos. O pequeno bule chocalhava e apitava e ela trautearia em unísono *A Marcha de Kim Jong Il*, que assinalava o fim do noticiário. Depois, as suas mãos, frias como gelo devido ao álcool, desinfetavam-lhe os ferimentos. Aquelas mãos faziam-no rolar para a esquerda e para a direita para mudar os lençóis e esvaziar a bexiga, e estava certo de que conseguia sentir nos dedos dela o sinal da sua aliança de casamento. Em breve, o inchaço tinha desaparecido, e agora mais do que estarem inflamados, os olhos colavam-se-lhe. Ela ali estava com um pano quente para lhos abrir com a humidade do vapor.

— Ei-lo — disse ela quando ele finalmente recuperou a visão. — O homem que ama Sun Moon.

Jun Do ergueu a cabeça. Estava sobre uma enxerga no chão, nu sob um lençol amarelo-claro. Reconheceu as janelas com persianas do bloco de habitação. No compartimento havia fiadas de pequenas percas a secar, penduradas em arames como roupa lavada. Ela disse:

— O meu pai acreditava que se a filha casasse com um pescador, nunca morreria à fome.

E a mulher do Segundo Marinheiro tornou-se nítida.

— Em que andar estamos? — perguntou ele.

— No décimo.

— Como me trouxeste até cá acima?

— Não foi assim tão difícil. Da forma como o meu marido te descreveu, pensei que fosses bastante maior.

Ela passou-lhe o pano sobre o peito, e ele tentou não estremecer.

— A tua pobre atriz, o rosto dela está preto e azul. Isso fá-la parecer velha, como se o tempo dela já tivesse passado. Viste os seus filmes?

Abanar a cabeça não lhe fez doer o pescoço.

— Nem eu — disse ela. — Não nesta cidade deprimente. O único filme que vi na vida foi um filme estrangeiro, uma história de amor. — Submergi novamente o pano em água quente, depois embebeu-lhe as cicatrizes intumescidas. — Era sobre um navio que bate num icebergue e morre toda a gente.

Ela subiu para a enxerga e ficou junto dele. Com ambos os braços, massajou-lhe os músculos por cima e de lado. Passou-lhe uma vasilha e manobrou até ele ter metido o seu *umkyoung* lá dentro.

— Vamos — disse ela, depois deu-lhe um par de palmadas nas costas para o fazer continuar. O corpo latejava-lhe com dores, e depois a urina começou a fluir. Quando terminou, ela ergueu a vasilha à luz. O fluido era turvo e cor de ferrugem. — Está a ficar melhor — anunciou ela. — Em breve, estarás a andar pelo corredor até à casa de banho do décimo andar como um rapaz crescido.

Jun Do tentou pôr-se de costas sozinho, mas não conseguiu, pelo que ficou apenas dobrado sobre si, de lado. Na parede, por trás dos retratos do Querido e do Grande Líderes, havia uma pequena prateleira com os sapatos «América» do Segundo Marinheiro. Jun Do tentou imaginar como conseguira ele levá-los para casa, quando toda a tripulação os vira serem lançados para a água.

Colado na parede estava o mapa principal do *Junma*. Mostrava todo o Mar da Coreia, e servia de referência a todos os outros mapas a bordo. Pensaram que ardera com os outros, no incêndio. Sobre ele havia alfinetes a marcar todas as áreas de pesca que tinham visitado e, a lápis, estavam traçadas as coordenadas de várias posições a norte.

— Aquilo é a rota das remadoras? — perguntou-lhe Jun Do.

— Remadoras? — perguntou ela. — Isto é o mapa de todos os lugares onde ele esteve. Os alfinetes vermelhos são as cidades de que ele ouviu falar. Estava sempre a falar acerca dos sítios onde me haveria de levar.

Olhou Jun Do nos olhos.

— O que é? — perguntou ele.

— Ele fez realmente aquilo? Puxou mesmo de uma faca contra os comandos americanos, ou é uma história da treta que vocês cozinharam?

— Porque me darias ouvidos a mim?

— Porque és um oficial de informações — disse ela. — Porque te estás nas tintas para toda a gente deste sítio estagnado. Quando a tua missão terminar, voltarás para Pyongyang e nunca mais pensarás em pescadores.

— E qual é a minha missão?

— Vai haver uma guerra no fundo do oceano — disse ela. — Talvez o meu marido não devesse ter-me contado, mas contou.

— Não te iludas — disse ele. — Sou apenas o tipo do rádio. E, sim, o teu marido enfrentou a Marinha dos Estados Unidos com uma faca.

Ela abanou a cabeça em muda admiração.

— Ele tinha tantos planos malucos — disse ela. — Ouvir isso faz-me pensar que, se tivesse vivido, poderia ter realmente ido para a frente com algum deles.

Ela meteu-lhe uma colher de água de arroz adoçada na boca, depois rolou-o para trás, cobrindo-o novamente com um lençol. Estava a ficar escuro no quarto e em breve a energia iria abaixo.

— Escuta, tenho de sair — disse ela. — Se houver alguma emergência, grita, e a funcionária do andar virá. Basta alguém dar um peido aqui dentro para ela aparecer logo.

Ela lavou-se com uma esponja junto à porta, onde ele não a poderia ver. Conseguiu ouvir apenas o vago som do pano na sua pele e o ruído da água a pingar-lhe do corpo para o alguidar onde se acorara. Perguntou-se se seria o mesmo pano que usara nele.

Antes de sair, ficou de pé sobre ele, com um vestido que exibia as rugas de ter sido escorrido à mão e pendurado para secar. Embora ele a visse através da visão translúcida de uns olhos recentemente abertos, era óbvio que ela era uma verdadeira beleza — alta, de ombros largos, embora coberta por uma macieza de bebé gordo. Os olhos eram grandes e imprevisíveis, e o cabelo negro, curto, emoldurava-lhe o rosto redondo. Tinha um dicionário de inglês na mão.

— Já vi algumas pessoas ficarem feridas na fábrica de conservas — disse ela. — Vais ficar bom. — Depois, em inglês, acrescentou: — Bons sonhos.

De manhã, acordou com um sobressalto — um sonho que terminou com uma guinada de dor. O lençol cheirava a cigarros e a suor, e percebeu que ela dormira a seu lado. Ao lado da enxerga estava uma vasilha com urina que parecia tingida com iodo. Pelo menos era transparente. Quando se conseguiu sentar, não havia qualquer sinal dela. A luz era amplificada pelo mar, enchendo o quarto. Empurrou o lençol de cima dele.

Vivas contusões espalhavam-se-lhe pelo peito, e tinha cortes provocados pela pressão sobre as costelas. Os pontos estavam muito sensíveis e, depois de os cheirar, percebeu que teriam de ser espremidos. O altifalante saudou-o — «Cidadãos, hoje é anunciado que uma delegação visitará a América para fazer frente a alguns dos problemas que se colocam às duas temíveis nações.» Depois, a emissão continuou utilizando a fórmula habitual: provas da admiração do mundo todo pela Coreia do Norte, exemplos da sabedoria divina de Kim Jong Il, um novo método para ajudar os cidadãos a não morrerem à fome, e, finalmente, avisos de vários Ministérios dirigidos aos civis.

A brisa através da janela fazia oscilar os peixes secos pendurados nas cordas, e a cartilagem das barbatanas eram da cor do papel das lanternas. Do telhado, chegava uma série de latidos e uivos, e o constante retinir de pregos no cimento. Pela primeira vez em vários dias, sentiu uma guinada de fome.

Então, a porta abriu-se e, sem fôlego, a mulher do Segundo Marinheiro entrou.

Transportava uma mala e dois garrafões de cinco litros de água. Suava, mas exibia um sorriso estranho no rosto.

— Que achas da minha nova mala? — perguntou ela. — Tive de a negociar.

— Que deste em troca dela?

— Não seas parvo — disse ela. — Acreditas que eu não tinha uma mala de viagem?

— Suponho que nunca foste a lado nenhum.

— Suponho que nunca fui a lado nenhum — disse ela para si própria.

Serviu-lhe um pouco de água de arroz numa chávena de plástico.

Ele bebeu um gole e perguntou-lhe:

— Há cães no telhado?

— É a vida no último andar — disse ela. — Elevador partido, telhado que deixa passar água, casa de banho que deixa passar o ar. Já nem sequer reparo nos cães. O conselho de habitação é que os cria. Devias ouvi-los aos domingos.

— Para que estão eles a criá-los? Espera, que acontece aos domingos?

— Os tipos do bar de karaoke dizem que os cães são ilegais em Pyongyang.

— É o que dizem.

— Civilização — disse ela.

— Não vão começar a dar pela tua falta na fábrica de conservas?

Ela não respondeu. Em vez disso, ajoelhou-se e começou a esvaziar as bolsas da mala, à procura de quaisquer sinais do anterior dono.

— Vão fazer uma sessão de crítica contigo — disse Jun Do.

— Não vou voltar para a fábrica de conservas — disse ela.

— Nunca mais?

— Não — disse ela. — Vou para Pyongyang.

— Vais para Pyongyang.

— É verdade — disse ela. Numa dobra do forro da mala encontrou algumas autorizações de viagem fora do prazo, com carimbos de todos os controlos entre Kaesong e Chongjin. — Normalmente demora algumas semanas, mas não sei, tenho a sensação de que poderá acontecer a qualquer momento.

— O que poderá acontecer?

— Eles encontrarem o meu marido substituto.

— E pensas que ele está em Pyongyang?

— Sou mulher de um herói — disse ela.

— Viúva de um herói, queres tu dizer.

— Não digas essa palavra — disse ela. — Odeio o modo como ela soa.

Jun Do terminou a água de arroz, e muito, muito lentamente, voltou a deitar-se.

— Escuta — disse ela. — O que aconteceu ao meu marido é horrível. Nem consigo sequer pensar nisso. A sério, quando a minha mente se vira para aí, alguma coisa dentro de mim se afasta. Mas só estávamos casados há uns meses, e ele estava num barco contigo praticamente o tempo todo.

Custara-lhe imenso sentar-se e, quando a cabeça tocou na enxerga, o conforto de se render à exaustão sobrepôs-se ao desconforto da recuperação. Quase tudo nele lhe doía, porém, uma sensação de bem-estar encheu-lhe o corpo, como se tivesse estado a trabalhar duramente o dia todo com os companheiros. Fechou os olhos e sentiu que tudo zumbia. Quando voltou a abri-los, já era de tarde. Jun Do teve a sensação de que acordara com o ruído da porta a fechar-se, quando ela saiu. Rolou um pouco para conseguir ver o canto do quarto. Estava lá o alguidar que ela utilizara para se lavar. Desejou poder alcançá-lo para verificar se a água ainda estava quente.

Ao crepúsculo, o Capitão passou por lá. Acendeu um par de velas e sentou-se numa cadeira. Levantando os olhos para o ver, Jun Do percebeu que trouxera um saco.

— Olha aqui, miúdo — disse o Capitão, e tirou do saco uma posta de atum e duas cervejas *Ryoksong*. — Está na altura de voltares a ter saúde.

O Capitão abriu as garrafas e cortou o atum cru com um canivete.

— Aos heróis — disse o Capitão, e beberam ambos sem entusiasmo. O atum, porém, era do que Jun Do precisava. Era a gordura do mar, e ele saboreou-a contra o céu da boca.

— A captura foi boa? — perguntou Jun Do.

— As águas fervilhavam — disse o Capitão. — Não foi a mesma coisa, claro, sem ti e sem o Segundo Marinheiro. Arranjámos mais uns braços do *Kwan Li* para ajudar. Ouviste dizer que o Capitão deles acabou por perder o braço?

Jun Do assentiu.

O Capitão abanou a cabeça.

— Sabes, lamento muito, a sério, o modo como te trataram. Quis avisar-te, mas não teria feito muita diferença.

— Bem, já passou — disse Jun Do.

— A parte mais difícil já passou, e tu aguentaste-a bem, mais ninguém poderia ter feito o que tu fizeste. Agora vem a parte da recompensa — disse o Capitão. — Vão dar-te algum tempo para te curares, para perceberes exatamente como as coisas vão funcionar, e depois vão querer exhibir-te. Um herói que arriscou a vida sob a mira das armas para salvar um outro herói, lançado aos tubarões pelos Americanos? Vamos, vais ser a grande notícia. Vão tirar bom partido de ti. Depois daquela coisa com o Mestre Conserveiro e depois com o capitão do *Kwan Li*, precisam de ouvir boas notícias. Tudo o que quiseres, vai ser só dizeres o que é.

— Já estive na escola de línguas — disse Jun Do, e depois acrescentou: — Achas que é possível, quer dizer, com as correntes e tudo isso, que ele possa ter voltado para trás?

— Todos adorávamos aquele rapaz — disse o Capitão. — Cometeram-se erros, mas ele não pode regressar. Ele já não faz parte da história. Não é assim que, agora, a história continua. Tens de meter isto bem na cabeça. A rapariga, está a reagir bem, certo?

Mas antes de Jun Do responder, o Capitão reparou no mapa colado na parede. O quarto estava mal iluminado e ele levantou-se de vela na mão.

— Que diabo — disse ele. Começou a arrancar alfinetes e a atirá-los para o chão. — Passou uma semana e aquele miúdo continua a atormentar-me. — Arrancou o mapa. — Escuta — disse o Capitão. — Há uma coisa que deves saber. Antes, quando pensávamos que o Segundo

Marinheiro não levava nada com ele, não tínhamos procurado suficientemente bem. Não pensámos em verificar o porão, onde o teu equipamento estava.

— Que estás a dizer?

— Um dos teus rádios desapareceu. Ele levou um rádio.

— Foi o preto? — perguntou Jun Do. — Ou o dos manípulos prateados?

— O que tem mostradores verdes — disse o Capitão. — Vai haver problema? Isso vai fazer-nos mal?

Jun Do via tudo claramente, agora, o Segundo Marinheiro no bote, no escuro, sem mais nada do que uma bateria, o resplendor verde de um rádio, e cigarros sem fósforos.

— Esse rádio é bastante básico — disse Jun Do. — Conseguimos surripiar outro.

— O espírito é esse — disse o Capitão. Fez um sorriso. — Ora, ora, estou a ser idiota, come mais um pouco de atum. E a rapariga, que achas dela? Falei com ela, sabes? Tem bastante boa impressão de ti. Que te posso trazer, precisas de alguma coisa?

A cerveja corria por dentro de Jun Do.

— Aquela vasilha, ali — disse ele. — Podes passar-ma.

— Claro, claro — disse o Capitão, mas quando lhe pegou, fitou-a com grande desconfiança. Pareceu que ia cheirá-la, mas depois limitou-se a passá-la.

Jun Do pôs-se de lado e levou a vasilha para debaixo do lençol. Depois, o único ruído que se ouviu dentro do quarto foi o ruído da urina a encher a vasilha, aos arrancos.

O Capitão falou por cima do ruído.

— Bem, vais ter de pensar bastante. Agora és um herói, e vão perguntar-te o que queres. Como é, há alguma coisa que gostarias de escolher?

Quando terminou, Jun Do abriu os olhos. Depois, com todo o cuidado, deu a vasilha ao Capitão.

— A única coisa de que gostaria — disse Jun Do — era ficar no *Junma*. Sinto-me confortável lá.

— Claro que ficas — disse o Capitão. — O teu equipamento está lá.

— E há eletricidade à noite.

— E há eletricidade à noite — disse o Capitão. — Considera o pedido satisfeito. Agora vives no *Junma*. É o mínimo que posso fazer. Mas qual é a coisa que realmente tu queres, algo que só os funcionários te possam dar?

Jun Do hesitou. Bebeu um trago de cerveja e tentou pensar numa coisa que a Coreia do Norte lhe pudesse dar e que tornasse a sua vida melhor.



O Capitão pressentiu a sua hesitação e começou a descrever outros que tinham realizado grandes feitos e os troféus que tinham perdido.

— Como os tipos em Yongbyon que apagaram o fogo na central elétrica; um deles recebeu um carro, veio no jornal. Outro quis ter o seu próprio telefone; teve-o, sem problemas, puxaram um fio até ao seu apartamento. Quando se é um herói, é assim que a coisa funciona.

— Teria de pensar no assunto — disse Jun Do. — Apanhaste-me um pouco desprevenido. Não sou bom a improvisar.

— Vês, eu sabia disso — disse o Capitão. — Eu sabia disso acerca de ti porque somos família. És o tipo de pessoa que não quer nada para si mesmo. És um tipo que não precisa de muita coisa, mas quando se trata das outras pessoas, o limite é o céu. Mostraste-o no outro dia, provaste-o de facto, e agora estás a agir como família. Eu fui para a prisão pela minha tripulação, sabes disso. Não sou nenhum herói, mas apanhei quatro anos para que os meus rapazes pudessem ir para casa. Foi assim que eu o mostrei.

O Capitão parecia estar agitado, preocupado mesmo. Continuava a segurar na vasilha com urina, e Jun Do quis dizer-lhe que a pousasse. O Capitão deslizou para a beira da cadeira, como se fosse talvez descer para a enxerga.

— Talvez seja porque estou velho — disse ele. — Quer dizer, há outras pessoas que têm problemas. Um ror de gente tem problemas piores que os meus, mas não consigo viver sem ela, não consigo. É para onde a minha mente vai, aonde regressa sempre, e não estou furioso nem ressentido acerca de como aquilo aconteceu, só preciso da minha mulher, tenho de a reaver. E, estás a ver, tu podes fazer isso, estás numa posição em que podes fazer com que isso aconteça. Muito em breve vais estar em condições de dizer a palavra, e tudo pode acontecer.

Jun Do tentou falar, mas o Capitão cortou-lhe a palavra.

— Ela está velha, sei o que estás a pensar. Também eu estou velho, mas a idade não tem nada a ver com isto. De facto, isto apenas parece piorar a cada ano que passa. Quem teria pensado que pioraria? Ninguém te diz isso, ninguém te fala nunca acerca dessa parte. — O Capitão ouviu os cães a andarem sobre o telhado, e olhou para o teto. Pousou a vasilha e levantou-se. — Seríamos estranhos durante algum tempo — disse ele. — Depois de a ter de volta, haveria coisas de que ela não conseguiria falar, sei disso. Mas começaria uma espécie de descoberta, tenho a certeza. E, então, voltaríamos a ter o que tínhamos.

O Capitão pegou no mapa.

— Não digas nada — disse ele. — Não digas nada mesmo. Pensa apenas sobre isso, é tudo o que peço. — Depois, à luz da vela, o Capitão enrolou o mapa, apertadamente, com as duas mãos. Era um gesto que Jun Do

o vira fazer mil vezes. Significava que fora escolhida uma rota, os homens tinham sido incumbidos das suas tarefas e quer os esperassem redes cheias ou não, uma decisão fora tomada e o curso dos acontecimentos posto em movimento.

\*

No pátio, lá em baixo, ouviu-se uma vaia, seguido de um ruído que poderia ter sido uma gargalhada ou um choro, e Jun Do percebeu, de algum modo, que no meio daqueles bêbedos estava a mulher do Segundo Marinheiro. Em cima, ouviram-se os estalidos das unhas dos cães, de pé, interessados, e ele acompanhou os ruídos à medida que eles se deslocavam até à beira do telhado. Mesmo no décimo andar, as janelas conseguiam capturar os sons, e em todo o bloco habitacional se ouviu o chiar das persianas a serem abertas por pessoas que queriam ver que cidadãos estavam a armar zaragata.

Jun Do fez um esforço para se pôr de pé e, usando uma cadeira como andarilho, conseguiu chegar à janela. Havia apenas uma nesga da Lua, e no pátio, lá muito em baixo, localizou várias pessoas pela estridência das risadas, embora apenas conseguisse distinguir o negro dos seus reflexos. Conseguiu vislumbrar, porém, o esplendor do cabelo dela, o resplendor do seu pescoço e ombros.

A cidade de Kinjye estava às escuras — a cooperativa, a magistratura, a escola, o posto de racionamento. Até o gerador do bar de karaoke estava silencioso, a luz azul do néon apagada. O vento assobiava através da fábrica velha e ondas de calor emanavam das câmaras fumegantes da nova. Havia os contornos da casa do Mestre Conserveiro e no porto havia uma única luz — o Capitão a ler até tarde a bordo do *Junma*. Para lá de tudo isso, o mar escuro. Jun Do ouviu fungar, olhou para o beiral do telhado e viu duas patas e um focinho de cachorro, espetado, a olhar para ele.

Acendeu uma vela, e estava numa cadeira, coberto por um lençol, quando ela entrou, com passo pouco firme, pela porta. Estivera a chorar.

— Idiotas — disse ela, e acendeu um cigarro.

— Volta — gritou uma voz do pátio lá em baixo. — Estávamos só a brincar.

Ela foi até à janela e atirou-lhes um peixe. Virou-se para Jun Do.

— Para o que é que estás a olhar? — Tirou de uma cómoda algumas roupas do marido. — Veste qualquer coisa, sim? — disse ela e atirou-lhe uma camisola interior branca.

A camisola era pequena e tinha um cheiro intenso, como o Segundo Marinheiro também tinha. Era homicídio enfiar os braços por ela.

— Talvez o bar de karaoke não seja o melhor sítio para ires — disse ele.

— Idiotas — disse ela e fumou, na outra cadeira, olhando para cima como se houvesse alguma coisa que estivesse a tentar perceber. — Estive toda a noite a brindar ao meu marido, o herói. — Passou a mão pelos cabelos. — Devem ter bebido uns dez copos de vinho de ameixa. Depois começaram a escolher canções tristes na máquina de karaoke. Quando cantei «Pochonbo», estava praticamente um farrapo. Depois começaram todos a lutar para *eu não pensar nisso*.

— Porquê gastar tempo com aqueles tipos?

— Preciso deles — disse ela. — O meu novo marido vai ser escolhido em breve. Tenho de causar boa impressão às pessoas. Elas precisam de saber que eu canto. É a minha oportunidade.

— Aqueles tipos são os burocratas cá do sítio. Não são ninguém.

Ela agarrou-se ao estômago com desconforto.

— Estou tão farta de apanhar parasitas do peixe e, depois, ter de tomar comprimidos de cloro. Cheira-me, tresando a eles. Acreditas que o meu pai me fez isto? Como posso ir para Pyongyang a cheirar a peixe e a cloro?

— Escuta — disse Jun Do. — Sei que isso te parece injusto, mas o teu pai deve ter sabido quais eram as opções. Certamente escolheu a que era a melhor para ti.

Parecia tão baixo e feio repisar o que alimentara tantas vezes em relação aos outros rapazes: *Não sabes pelo que eles estão a passar, os teus pais não te teriam posto num orfanato se não fosse a melhor opção, talvez a única*.

— Aqueles tipos iam à cidade algumas vezes por ano. Alinhavam todas as raparigas, e as bonitas — ela inclinou a cabeça para trás e expirou o fumo — desapareciam. O meu pai conhecia alguém, ele sabia sempre que ia acontecer, e nesse dia eu ficava doente em casa. Depois, enviou-me para a sua terra, na costa. Mas para quê, dizes-me? Para quê ficar em segurança, para quê sobreviver se se vai estripar peixe durante cinquenta anos?

— O que são essas raparigas agora? — perguntou Jun Do. — Empregadas de bar, empregadas da limpeza, *pior*? Achas que fazer isso durante cinquenta anos é melhor?

— Se é assim que as coisas funcionam, di-lo apenas. Se foi isso que lhes aconteceu, conta-me.

— Não tenho maneira de saber. Nunca estive na capital.

— Então não lhes chames putas — disse ela. — Essas raparigas eram minhas amigas. — Ela fitou-o, zangada. — Que género de espião és tu, afinal?

— Sou apenas o tipo do rádio.

— Porque será que não acredito em ti? Porque não tens um nome verdadeiro? A única coisa que sei é que o meu marido, que tinha a maturidade

de um rapazinho de treze anos, te idolatrava. Era por isso que remexia nos teus rádios. Foi por isso que quase incendiou o navio a ler os teus dicionários à luz da vela na casa de banho.

— Espera — disse ele. — O Maquinista disse que tinha sido a instalação elétrica.

— Como queiras.

— Foi ele que começou o incêndio?

— Queres saber as outras coisas que ele não te contou?

— Ter-lhe-ia ensinado alguma coisa de inglês. Era só ter pedido. Para que queria ele aprender?

— Oh, estava cheio de planos ridículos.

— Para se ir embora?

— Dizia que a chave era uma grande manobra de diversão. Dizia que o Mestre Conserveiro teve a ideia certa — montar uma cena tão pavorosa que ninguém quisesse chegar perto dela. E nesse momento escapulir-se.

— Mas a família do Mestre Conserveiro, eles não se escapuliram.

— Não — disse ela. — Não se escapuliram.

— E depois da manobra de diversão, qual era o plano?

Ela encolheu os ombros.

— Eu nunca quis realmente ir-me embora — disse ela. — Ele queria o mundo lá de fora. Para mim, é Pyongyang. Por fim, consegui que ele percebesse isso.

O esforço deixara Jun Do exausto. Aconchegou o lençol amarelo à volta da cintura, mas, na verdade, o que queria era deitar-se.

— Estás com ar cansado — disse ela. — Estás pronto para a vasilha?

— Acho que sim — disse ele.

Ela foi buscar a vasilha, mas quando ele a tentou alcançar, ela não a largou. Os dois ficaram a pegar-lhe, e a luz da vela fez com que os olhos dela parecessem não ter fundo.

— Aqui, a beleza não significa nada — disse ela. — Trata-se apenas de saber quantos peixes consigo processar. Ninguém se interessa pelo facto de eu cantar, a não ser os rapazes que querem que não pense nisso. Mas Pyongyang, é lá que está o teatro, a ópera, a televisão, o cinema. Só em Pyongyang farei diferença. Com todos os seus defeitos, era uma coisa que o meu marido estava a tentar dar-me.

Jun Do inspirou fundo. Quando utilizou a vasilha, a noite chegara ao fim, e ele não queria que isso acontecesse porque, quando ela soprou a vela, o compartimento ficou tão escuro como o mar e o Segundo Marinheiro sobre ele.

— Quem me dera ter o meu rádio — disse ele.

— Tens um rádio? — perguntou ela. — Onde está?

Ele apontou com um aceno para a janela e a casa do Mestre Conserveiro para além dela.

— Está na minha cozinha — disse ele.

\*

Jun Do dormiu durante toda a noite, depois acordou de manhã, tão virado do avesso estava agora o seu sistema. Todos os peixes que tinham estado pendurados pelo quarto tinham desaparecido e, sobre a cadeira, estava o seu rádio, com as partes soltas numa taça de plástico. Quando surgiu o noticiário, sentiu zunir todo o bloco habitacional com duzentos altifalantes. Olhou para o sítio da parede onde estivera o mapa enquanto era informado sobre as previstas negociações na América, sobre a inspeção do Querido Líder a uma fábrica de cimento em Sinpo, sobre a derrota que a Coreia do Norte infligira à equipa de badminton da Líbia, e por fim um lembrete sobre a ilegalidade de comer andorinhas, pois elas controlavam as populações de insetos que se alimentavam das plantas novas do arroz. Jun Do levantou-se desajeitadamente e apoderou-se de um bocado de papel pardo. Depois vestiu as cuecas ensopadas em sangue que usava há quatro dias, quando tudo aconteceu. Lá fora, ao fundo do corredor, estava a fila para a casa de banho do décimo piso. Com todos os adultos na fábrica de conservas, a fila era constituída por velhas e crianças, cada um deles com pedaços de papel nas mãos. Porém, quando chegou a sua vez, Jun Do viu que o cesto do lixo estava cheio de páginas amarfanhas do *Rodong Sinmun*, que era ilegal rasgar, quanto mais limpar o rabo com ele.

Esteve lá dentro durante muito tempo. Por fim, deitou duas conchas de água na retrete e, quando estava a sair, uma senhora idosa da fila deteve-o.

— És o que vive na casa do Mestre Conserveiro — disse ela.

— É verdade — disse-lhe Jun Do.

— Deviam queimar aquele lugar — disse ela.

A porta do apartamento estava aberta quando regressou. Lá dentro, Jun Do encontrou o velho que o interrogara. Segurava nas mãos o par de ténis *Nike*.

— Que diabo há no telhado? — perguntou ele.

— Cães — disse-lhe Jun Do.

— Animais nojentos. Sabes que são ilegais em Pyongyang. É assim que deveria ser. Além disso, começarei a comer carne de porco um dia destes. — Ergueu os *Nike*. — E isto, o que é?

— Um género de sapatos americanos — disse-lhe Jun Do. — Encontrámo-los nas redes, uma noite.

— Não me digas. Para que servem?

Era difícil de acreditar que um interrogador de Pyongyang nunca tivesse visto uns bons sapatos desportivos. Ainda assim, Jun Do disse:

— Acho que são para fazer exercício.

— Ouvi falar disso — disse o velho. — Aqueles Americanos fazem trabalho inútil por divertimento. — Apontou para o rádio. — E isto? — disse ele.

— Está relacionado com o trabalho — disse Jun Do. — Estou a consertá-lo.

— Liga-o.

— Está desmontado. — Jun Do indicou a taça com as peças. — Mesmo que não estivesse, não há antena.

O velho voltou a colocar os sapatos no lugar e foi até à janela. O Sol ia alto, mas ainda a subir, e o ângulo fazia a água tremeluzir azul-clara, apesar da profundidade.

— Olha para aquilo — disse ele. — Poderia ficar para sempre a olhar para aquilo.

— É um mar encantador — disse Jun Do.

— Se um tipo qualquer fosse até ao cais e lançasse uma linha — disse o velho — apanharia um peixe?

O local para pescar era um pouco mais para sul, onde os canos de descarga da fábrica de conservas lançavam a imundície do peixe para o mar, mas Jun Do disse:

— Sim, sim, acho que poderia apanhar.

— E mais para norte, em Wonsan — disse o velho. — Têm praias lá, não?

— Nunca visitei — disse-lhe Jun Do. — Mas do navio pode ver-se a areia.

— Aqui tens — disse o velho. — Trouxe-te isto. — Entregou a Jun Do um estojo de veludo carmesim. — É a medalha pelo teu heroísmo. Puxa-a ao peito, mas percebo que tu não és do tipo de usar medalhas. Gosto disso em ti.

Jun Do não abriu o estojo.

O velho interrogador olhou de novo pela janela.

— Para sobreviver neste mundo, tem de se ser covarde muitas vezes, mas herói uma vez, pelo menos. — Deu uma gargalhada. — Penso que foi o que um tipo me disse, uma vez, quando o estava a espancar.

— Só quero voltar para o meu barco — disse Jun Do.

O velho interrogador deitou um olhar a Jun Do.

— Acho que aquela água salgada te fez encolher a camisola — disse ele. Puxou a manga de Jun Do para ver as cicatrizes, que tinham bordos vermelhos e estavam húmidas nos cantos.

Jun Do puxou o braço para trás.

— Calma aí, tigre. Vai haver muito tempo para pescar. Em primeiro lugar, temos de mostrar àqueles Americanos como é. Eles têm de ter o que merecem. Ouço dizer que há um plano em andamento. Por isso, temos de te pôr apresentável. Neste momento, parece que foram os tubarões que venceram.

— Isto é tudo uma espécie de teste, não é?

O velho interrogador sorriu.

— Que queres dizer?

— A fazer perguntas sobre Wonsan como um tolo qualquer, quando toda a gente sabe que ninguém vai para lá passar a reforma. Toda a gente sabe que é apenas um sítio para os chefes militares passarem férias. Porque não se limita a dizer o que quer de mim?

Um clarão de incerteza atravessou o rosto do velho interrogador. Mudou ligeiramente para uma expressão de avaliação, e depois fixou-se num sorriso.

— Ei — disse ele. — Eu é que sou quem deveria estar a abanar-te. — Riu-se. — A sério, embora, oficialmente, sejamos ambos heróis. Somos da mesma equipa. A nossa missão é assacar aos Americanos isto que te fizeram. Em primeiro lugar, porém, preciso de saber se tens alguma espécie de problema com o Capitão. Não podemos ter surpresas.

— De que está a falar? — perguntou Jun Do. — Nunca, nada mesmo.

Olhou pela janela. Metade da frota estava fora, mas o *Junma* tinha as redes estendidas no cais a secar para serem remendadas.

— Muito bem, então, esquece o que eu disse. Se não disseste nada que o chateasse, acredito em ti.

— O Capitão é a minha família — disse Jun Do. — Se tem alguma coisa a dizer acerca dele, é melhor dizê-lo.

— Não é nada. O Capitão apenas me veio pedir se te podia pôr noutra barco.

Jun Do fitou-o, incrédulo.

— O Capitão diz que está cansado de heróis, que apenas lhe resta algum tempo, e que apenas quer fazer o seu trabalho e pescar. Eu não me preocuparia, o Capitão é um homem capaz, uma ajuda verdadeiramente sólida, mas envelhece-se, perde-se flexibilidade. Já vi isso muitas vezes.

Jun Do sentou-se numa cadeira.

— É por causa da mulher — disse ele. — Tem de ser. É uma coisa que vocês lhe fizeram, puseram-na a andar.

— Duvido que tenha sido assim. Não estou muito dentro do caso, mas ela era uma mulher de idade, certo? Não há muitos maridos substitutos que reclamem uma mulher de idade. O Capitão foi para a prisão e ela deixou-o.

Parece bastante plausível. Como diz o Querido Líder: *A resposta mais simples é normalmente a resposta certa.*

— E a mulher do Segundo Marinheiro, está a tratar desse caso?

— Ela é uma miúda gira, vai safar-se bem. Não tens de te preocupar com ela. Não mais irá viver debaixo dos cães, isso é certo.

— Que lhe acontecerá?

— Acho que há um diretor em Sinpo que está bem posicionado na lista, e em Chongwang há um funcionário reformado do Partido a fazer algum barulho para ver se lhe põe as mãos em cima.

— Pensei que as raparigas como ela eram enviadas para Pyongyang.

O velho empinou a cabeça.

— Ela não é nenhuma virgem — disse ele, finalmente. — Mais, agora tem vinte anos, e é teimosa. A maior parte das raparigas que vão para Pyongyang têm dezassete, a única coisa que sabem é escutar. Mas que te interessa isso? Não a queres para ti próprio, ou queres?

— Não — disse Jun Do. — De maneira nenhuma.

— Porque, de repente, isso não é assim muito heroico. Se quiseses uma rapariga, podemos arranjar-te uma rapariga. Mas a mulher de um camarada caído, isso é desmoralizador.

— Não estou a dizer que é isso que quero — disse Jun Do. — Mas sou um herói. Tenho os meus direitos.

— Privilégios — disse o velho. — Tens alguns privilégios.

\*

Trabalhou no rádio o dia todo. A luz era boa junto ao parapeito da janela. Aí, utilizando a extremidade achatada de um arame como chave de ourives, fundiu finos filamentos de solda com a chama da vela. Aí, pôde também ficar de olho no porto e observar o Capitão a andar de um lado para o outro nos conveses.

Perto do crepúsculo, ela regressou. Estava muito animada, radiante.

— Vejo que uma parte de ti ainda funciona — disse ela.

— Não consegui ficar na cama sem peixes para que olhar. Eram os meus móveis.

— Que impressão isso causaria! — disse ela. — Aparecer em Pyongyang com uma mala cheia de peixe. — Depois puxou o cabelo para trás para revelar um novo par de brincos feitos de finas tranças de ouro. — Não foi um mau negócio, há? Terei de usar o cabelo para cima para que as pessoas os possam ver. — Foi até junto do rádio. — Funciona?

— Sim, sim — disse ele. — Sim, armei uma antena. Porém, deveríamos instalá-la no telhado antes que a eletricidade seja cortada.



Ela agarrou no par de ténis *Nike*.

— Muito bem — disse ela. — Mas há uma coisa que tenho de fazer primeiro.

Desceram as escadas, cuidadosamente, até ao sexto andar. Passaram apartamentos que ressoavam com discussões familiares, mas a maior parte estava assustadoramente silenciosa. As paredes, ali, estavam pintadas com palavras de ordem dedicadas ao Querido e Grande Líderes, acompanhadas com representações de crianças a cantarem canções da revolução e alegres camponeses a descansarem durante a rica colheita, de foices ao alto, fitando a luz pura da sabedoria infinita.

A mulher do Segundo Marinheiro bateu a uma porta, esperou um momento, depois entrou. As janelas estavam cobertas por papel pardo e o quarto cheirava à micose das virilhas que alastrava pelos túneis da ZDC. Ali, encontraram um homem sentado numa cadeira de plástico, um pé envolto em ligaduras elevado sobre um banco. Pela forma das ligaduras, poder-se-ia ver que não havia espaço para os dedos dos pés. Vestia o fato-macaco da fábrica de conservas e a etiqueta com o nome dizia «Chefe de Equipa Gun». Os olhos de Gun iluminaram-se quando viu os sapatos. Pediu-os com um gesto, depois virou-os entre as mãos, cheirou-os.

— Consegues arranjar mais? — perguntou-lhe ele.

— Talvez — disse ela. Viu uma caixa sobre a mesa, mais ou menos do tamanho de um bolo de aniversário. — É isto?

— Sim — disse ele, maravilhando-se com os *Nike*. Depois apontou para a caixa. — Isto não foi fácil de arranjar, sabes bem, veio diretamente do Sul.

Sem olhar para o interior, ela pôs a caixa debaixo do braço.

— O que é que o teu amigo quer? — perguntou-lhe Gun.

Jun Do olhou à volta do quarto, para as caixas do estranho licor chinês e para as arcas de roupa velha, para os fios suspensos onde deveria ter havido um altifalante. Havia uma gaiola de pássaros, apinhada de coelhos. Respondeu por si:

— Não preciso de nada.

— Ah, mas eu perguntei o que querias — disse Gun, sorrindo pela primeira vez. — Anda, aceita um presente. Acho que tenho um cinto que te servirá. — Esticou-se para alcançar um saco de plástico que estava no chão, cheio de cintos usados.

— Não se incomode — disse-lhe Jun Do.

A mulher do Segundo Marinheiro viu um par de sapatos de que gostou. Eram pretos e quase novos. Enquanto ela os experimentava, Jun Do olhou para todas as caixas de mercadorias. Havia cigarros russos e pequenos sacos de comprimidos com rótulos escritos à mão e um prato cheio de

óculos de sol. Havia uma pilha de frigideiras e, com as asas a apontarem em diferentes direções, pareceram-lhe quase trágicas.

Numa pequena estante, encontrou os seus dicionários de inglês, e examinou as suas velhas anotações à margem sobre as expressões idiomáticas que um dia achara impossíveis, como «dry run» ou «close but no cigar». Vasculhando mais, encontrou o pincel de barbear de pelo de texugo que pertencera ao Capitão. Jun Do não censurava o Segundo Marinheiro por surripiar coisas, mesmo coisas pessoais, mas quando observou a mulher dele a olhar para os sapatos pretos num espelho, subitamente importava saber se fora ela ou o marido quem os vendera ali.

— Muito bem — disse ela. — Quero-os.

— Ficam bem — disse Gun. — Isso é couro japonês, sabes, o melhor. Traz-me outro par de ténis *Nike* e faremos negócio.

— Não — disse ela. — Os *Nike* são de longe muito mais valiosos.

Quando arranjar outro par, veremos o que tens de equivalente.

— Quando arranjares outro par, trá-lo para mim. Combinado.

— Combinado — disse ela.

— Ótimo — disse ele. — Leva esses sapatos, e então ficarás a dever-me uma.

— Ficarei a dever-te uma — disse ela.

— Não faças isso — disse-lhe Jun Do.

— Não tenho medo — disse ela.

— Ótimo — disse-lhe Gun. — Quando chegar a altura de poderes ser útil, procurar-te-ei, e então ficaremos quites.

Com a caixa debaixo do braço, prepararam-se para sair. Porém, sobre uma pequena mesa, uma coisa chamou a atenção de Jun Do. Pegou-lhe. Era um relógio de chefe de estação ferroviária, com uma pequena corrente. O Guardião dos Órfãos tivera um relógio assim, e com ele dirigia toda a vida deles, do alvorecer ao apagar das luzes, quando alugava os rapazes para limparem fossas sépticas ou descerem poços por cordas para desentupir coletores de óleo. Todos os momentos eram pautados por aquele relógio, e nunca lhes dizia as horas, mas eles sabiam através das suas expressões faciais como correriam as coisas até à próxima vez que ele o consultasse.

— Leva o relógio — disse Gun. — Obtive-o de um velho que me disse que funcionou perfeitamente durante a vida toda.

Jun Do pousou o relógio. Depois de terem saído e a porta se ter fechado, perguntou:

— Que lhe aconteceu?

— Feriu o pé o ano passado, num tubo sob pressão, uma coisa assim.

— O ano passado?

— O ferimento não iria fechar, foi o que disse o capataz.

— Não deverias ter feito aquele acordo com ele — disse Jun Do.

— Quando ele vier cobrar — disse-lhe ela — já cá não estarei há muito.

Jun Do fitou-a. Nesse momento sentiu-se verdadeiramente triste por ela. Pensou nos homens que estavam a manobrar para ficar com ela, o diretor em Sinpo e o velho chefe do Partido em Chongwang, homens que estavam naquele preciso momento a preparar as suas casas para a chegada dela. Fora-lhes mostrada uma fotografia, contada uma determinada história, ou apenas tinham ouvido pelos altifalantes a trágica notícia do herói que fora vitimado pelos tubarões, deixando uma bela e jovem esposa?

Subindo a escada em caracol até ao telhado, passaram pela porta metálica para o domínio da escuridão e das estrelas. Os cães adultos estavam soltos e inquietos, e seguiam-nos com os olhos. No centro do telhado, havia um telheiro protegido para manter os insetos afastados das metades de cão — esfregadas com sal grosso e grãos de pimenta esmagados —, penduradas para secarem ao ar do oceano.

— É bonito, aqui em cima — disse ele.

— Às vezes venho até cá acima para pensar — disse ela. Olharam para a água, ao longe. — Como são as coisas ali? — perguntou ela.

— Quando se perde a terra de vista — disse ele — pode-se ser qualquer pessoa, de qualquer lado. É como se não se tivesse um passado. Lá, tudo é espontâneo, cada pingo de água que anima, cada pássaro que pousa vindo de nenhures. Sobre as ondas, as pessoas dizem coisas que nunca imaginarias. Aqui, nada é espontâneo.

— Estou ansiosa por ouvir esse rádio — disse ela. — Consegues apanhar as estações de música pop de Seul?

— Não é esse género de rádio — disse ele, prendendo a antena na rede do canil dos cachorros, os cãesitos a correrem aterrorizados de um lado para o outro.

— Não percebo.

Jun Do atirou o cabo pelo beiral, onde poderia reavê-lo através da janela de baixo.

— Este rádio não recebe emissões — disse ele. — Transmite-as.

— Qual é o interesse disso?

— Temos uma mensagem para enviar.

No interior do apartamento, os seus dedos trabalharam com rapidez para ligar o cabo da antena e um pequeno microfone.

— Tive um sonho — disse-lhe ele. — Sei que não faz nenhum sentido, mas sonhei que o teu marido tinha um rádio, que estava num bote, dirigindo-se para águas cintilantes, brilhando como mil espelhos.

— Está bem — disse ela.

Jun Do ligou o rádio e ambos olharam para o brilho amarelo-sódio do

medidor de energia. Ele regulou-o para 63 megahertz, depois acionou um botão.

— Terceiro Marinheiro para Segundo Marinheiro, Terceiro Marinheiro para Segundo Marinheiro, terminado.

Jun Do repetiu isto, sabendo que, tal como ele não poderia ouvir, o Segundo Marinheiro não poderia responder. Por fim, disse:

— Meu amigo, sei que estás aí e não deves desesperar.

Jun Do poderia ter explicado como desentrançar apenas um filamento de cobre dos fios da bateria e depois ligá-lo a ambos os polos de modo a aquecerem o suficiente para acender um cigarro. Jun Do poderia ter dito ao Segundo Marinheiro para fazer uma bússola com o íman que havia nas bobinas, ou como à volta dos condensadores há uma chapa que ele poderia fazer cintilar como um espelho de sinais.

Mas as capacidades de sobrevivência de que o Segundo Marinheiro precisava diziam respeito a suportar a solidão e a tolerar o desconhecido, tópicos de que Jun Do tinha alguma prática.

— Dorme durante o dia — disse-lhe Jun Do. — À noite, os teus pensamentos surgirão mais claros. Olhámos para as estrelas juntos, faz o mapa delas todas as noites. Se estiverem nos lugares certos, estás a ir bem. Usa a tua imaginação apenas em relação ao futuro, nunca em relação ao presente ou ao passado. Não tentes imaginar os rostos das pessoas, entrarás em desespero se eles não te surgirem nitidamente. Se fores visitado por gente de muito longe, não penses nelas como fantasmas. Trata-as como família, faz-lhes perguntas, sê um bom anfitrião.

»Precisarás de um objetivo — disse ele ao Segundo Marinheiro. — O objetivo do Capitão era levar-nos para casa em segurança. O teu objetivo será permanecer forte para que possas salvar a rapariga que rema no escuro. Ela está em apuros e precisa de ajuda. És o único, aí, que a pode ajudar. Perscruta os horizontes à noite, procura luzes e sinais luminosos. Tens de a salvar por mim.

»Lamento se te deixei ficar mal. Era tarefa minha olhar por ti. Deveria salvar-te, e falhei. Eras tu o verdadeiro herói. Quando os americanos vieram, tu salvaste-nos a todos, e quando precisaste de nós, não estávamos lá para te ajudar. De alguma forma, um dia, vou endireitar as coisas.

Jun Do parou de emitir e a agulha do contador baixou. A mulher do Segundo Marinheiro apenas olhou para ele.

— Deve ter sido um sonho triste. Porque essa foi a mensagem mais triste que uma pessoa jamais enviou a outra. — Quando Jun Do assentiu, ela disse: — Quem é a rapariga que rema no escuro?

— Não sei — disse ele. — Apenas fazia parte do sonho.

Estendeu-lhe o microfone.

— Acho que lhe deverias dizer alguma coisa — disse ele.

Ela não lhe pegou.

— Isto é sobre o teu sonho, não o meu. Que diria eu? — perguntou ela. — Que lhe contaria?

— Que lhe terias dito se soubesses que nunca mais o voltarias a ver? — perguntou ele. — Ou não tens de dizer nada. Ele contou-me como adorava ouvir-te cantar.

Jun Do pôs-se de joelhos, virou-se e rolou para cima da enxerga. Deitado de costas, respirou fundo várias vezes. Quando tentou tirar a camisola, percebeu que não conseguiria.

— Não ouças — disse-lhe ela.

Ele pôs os dedos nos ouvidos, a mesma sensação íntima de usar auscultadores, e observou o movimento dos seus lábios. Ela falou apenas um bocadinho, os olhos em direção às janelas, e quando ele percebeu que ela estava a cantar, destapou os ouvidos e acolheu o som de uma canção de embalar:

*O gato está no berço, o bebé está na árvore.  
As aves lá em cima, todas dão bicadas.  
O papá está no túnel, a tempestade aí vem,  
Aqui chega a mamã, traz as mãos calejadas.  
Levanta o avental para o bebé o ver bem.  
Confiante, o bebé logo desceu da árvore.*

A sua voz era simples e pura. Toda a gente sabia as suas canções de embalar, como sabia ele a sua? Alguém lha cantara alguma vez, num tempo de que não se conseguia lembrar?

Quando ela terminou, desligou o rádio. As luzes em breve seriam apagadas, pelo que acendeu uma vela. Foi para junto dele, e havia algo novo nos seus olhos.

— Precisava disto — disse ela. — Não sabia que precisava disto. — Inspirou fundo. — Sinto-me como se tivesse tirado um peso dos ombros.

— Foi lindo — disse ele. — Reconheci aquela canção de embalar.

— Claro que sim — disse ela. — Toda a gente a conhece. — Colocou a mão sobre a caixa. — Tenho andado com isto, e não me perguntaste, nem uma vez, o que é.

— Mostra-me, então — disse ele.

— Fecha os olhos — disse-lhe ela.

Ele fechou. Primeiro ouviu-a correr o fecho do fato-macaco da fábrica e, depois, ouviu todo o processo, a abertura da caixa, o farfalhar do cetim grosso, o roçar de se meter dentro dele e de o puxar pernas acima, e de-

pois o sussurro de o fazer rodar no corpo, o requebro requerido pelo último ajuste, e depois os braços a entrarem pelas mangas, sem quase fazerem ruído.

— Já podes abrir os olhos — disse-lhe ela, mas ele não os queria abrir. De olhos fechados, conseguia ver a pele dela em longos clarões, da forma confortável do observador não observado. Ela estava a confiar nele, completamente, e ele desejava tudo menos que aquilo acabasse.

Ela ajoelhou-se de novo ao seu lado e quando ele realmente abriu os olhos, viu-a dentro de um cintilante vestido amarelo.

— Este é do género que se usa no Ocidente — disse ela.

— Estás linda — disse-lhe ele.

— Vamos lá tirar essa camisola.

Ela fez deslizar uma perna sobre a sua cintura, a orla do vestido cobrindo-lhe a barriga. Escarranchada sobre ele, puxou-lhe os braços até ficar sentado, depois, agarrando bem a camisola, deixou que a gravidade a fosse despindo à medida que ele tombava de novo para trás.

— Consigo ver os brincos daqui — disse ele.

— Pode ser que não tenha de cortar o cabelo, então.

Ele fitou-a. O amarelo do vestido brilhava no negrume dos seus cabelos.

Ela perguntou-lhe:

— Porque nunca casaste?

— Mau *songbun*<sup>17</sup>.

— Oh — disse ela. — Os teus pais foram denunciados?

— Não — respondeu ele. — As pessoas pensam que sou órfão.

— Isso chega, de facto — disse ela, depois hesitou. — Desculpa, isto souu mal, a forma como o disse.

O que havia mais para dizer? Jun Do encolheu os ombros.

— Disseste que o objetivo do meu marido era salvar a rapariga que remava nos teus sonhos — declarou ela.

— Disse-lhe isso apenas para o manter forte e concentrado — disse Jun Do. — A missão é sempre permanecer vivo.

— O meu marido não está vivo, ou está? Dir-me-ias, não é verdade?

— Sim, dir-te-ia — disse Jun Do. — Mas não, não está vivo.

Ela olhou-o nos olhos.

— A minha canção de embalar, toda a gente conseguiu ouvir aquela transmissão?

---

<sup>17</sup> Sistema de classificação, instaurado em 1957, que divide os cidadãos em três categorias principais (amigáveis, neutros e hostis) segundo os antecedentes familiares ou o comportamento dos parentes, em função do qual são determinados diversos fatores da vida social dos indivíduos (educação, alimentação, oportunidades, etc.). [N. do T.]

— No Mar do Leste, ninguém.  
— E em Pyongyang, conseguiriam ouvi-la lá?  
— Não — disse ele. — É demasiado distante, há montanhas. Os sinais viajam mais longe sobre a água.  
— Mas não há ninguém a ouvir — disse ela.  
— Navios, estações de navegação, embarcações, todos eles ouviram. E estou certo de que ele também ouviu.  
— Naquele teu sonho?  
— No meu sonho, sim — disse Jun Do. — O sonho com ele a flutuar para longe, as luzes brilhantes, o rádio. É tão real quanto os tubarões a emergirem das águas escuras, quanto os seus dentes no meu braço. Sei que uma das coisas é real e a outra é um sonho, mas estou sempre a esquecer-me de qual é qual, são ambas tão verdadeiras. Já não as consigo distinguir. Não sei qual delas.  
— Escolhe a história mais bela, com as luzes a brilhar, aquela em que ele nos consegue ouvir — disse-lhe ela. — É essa a verdadeira. Não a assustadora, não os tubarões.  
— Mas não é mais assustador estar completamente sozinho sobre as águas, completamente isolado de toda a gente, sem amigos, sem família, sem direção, sem nada como consolo a não ser um rádio?  
Ela tocou-lhe no rosto, de lado.  
— Essa é a tua história — disse ela. — Estás a tentar contar-me a tua história, não estás?  
Jun Do fitou-a.  
— Oh, meu pobre rapaz — disse ela. — Meu pobre rapaz. Não tem de ser assim. Vem para terra, as coisas podem ser diferentes. Não precisas de um rádio, eu estou mesmo aqui. Não tens de escolher a solidão.  
Ela inclinou-se e beijou-o ternamente na testa e uma vez em cada face. Sentou-se e fitou-o. Quando se inclinou de novo, movendo-se como se fosse beijá-lo, parou, mirando-lhe o peito.  
— O que é? — perguntou ele.  
— É estúpido — disse ela. Tapou a boca.  
— Não, não é. Diz-me.  
— É que só estou habituada a olhar para o meu marido e ver a minha cara sobre o coração dele. Nunca conheci nada diferente.

\*

De manhã, quando os apitos soaram e o bloco habitacional era uma colmeia de altifalantes, foram ao telhado retirar a antena. O Sol da manhã rasava brilhante sobre as águas, porém, sem o calor que fazia reviver as moscas

ou o fedor dos excrementos dos cães. Os cães, que pareciam abocanhar-se e pastorearem-se uns aos outros o dia todo, estavam encolhidos numa única massa dormente ao ríspido ar da manhã, o pelo coberto de orvalho.

A mulher do Segundo Marinheiro foi até à beira do telhado e sentou-se com as pernas a balouçarem sobre a borda. Jun Do juntou-se-lhe, mas a visão do pátio dez andares abaixo fê-lo fechar os olhos por um momento.

— Não serei capaz de utilizar o luto como desculpa durante muito mais tempo — disse ela. — No trabalho, vão fazer-me uma sessão de crítica e restabelecer a minha quota.

Em baixo, uma regular procissão de trabalhadores envergando fatos-macacos atravessava o pátio, cruzando os trilhos das carretas do peixe e passando pela casa do Mestre Conserveiro até aos portões da fábrica de processamento de peixe.

— Nunca me procuram — disse ela. — Sento-me ali durante o tempo todo a observá-los. Nenhum deles alguma vez me procurou e me apanhou.

Jun Do encontrou coragem para olhar para eles lá em baixo, e não era nada comparado com olhar para as profundezas do oceano. Trinta metros de ar ou mar matam-nos de igual modo, mas a água transporta-nos, lentamente, para um novo reino.

Para o lado do mar, era agora difícil olhar para o Sol, tantas eram as cintilações fora de água. Se isso a fez lembrar-se do sonho de Jun Do acerca do marido, não o mostrou. O *Junma* poderia agora distinguir-se dos outros barcos no porto, com a sua peculiar arfada da proa à popa, provocada até pelo mais ténue rasto de uma embarcação que passasse. As suas redes estavam de novo a bordo e, em breve, estaria outra vez a navegar. Semicerrando os olhos para os proteger, Jun Do discerniu uma figura no parapeito, olhando para a água. Só o Capitão fixaria assim o olhar na água.

Em baixo, no pátio, parou um *Mercedes* preto. Ia a deslizar muito devagar sobre o pequeno e esburacado trilho das carretas do peixe, parando sobre a relva do pátio. Saíram dele dois homens de fato azul.

— Não acredito — disse ela. — Está a acontecer.

Os homens, lá em baixo, com a mão sobre os olhos, inspecionaram rapidamente o edifício. Com o ruído das portas dos carros a fecharem-se, os cães levantaram-se e sacudiram a humidade do pelo. Ela virou-se para Jun Do.

— Está realmente a acontecer.

Depois encaminhou-se para a porta metálica de acesso às escadas.

A primeira coisa que ela fez foi vestir o vestido amarelo, e desta vez não se deu ao trabalho de pedir a Jun Do para fechar os olhos. Moveu-se freneticamente pelo apartamento de quarto único, atirando coisas para dentro da mala.



— Não posso acreditar que já aqui estão — disse ela. Olhou em volta do quarto e a sua expressão sugeria que tudo o que ela necessitava lhe estava a fugir. — Não estou pronta. Não tive oportunidade de cortar o cabelo. Ainda estou longe de estar pronta.

— Preocupo-me com o que te acontece — disse-lhe Jun Do. — Não os posso deixar fazerem-te isto.

Ela estava a tirar coisas de uma cómoda.

— Isso é querido — disse ela. — Tu também és querido, mas é o meu destino, tenho de ir.

— Temos de te tirar daqui — disse-lhe Jun Do. — Talvez pudéssemos levar-te ao teu pai. Ele saberá o que fazer.

— Estás louco? — perguntou ela. — Ele é o culpado de eu ter ficado aqui presa.

Por alguma razão, ela deu-lhe uma pilha de roupas para a mão.

— Há uma coisa que eu deveria ter-te dito — disse ele.

— Acerca de quê?

— O velho interrogador. Ele descreveu os tipos que escolheram para ti.

— Que tipos?

— Os teus maridos de substituição.

Ela parou de emalar coisas.

— Há mais do que um?

— Um é diretor em Sinpo. O outro é velho, um funcionário do Partido, em Chongwang. O interrogador não sabia qual deles ia ficar contigo.

Ela empinou a cabeça, confundida.

— Tem de haver algum engano.

— Vamos só tirar-te daqui — disse ele. — Eu ganho-te algum tempo até eles regressarem.

— Não — disse ela de olhos fixados nele. — Podes fazer uma coisa acerca disto, és um herói, tens poderes. Não te podem dizer que não.

— Não me parece — disse Jun Do. — Acho que isto realmente não funciona dessa forma.

— Diz-lhes para se irem embora, diz-lhes que vais casar comigo.

Bateram à porta.

Ela agarrou-lhe o braço.

— Diz-lhes que vais casar comigo — disse ela.

Ele estudou-lhe o rosto, vulnerável — nunca a vira assim.

— Tu não queres casar comigo — disse-lhe ele.

— És um herói — disse ela. — E eu sou a esposa de um herói. Tu precisas de vir a mim. — Agarrou na orla da saia e estendeu-a como um avental. — És o bebé na árvore, e só precisas de confiar em mim.

Ele foi até à porta, mas parou antes de a abrir.

— Falaste sobre o objetivo do meu marido — disse ela. — E o teu? E se o teu objetivo for eu?

— Não sei se tenho um objetivo — disse-lhe ele. — Mas tu tens o teu, é Pyongyang, não o homem do rádio em Kinjye. Não te subestimes, vais sobreviver.

— Sobreviver como tu? — perguntou ela.

Ele não disse nada.

— Sabes o que és? — disse ela. — És um sobrevivente que não tem nada por que viver.

— O que preferirias, que eu morresse por algo com que me preocupasse?

— Foi o que o meu marido fez — disse ela.

A porta abriu-se, à força. Eram os dois homens lá de baixo. Não pareciam contentes acerca de todas aquelas escadas.

— Pak Jun Do? — perguntou um deles, e quando Jun Do assentiu, disse: — É preciso que venhas connosco.

O outro perguntou:

— Tens um fato?